

LUIZ

ESPINOSA
SEM SAÍDA

ALFREDO
GARCIA-ROZA



COMPANHIA DAS LETRAS

DADOS DE COPYRIGHT

Sobre a obra:

A presente obra é disponibilizada pela equipe [X Livros](#) e seus diversos parceiros, com o objetivo de disponibilizar conteúdo para uso parcial em pesquisas e estudos acadêmicos, bem como o simples teste da qualidade da obra, com o fim exclusivo de compra futura.

É expressamente proibida e totalmente repudiável a venda, aluguel, ou quaisquer uso comercial do presente conteúdo

Sobre nós:

O [X Livros](#) e seus parceiros disponibilizam conteúdo de domínio público e propriedade intelectual de forma totalmente gratuita, por acreditar que o conhecimento e a educação devem ser acessíveis e livres a toda e qualquer pessoa. Você pode encontrar mais obras em nosso site: xlivros.com ou em qualquer um dos sites parceiros apresentados neste link.

Quando o mundo estiver unido na busca do conhecimento, e não lutando por dinheiro e poder, então nossa sociedade enfim evoluirá a um novo nível.

LUIZ
ALFREDO
GARCIA-ROZA

ESPINOSA
SEM SAÍDA



COMPANHIA DAS LETRAS

PARTE I

Confrontação

Era um início de tarde, quando o calor atinge seu ponto máximo, a água da bica é quente, o asfalto das ruas é grudento e não se percebe a mais leve brisa no céu sem nuvens.

O menino estava sentado no degrau do portão da casa com os pés na calçada, os cotovelos apoiados nos joelhos e as mãos em vê segurando o queixo. Vestia short e camiseta e calçava sandálias. Devia ter sete ou oito anos de idade e olhava para as coisas com lentidão, os olhos castanhos parecendo derreter sob o sol. Não olhava a rua como se estivesse à espera de alguém, olhava a calçada fronteira pelo simples fato de que era para aquela direção que estava voltada a cabeça apoiada entre as mãos. Parecia estar aguardando alguma coisa que sabia demorar muito a chegar.

Conhecia todas as casas da rua. Não por dentro, mas por fora, embora já tivesse entrado em algumas delas; eram todas parecidas com a sua: dois pavimentos, jardim na frente e quintal na parte dos fundos. Mas naquele momento não parecia interessado no interior das residências, era para a rua que olhava. Conhecia cada árvore, cada buraco na calçada, cada reentrância secreta nos muros das casas, cada automóvel estacionado ao longo do meio-fio; conhecia o sorveteiro, o carteiro, os entregadores; conhecia os cachorros que vadiavam pelas calçadas e que àquela hora estavam desaparecidos. Do seu pequeno mirante ao rés-do-chão, o menino observava aquele mundo particular que, apesar de limitado em espaço, era infinito em detalhes, segredos, esconderijos, pequenos e grandes habitantes, mistérios.

As sombras eram tão fortes e nítidas que pareciam pintadas no chão. Toda a vida animal estava recolhida. Se algum passarinho arriscava um vôo era para procurar proteção sob uma árvore. E quando ocasionalmente passava um carro, o contato do pneu com o asfalto produzia um ruído pegajoso.

Da janela do segundo andar o homem olhava, havia algum tempo, o menino sentado no portão. Pensou em dizer-lhe para sair do sol, sentar num lugar à sombra, proteger-se, mas da distância em que se encontrava teria que gritar e tinha medo de perturbar. Não sabia bem o que seu grito perturbaria, ou mesmo se era possível provocar alguma perturbação. Não havia mais ninguém na rua; também não parecia haver ninguém dentro das casas, nem mesmo dentro da casa do menino: as janelas estavam com as venezianas fechadas e não se via movimento algum do lado de fora. Talvez as pessoas estivessem dormindo. Havia apenas ele no portão.

O homem fez um movimento de quem ia sair da janela, mas o olhar permanecia voltado para a rua. Decidindo-se, retomou a posição original, braços apoiados no peitoril da janela. Olhava para o menino com a mesma obstinação com que o menino olhava para a calçada fronteira ao seu portão, mas não com a mesma serenidade. O menino não dava nenhum sinal de desconforto ou sofrimento. O sol e o calor pareciam não afetá-lo, dava a impressão de que agiria da mesma forma caso estivesse chovendo. Era o que o homem parecia estar pensando enquanto olhava da janela. Talvez ponderasse ainda que os meninos quando sozinhos estavam sempre fazendo alguma coisa. Pelo menos assim tinha sido com ele próprio. Mesmo sozinhos, os meninos brincam com carrinho, bola de gude, com pedra, alguns brincam com um companheiro imaginário. Mas aquele menino não estava brincando, ele nem sequer se movia. Apenas olhava.

Da janela, o homem viu os outros três dobrarem a esquina pela mesma calçada, vindo na direção do menino. Percebeu também quando o menino captou o movimento e moveu ligeiramente a cabeça para a direita. Dos três, um era bem maior, talvez tivesse uns treze anos; os outros dois se igualavam ao menino em tamanho, embora aparentassem mais idade. Estavam sem camisa e descalços. A peça de roupa comum aos quatro era o short, embora os dos recém-chegados estivessem mais sujos e com alguns furos visíveis. O menino voltou a cabeça para a posição original e continuou a olhar para a calçada em frente. Os três se aproximavam preguiçosamente, o andar lento e gingoso, conversando entre si, olhos voltados para o portão.

De onde estava, o homem não era capaz de perceber os detalhes, sobretudo não conseguia ouvir o que conversavam. Eram meninos pobres, os recém-chegados, e a lata com comida que passavam um para o outro sob o controle do mais velho era a prova disso. O homem viu os três se aproximarem do ponto onde o menino estava e sentarem-se no meio-fio bem defronte, de costas para ele. O menino continuou com os cotovelos apoiados nos joelhos, a cabeça entre as mãos e o olhar voltado para a calçada defronte, só que agora o olhar estava interceptado pela imagem dos três forasteiros.

Assim que se sentaram no meio-fio, os três reiniciaram o almoço interrompido. Havia apenas uma lata de comida. O menino maior se servia retirando com a mão um pequeno punhado, repetia o gesto uma ou duas vezes e passava a lata para os outros, pegando-a de volta assim que eles se serviam, reiniciando o processo. Não faziam aquilo com pressa e não havia voracidade no comer. O homem calculou que o conteúdo da lata devia corresponder ao de um prato fundo bem cheio, o que não era muito para três crianças certamente mal alimentadas.

Um carro surgiu na esquina, passou devagar como se estivesse procurando um endereço e voltou a desaparecer na esquina seguinte. Os quatro meninos o seguiram com o olhar.

Até aquele momento, nenhum deles dissera uma única palavra. Da janela, o homem viu o menino maior passar a lata para o colega do lado, virar-se para trás e falar alguma coisa que não conseguiu captar. Os outros dois também se viraram. Os três continuavam sentados no meio-fio, mas com o rosto voltado para o menino no portão atrás deles, a menos de três metros de distância. O homem não foi capaz de distinguir se o menino respondeu alguma coisa ou mesmo se fora ele o primeiro a falar. Passados alguns segundos, os três meninos voltaram a olhar para a frente e recomeçaram a comer, mas apenas os dois menores se serviram. O maior olhava à sua frente para o mesmo ponto do olhar do outro menino. Não havia nada de especial a ser visto, apenas o muro branco da casa em frente.

Num gesto brusco, o menino maior se levantou e foi de dedo em riste para o menino do portão. O homem entendeu que ele mandava

o menino se levantar. Ele se levantou. Os dois meninos que estavam no meio-fio também se levantaram e ficaram à distância. O menino maior era magro e seco, bem mais alto e mais velho que o menino do portão. Ficaram os dois de pé, frente a frente, sem dizer nada. O corpo tenso do menino maior contrastava com a atitude desarmada, os braços soltos ao longo do corpo, do menino do portão.

Sem nenhum aviso, o maior desferiu um soco que atingiu em cheio o rosto do menor. Da janela, o homem pôde perceber a expressão de perplexidade do menino, sempre de braços estendidos ao longo do corpo. Ele olhava para os lados, como que a pedir ajuda a alguém que passasse, à vizinha da casa em frente, ao sorveteiro e ao tintureiro, olhava para as janelas da sua casa e procurava o olhar do pai e da mãe, procurando socorro, mas nenhum som saía da sua boca, assim como não havia ninguém na rua. Viu ao longe o homem, mas ele estava longe e nunca saía da janela. O menino continuava com os dois braços estendidos ao longo do corpo. Quando o maior percebeu que não havia contra-ataque, nem mesmo uma atitude defensiva por parte do adversário, desferiu um segundo soco, e um terceiro, todos atingindo o rosto do menino, que sangrava pelo nariz e tinha o lábio cortado. O maior golpeava o menor sem que este esboçasse o mínimo gesto de defesa. O homem tentou gritar da janela, mas o som saiu fraco. Passou a agitar desesperada e inutilmente os braços; o menino continuava na sua imobilizante perplexidade. O menino maior virou-se, disse alguma coisa para os outros dois, e os três se afastaram sem pressa na direção de onde tinham vindo, deixando junto ao meio-fio a lata vazia de comida.

O menino continuou parado, olhando fixo para a frente, nariz e boca sangrando, braços largados ao longo do corpo. Passado algum tempo, deu meia-volta, cruzou o portão e entrou em casa.

1

Espinosa distinguiu com clareza os sons vindos da rua e tinha plena consciência de estar deitado na sua própria cama, mas ainda não se dispusera a abrir os olhos. Tentava adivinhar as horas: mais de seis, com certeza, seis e meia era um bom palpite. Poderia consultar o relógio na mesinha-de-cabeceira, a dois palmos da sua cabeça, mas isso significaria aceitar-se tecnicamente acordado. Conservava os olhos fechados. Tudo o que queria naquele momento era a lentidão preguiçosa com que deixava aflorar a imagem de Irene subindo os dois andares de escada carregando sacolas e anunciando vinhos, queijos e pães enquanto ele, do alto da escada, olhava seu vestido leve mover-se sobre o corpo, modelando as coxas, a curva dos quadris, os seios, insinuando mais do que mostrando. A cena imaginária, na fronteira do despertar, não era a da noite anterior nem a de nenhuma noite específica recente ou remota, mas a antecipação do encontro que teriam naquela noite de sexta-feira. Daí a relutância em abrir os olhos e se confrontar com a realidade estúpida do relógio. Ele marcava seis e vinte quando Espinosa decidiu se levantar.

Estava ligando a cafeteira quando o telefone tocou.

— Bom dia, delegado, desculpe acordar o senhor.

— Não acordou. O que aconteceu?

— Um homem foi morto com um tiro no peito no final da rua Mascarenhas de Moraes, aquela ladeira que sai da rua Tonelero. Achamos que o senhor gostaria de ver o corpo antes de ser removido.

— Não é uma questão de gostar, detetive.

— Modo de falar, delegado, desculpe.

— E por que você achou que eu gostaria? A vítima é conhecida?

— Não, delegado, é um sem-teto, idoso, não tem uma perna... Foi morto com um tiro no peito.

— Um tiro só?

— Só um. A curta distância. No coração. No meio da noite e da chuva. Ele ficou estirado no final da rua... naquele retorno redondo...

— Cul-de-sac.

— Como?

— O nome daquilo é cul-de-sac... é francês.

— Pois então, ele estava caído junto ao meio-fio, foi encontrado pelo garagista do único prédio naquele fim de rua. Vou mandar uma viatura pegar o senhor em casa, está chovendo e o acesso ao local é cansativo sem carro.

— E como ele chegou lá?

— Pois é... Ninguém sabe.

Antes mesmo de o carro iniciar a subida, Espinosa identificou a ladeira. No seu registro arcaico não se chamava rua Marechal Mascarenhas de Moraes, mas ladeira do Otto. Não que fosse esse o nome original da rua, mas, na lembrança dos seus treze anos, ele e seus amigos só se referiam à rua como a ladeira do Otto. Nunca viram nenhuma placa com esse nome nem conheciam nenhum morador da rua chamado Otto, como tampouco Otto era uma homenagem do pequeno grupo de pré-adolescentes a algum ídolo juvenil. Por um motivo desconhecido, um dia algum deles se referiu à ladeira como sendo ladeira do Otto e assim ela passou a ser chamada para sempre. Passados trinta anos, ali estava ele sem a sua bicicleta inglesa, o mais incrível presente que o pai lhe dera, misturando sentimentos tão contrários como a lembrança da intensa emoção que precedia a descida de bicicleta e a tristeza de ver o homem sem uma perna, morto com um tiro no peito, caído na rua. A mesma geografia e histórias tão distintas.

A rua é na verdade uma ladeira em *esse*, muito íngreme, na encosta rochosa do morro São João, em Copacabana, toda ela pavimentada com paralelepípedos; nos seus quatrocentos metros de

extensão apresenta duas curvas que exigem perícia tanto do motorista como do pedestre. A ladeira tem início na rua Tonelero e termina num pequeno largo de onde, tempos antes, era possível descortinar grande parte de Copacabana e o mar. Essa vista foi bloqueada por um prédio construído na face externa da ladeira, o que reduziu o cul-de-sac a um retorno sombrio e sem graça. A metade do largo circular que dá para o morro é limitada por um paredão natural, de pedra, quase todo coberto pela vegetação da encosta. Acompanhando esse paredão, foi construída em tempos remotos uma escadaria de cimento que tem início no cul-de-sac e que acompanha a curva do morro e desaparece em meio às árvores da encosta. O acesso à escadaria, um pequeno pórtico talhado na pedra, foi fechado com um robusto portão de madeira. A outra metade do pequeno largo, outrora voltada para o mar, é toda ela limitada por um muro alto de alvenaria e os cinco pavimentos do prédio. Há ainda um portão de ferro, bem maior do que o primeiro, dando para os fundos de um terreno que acompanha o declive do morro até a rua Tonelero, distante duzentos metros morro abaixo, e que pertence a um educandário religioso. O retorno é de uso quase exclusivo dos moradores da rua.

O corpo estava num ponto do retorno em que a calçada forma uma reentrância junto à pedra. O saco plástico estendido sobre o corpo não era suficiente para cobrir a canela magra e o único pé, de cujo dedão pendia uma sandália havaiana gasta no calcanhar. As duas muletas haviam sido colocadas sobre o plástico para fazer peso.

O prédio mais próximo, grande e inadequado ao local, ficava a poucos metros de onde estava o corpo. As construções vizinhas eram mansões luxuosas que haviam resistido à escalada imobiliária. O garagista e o porteiro do prédio já haviam respondido às perguntas do policial da PM que atendera ao chamado. O garagista que encontrara o corpo esperava impaciente e curioso que aquele outro policial sem farda, que chegara em outro carro e que parecia mais importante que os anteriores, o chamasse. Mas no momento o homem estava mais interessado nos paralelepípedos, no meio-fio, em pequenas coisas que catava do chão e guardava em um saco plástico. Em seguida, o homem examinou os bolsos do morto, chegando a

procurar alguma coisa por debaixo da camisa e por dentro da bermuda. Finalmente, pegou as muletas e examinou-as com o mesmo cuidado com que examinara a roupa. Se estava procurando alguma coisa, não encontrou. O homem já estava naquela busca havia quase uma hora quando chegou um carro, o mesmo que o deixara lá em cima, e dele saltaram dois homens também à paisana e com guarda-chuvas, que foram imediatamente cumprimentar o primeiro. Somente então olharam na direção dele, garagista, e foram ao seu encontro. O homem que antes catava coisas no chão falou:

— Bom-dia. Sou o delegado Espinosa, da 12^a DP. Estes são o inspetor Ramiro e o detetive Welber. Como é o seu nome?

— Severino.

— Foi você que encontrou o corpo?

— Foi, sim senhor.

— Que hora era?

— Ainda estava escuro. Devia ser antes das cinco.

— E o que você foi fazer lá fora, no escuro e com chuva?

— Eu sou porteiro noturno e também garagista. Lavo e manobro os carros. Quando a garagem está cheia eu tenho que tirar um ou dois carros e colocar lá fora, para poder arrumar os outros de acordo com a hora de saída. Foi quando eu tirei o primeiro carro e fui deixar lá fora que o farol iluminou o corpo caído no chão. Achei logo que estava morto. Com aquela chuva, se fosse bebedeira, ele tinha acordado.

— E você foi verificar se ele estava morto mesmo?

— Deixei o farol do carro aceso e fui a pé. A chuva tinha espalhado o sangue, mas dava pra ver o buraco no meio do peito. Voltei e telefonei pra polícia.

— Não tocou no corpo?

— Não senhor.

— Enquanto você estava lavando os carros, não ouviu barulho de tiro ou barulho de carro manobrando na rua?

— Chovia muito, tinha trovoada, e eu não saí da garagem até a hora de manobrar os carros.

— Tinha mais alguém com você na garagem?

— Não senhor.

— Você conhecia o morto?

— Já tinha visto ele, mas não sei quem é. Reconheci por causa da perna...

— Sabe o que ele fazia aqui em cima?

— Acho que o pessoal do clube dá um prato de comida pra ele no fim do dia.

— Que clube?

— O clube Horizonte. Fica logo ali, depois daquele prédio, perto da curva.

— Quer dizer que todo dia ele subia essa ladeira com uma perna só? Até com chuva?

Estavam conversando na porta da garagem do prédio, e Severino a todo momento olhava para dentro ao mesmo tempo que torcia nas mãos o pano com que enxugava os carros.

— Você está preocupado com alguma coisa? — perguntou Espinosa.

— Não senhor. É que pode chegar algum morador querendo sair de carro.

— Está bem, Severino, obrigado pela sua ajuda. O detetive Welber vai anotar seu nome e telefone, para o caso de precisarmos falar com você novamente. Se você se lembrar de mais alguma coisa, aqui está o meu cartão, pode telefonar a qualquer hora.

A chuva tinha dado uma trégua e os três voltaram para junto do corpo. Espinosa fez um gesto amplo, apontando para o retorno:

— Vasculhei toda essa área, cada paralelepípedo, e não encontrei nenhuma cápsula — disse.

— O assassino pode ter usado um revólver, e não uma pistola.

— Ou então ele recolheu a cápsula deflagrada... O que não combina com o pessoal do tráfico, eles pouco se importam com esses detalhes; além do mais, raramente dão só um tiro. Daqui a pouco os moradores vão começar a sair para o trabalho, aproveitem para perguntar se eles viram ou ouviram alguma coisa, e voltem mais tarde para falar com os que ficaram em casa. Procurem os insones e os notívagos.

O carro da PM que atendera ao chamado do porteiro continuava estacionado junto ao meio-fio, as luzes do teto piscando, na frente do carro da 12ª DP. Se algum outro carro viesse fazer o retorno, seu motorista teria dificuldade para manobrar na rua estreita, já que o cul-de-sac estava bloqueado com a fita amarela da polícia. Espinosa sabia que o corpo não seria removido antes do meio-dia, e que a perícia não teria muita coisa a fazer no local — a chuva que caíra forte durante toda a noite lavara a cena do crime.

— Vejo vocês na delegacia. Fiquem com o carro. Quero voltar a pé.

A descida íngreme e o calçamento molhado exigiam que Espinosa ficasse atento para não escorregar, enquanto observava as casas próximas. O clube ficava na encosta do morro, afastado da rua e protegido por um muro de arrimo com uma entrada para carros e pedestres. Aquele clube ainda não existia no tempo de suas aventuras de bicicleta. Na verdade, poucas casas restavam daquela época, a maior parte substituída por pequenos prédios de apartamento que ocupavam quase toda a encosta do morro. Espinosa continuou descendo, experimentando nas curvas mais fechadas e íngremes manter o equilíbrio com uma perna só. Deu para imaginar que, mesmo com o apoio de muletas, não teria sido nada fácil para o sem-teto subir e descer a ladeira. Continuou a descida, pensando no que levaria uma pessoa com dificuldade de locomoção a procurar esmola em um lugar de acesso tão difícil, pouco visível, numa noite de chuva forte. No percurso de mais três quadras até a 12ª DP, acumulou algumas respostas a essa pergunta. Nenhuma delas satisfatória.

Tanto a pergunta como as possíveis respostas ainda não faziam parte de uma verdadeira investigação, mas engrossavam o volume de

conjecturas que assinalavam para ele próprio que alguma coisa estava se iniciando em sua cabeça. Ainda não podia receber o nome de investigação, tratava-se muito mais de um mingau intelectual que misturava observações de grande acuidade, raciocínios sutis e idéias delirantes. Era o que considerava um estado pré-pensante e que, para alívio dele próprio e dos seus colegas, era passageiro... embora ocasionalmente fecundo.

Trataria de não pensar no assunto até o retorno de Welber e Ramiro, na hora do almoço. Como não gostava de falar sobre os casos em andamento enquanto comia, era provável que só viessem a discutir o assunto no início da tarde, o que não queria dizer que outras idéias não surgissem em sua mente nesse intervalo.

Camila e Aldo tinham estilos opostos de despertar. Enquanto o dela era lento, lânguido, por etapas, e envolvendo alongamentos felinos, o dele era brusco, tenso, passando diretamente do sono para um estado de prontidão absoluta. E na manhã daquela sexta-feira foi ele quem acordou primeiro. Seis e meia. Desligou o despertador, que estava regulado para as sete, levantou-se sem fazer barulho e entrou no banheiro. Quando voltou ao quarto, já de banho tomado e barba feita, Camila estava em pleno ritual do despertar, coisa que se prolongaria por quase meia hora. Estavam casados havia mais de dez anos e ele nunca deixara de se fascinar com o desabrochar matutino de sua mulher. Nenhuma outra, até aquela data, se igualara a ela em beleza e sensualidade, embora não fossem atributos ostensivamente evidentes. Eles invadiam o espectador aos poucos, até ele ser irremediavelmente capturado pelo fascínio de Camila. Em seguida foi acordar as crianças, cujo estilo matutino diferia inteiramente do dos pais. Nem languidez nem tensão, mas resistência: lutavam pelo direito de mais um minuto na cama apesar dos beijos e chamados do pai. Cíntia era em tudo parecida com a mãe: bonita, charmosa e sedutora do alto dos seus nove anos; Fernando, um ano mais novo, era tão inteligente quanto a irmã, só que mais silencioso. Estudavam em uma escola de ensino bilíngüe e horário integral. Nos dias de semana tomavam o café-da-manhã todos juntos. Quando o ônibus da escola passou para apanhá-los, ainda chovia.

— E então? — fez Camila, enquanto passava os olhos no jornal.

— Então o quê?

— Ontem à noite, durante o jantar, você estava falante, comunicativo... e na volta para casa não disse uma única palavra e dormiu sem nem dizer boa noite.

— Desculpe. É que, quando acabou o jantar, acabou a representação. Veio o desânimo, o cansaço de ter que fingir que aqueles filhinhos de papai são inteligentes e interessantes quando na verdade são bonecos falantes.

— Mas aqueles bonecos falantes têm dinheiro para pagar o melhor arquiteto de interiores do Rio de Janeiro.

— Fiz o que eles pediram. Me limitei a suprimir os absurdos e acrescentar algumas idéias minhas.

— Pois então. Nisso reside a magia da profissão: eles acharem que suas idéias foram deles.

— Então poderiam dispensar esses jantares de exibição da casa nova.

— Mas, querido, eles querem exibir também o novo arquiteto. Convenhamos, faz bem ao ego deles e também ao seu... Além de fazer bem ao seu bolso.

— Eles nem viram o dinheiro! Passou diretamente da conta do pai dela para a minha conta.

— Melhor assim, diretamente da fonte. Mas você ainda não me disse por que voltou para casa deprimido. Alguma coisa que alguém disse?

— Não sei o que foi, mas já passou. Você vai sair agora?

— Não, hoje só tenho paciente na parte da tarde. Agora de manhã vou cuidar do corpo e do cabelo.

— Podemos jantar fora, só nós dois, vê se consegue alguém para ficar com as crianças.

Aldo e Camila moravam em uma das quadras mais nobres de Ipanema, a meio caminho entre a praia e a Lagoa e a duas quadras

do Jardim de Alá. Camila ia a pé para o consultório e para tudo o mais necessário ao seu bem-estar pessoal. Não gostava da companhia de amigas para fazer compras, ir à academia de ginástica ou conferir as publicações mais recentes na livraria do bairro. Apenas os aniversários e os jantares em casa de amigos eram programas em grupo; fora esses, preferia estar sozinha ou na companhia do marido. A academia de ginástica cumpria não apenas a função de manter o corpo em forma como também a de esvaziar a cabeça dos resíduos desagradáveis do cotidiano.

Preferia freqüentar a academia de ginástica depois das oito da manhã, quando a primeira leva de associados, a dos que precisavam estar no trabalho às nove, já tinha saído, e o grupo dos que acordavam tarde ainda não havia chegado. E a manhã com chuva parecia não convidar as pessoas a sair de casa para fazer ginástica, pelo menos foi o que inferiu quando encontrou disponíveis os aparelhos mais disputados. Uma hora de ginástica diária era tempo suficiente para a finalidade que havia se proposto. Quando saiu da academia, já de banho tomado, a chuva havia cessado e o comércio abria as portas. Gostava de perder tempo vagando pelas galerias, entrando em lojas, demorando-se na livraria ou experimentando uma roupa, mas freqüentemente voltava para casa sem ter comprado nada. Às onze horas estava no cabeleireiro e ao meio-dia e meia almoçava uma salada na varanda de um dos restaurantes do bairro. Às duas horas em ponto recebia seu primeiro paciente do dia.

Aldo, assim que passou a fazer sucesso como arquiteto de interiores (não gostava quando o chamavam de decorador), alugou um apartamento na avenida Atlântica, de frente para o mar, num prédio antigo do Posto Seis que impressionava muito favoravelmente os clientes, e lá montou seu escritório. Trabalhavam com ele Mercedes, arquiteta jovem e bonita formada recentemente, e dois estagiários de pouco mais de vinte anos de idade, Rafaela e Henrique, estudantes de arquitetura. Quando acontecia de estar com mais de uma obra em andamento ou desenvolvendo vários projetos, contratava mais auxiliares. Não tinha interesse em manter um grande escritório com uma equipe permanente de profissionais

especializados; preferia concentrar no pequeno grupo sob sua orientação os projetos contratados. Preferia que procurassem por Aldo Bruno, arquiteto, em vez de procurarem por Bruno Arquitetura de Interiores Ltda. ou algo semelhante. Além do mais, o prédio era residencial, não poderia colocar uma placa na porta com o nome da firma. Nada impedia, porém, que tivesse uma pequena placa de metal amarelo, do tamanho de um cartão de visitas, com seu nome gravado em elegantes letras pretas. No que dizia respeito ao condomínio, não se tratava de uma firma de arquitetura, mas do seu ateliê de trabalho.

O sucesso profissional tivera início com um jantar promovido por Camila na casa dos pais para apresentar o marido a amigos deles, selecionados por ela, todos muito ricos e com filhos que regulavam com ela em idade. A esse jantar seguiram-se pequenas reuniões com os filhos, agora na casa deles, não mais na dos pais, todos interessados em fazer reformas. Claro que esse esforço não seria bem-sucedido se não fosse o talento dele.

Por volta do meio-dia e meia, mesma hora em que Camila almoçava em Ipanema, Aldo saiu para almoçar num restaurante japonês ao lado do escritório.

No decorrer da manhã, o tempo foi melhorando. Perto do meio-dia havia mais céu azul do que nuvem. Quando Ramiro e Welber voltaram a se encontrar com o delegado e saíram os três para almoçar, o sol forte já secava as calçadas. Ramiro fez o relato:

— Delegado, ninguém do prédio e das casas vizinhas viu nem ouviu nada, mas em uma das casas perto do prédio, a terceira antes de chegar ao lugar onde foi encontrado o morto, houve uma festa ou um jantar que terminou às duas da madrugada, mais ou menos. Falamos com os empregados, os patrões ainda estavam dormindo. Tinham se mudado naquela semana, depois de meses de obras. Ontem à noite eles deram um jantar para mostrar a casa aos amigos e homenagear o arquiteto que fez a reforma, um homem chamado Aldo Bruno. Foram catorze pessoas, além dos donos da casa.

— Claro que os convidados chegaram de carro — disse Espinosa.
— Sete ou oito carros, cinco dos quais devem ter ficado estacionados

nos dois lados da ladeira e uns dois no retorno. Vi hoje de manhã que muitos moradores param os carros na ladeira, sobrando poucas vagas para visitantes, e todos têm que dar a volta naquele fim de rua. Se ninguém viu nada, é sinal de que o crime aconteceu depois que os últimos convidados foram embora. Voltem àquela casa depois do almoço e consigam o nome e o telefone dos que foram ao jantar, descubram quais foram os últimos a sair.

Desceram a rua Hilário de Gouveia e dobraram à esquerda na avenida Copacabana em direção à trattoria da rua Fernando Mendes onde Espinosa almoçava sempre que podia escapar dos sanduíches e dos milk-shakes. Ramiro e Welber não conseguiam almoçar diariamente em restaurante nem quando o preço era acessível, como no caso da trattoria. Isso se aplicava principalmente a Welber, detetive menos graduado, que administrava e aplicava criteriosamente seu salário com vistas a dar entrada em um apartamento na Zona Sul do Rio, onde ele e a namorada Selma iriam morar para depois se casarem. O salário do inspetor Ramiro, chefe dos detetives, era melhor, mas ele tinha mulher e filhos. Para os dois policiais, moradores na Zona Norte do Rio, que precisavam tomar duas conduções para chegar à 12^a DP em Copacabana, almoçar todo dia em restaurante não era sensato, sobretudo em se tratando de dois policiais que não aceitavam certos agrados dos comerciantes. Mas exatamente por isso eram talvez os únicos em que Espinosa confiava sem restrições.

Como no almoço não falavam de trabalho, a conversa acabou levando Espinosa a evocar suas aventuras juvenis na ladeira onde ocorrera o crime.

— Foi pouco depois que nos mudamos da Saúde, no centro da cidade, para o bairro Peixoto. Engraçado... Os dois bairros da minha infância não são propriamente bairros, mas uma espécie de quase-bairros ou pequenos conjuntos de quadras no interior de um bairro. Pois então: meu pai comprou um apartamento no bairro Peixoto, para onde nos mudamos quando eu tinha nove anos. Quando fiz dez, ganhei uma bicicleta Raleigh, inglesa, que foi o melhor presente de toda a minha vida. Com ela, comecei a explorar o bairro. No começo

foi o próprio bairro Peixoto, mundo protegido como uma cidade medieval, e sem ameaças; com o passar do tempo, esse mundo foi se ampliando até abarcar todo o bairro de Copacabana. Foi aí que eu e meus amigos descobrimos a ladeira do Otto. Era assim que a gente chamava aquela rua. Resolvemos explorar o lugar: queríamos descobrir onde terminava a subida e depois descer a ladeira no embalo, controlando a velocidade de nossas bicicletas com o freio e a coragem. A gente só conseguia pedalar até a primeira curva; o resto, tínhamos que subir empurrando a bicicleta. Na segunda ou terceira tentativa, fomos até o fim da ladeira, aquele largo circular, que na época não tinha nenhuma construção em volta — só uma mureta baixa de pedra na qual a gente se sentava para admirar a vista maravilhosa de Copacabana com o mar ao fundo. A partir de então, aquele passou a ser nosso lugar secreto, que além da vista oferecia o prêmio da descida vertiginosa até a Tonelero.

— E deixavam você andar de bicicleta por Copacabana com dez anos de idade?

— Como vocês sabem, meus pais morreram num desastre de automóvel poucos meses depois do aniversário em que ganhei a bicicleta. Fui criado pela minha avó, a única parente que me restou. Ela não me deixava sair do bairro Peixoto. Mas com treze anos já me permitia ir até as ruas próximas — foi quando descobrimos a ladeira do Otto.

— Por isso...

— Por isso meu interesse pela vítima.

Como Espinosa não se estendeu na resposta, os outros dois mudaram de assunto e passaram a discutir sobre um tema recorrente nos almoços deles: as vantagens e desvantagens de morar em Copacabana. Ramiro e Welber moravam no limite do Grajaú com o Méier, zona norte da cidade, “a léguas de tudo que o Rio tem de interessante”, como dizia Welber.

— O quê, por exemplo? — quis saber Ramiro.

— Porra, Ramiro, as praias, os bares e restaurantes, as lojas, Copacabana, Ipanema, Leblon, a vida noturna... Além, é claro, da vida

diurna, com aquelas mulheres maravilhosas passando de biquíni nas suas fuças... Você quer o quê? O romantismo do subúrbio? Isto aqui é uma beleza! E é de graça! Se tem alguma dúvida, saia pela porta do restaurante, ande cinquenta metros até a esquina da avenida Atlântica e olhe. Simplesmente isso. Olhe. Depois, experimente fazer o mesmo no Grajaú ou no Méier.

De volta à delegacia, retomaram as duas questões que, segundo Espinosa, exigiam uma resposta. A primeira era: que motivo teria levado um homem com mais de cinquenta anos de idade, pobre, frágil, sem uma perna, andando com o auxílio de muletas, a subir aquela ladeira numa noite de chuva? E a segunda: quem teria interesse em subir aquela ladeira, a pé ou de carro, para matar com tanta eficiência e precisão aquele pobre coitado?

— Quero que vocês dois voltem lá e façam uma visita ao clube Horizonte. Conversem com o pessoal da cozinha e da limpeza. Alguém deve saber quem é o morto. Depois, passem outra vez pela casa que foi reformada, conversem com os proprietários e façam a lista completa dos convidados de ontem. E até o final da tarde vejam se conseguem algum resultado da perícia e do IML. Mesmo que seja extra-oficialmente.

A visita ao clube foi proveitosa. Os funcionários conheciam a vítima e estavam tristes com sua morte. Falaram sobre o assunto sem restrições.

— Nós não sabemos quase nada sobre ele. Só que era um sem-teto e que tinha muita dificuldade para arranjar trabalho por causa da perna.

— Vocês sabem o nome dele?

— Desde que apareceu por aqui, é conhecido como Magro. O nome verdadeiro eu não sei.

— E como ele veio parar aqui?

— Um faxineiro do clube que conhecia o Magro comentou com ele que quando havia festa sobrava muita comida, que a comida era jogada fora. Que, se ele aparecesse bem tarde da noite, podia arranjar um bom prato. Depois disso, sempre que tinha festa ele aparecia.

— Como é o nome desse faxineiro? Podemos falar com ele?

— O nome é Joca. Ele não trabalha mais aqui.

— Como o sem-teto conseguia subir a ladeira de muletas?

— O Joca conheceu ele na favela do Pavãozinho. Disse que o Magro subia e descia o morro de muletas.

— Com que freqüência ele vinha aqui, e como entrava?

— Vinha só de vez em quando, de quinze em quinze dias mais ou menos, e não entrava no clube. Esperava a gente levar os sacos de lixo até o portão e pedia alguma coisa para comer. Enchíamos uma quentinha para ele e ele ia embora para comer em outro lugar.

— Ele nunca falou se tinha família ou companheiros de rua?

— Ele falava muito pouco. O que sabemos dele foi do tempo em que o Joca ainda trabalhava aqui.

— Ele tinha algum inimigo?

— Como assim?

— Alguém que quisesse se vingar dele por alguma coisa...

— Sei lá. Acho que não. Era um pobre coitado que não ameaçava ninguém.

— Se vocês se lembrarem de alguma coisa, liguem para mim. O número do telefone está neste cartão.

Do clube foram para a casa onde houvera o jantar, quase em frente à entrada do clube. Lá, a tarefa da dupla de policiais foi mais árdua. Depois de muito insistir com os mesmos empregados com os quais haviam falado pela manhã, conseguiram que a dona da casa fosse até a porta. O marido saíra alguns minutos antes. A mulher que os recebeu mais parecia uma adolescente assustada com a presença da polícia do que a dona daquela mansão.

— Meu marido saiu — foi a primeira coisa que ela disse, assim que viu os policiais.

— Bom dia, senhora, sou o inspetor Ramiro e este é o detetive Welber, somos da 12^a DP e precisamos da sua ajuda... Depois vamos conversar também com seu marido.

— Os empregados disseram que houve um crime aqui no final da rua.

— É verdade.

— Mataram um pobre...

— É, mataram um sem-teto...

— Ah.

— Um tiro no peito.

— E o que nós temos com isso?

— A senhora e seu marido podem nos ajudar a determinar a hora aproximada do crime.

— Como?

— A senhora deu um jantar ontem para catorze pessoas.

— Sete casais.

— Foi o que imaginamos. E cada casal deve ter vindo no próprio carro...

— Isso mesmo. Ninguém chegou de táxi e ninguém veio de carona.

— Ótimo. Então foram sete carros estacionados aqui na rua. Suponho que os convidados foram embora em momentos diferentes.

— É, foram. Mas ainda não entendi o que isso tem a ver com o crime.

— Como a rua é muito estreita — disse Ramiro —, os carros têm que fazer o retorno no final da rua, a cinquenta metros da sua casa.

— É verdade.

— Pois o corpo do homem baleado estava justamente no retorno. Queremos saber se algum dos convidados, ao fazer a manobra, viu o sem-teto. Vivo ou morto. Vivo, seria fácil reconhecê-lo: ele não tinha uma perna e usava muletas. Morto, também: estava caído sobre a calçada, junto à pedra.

— E o que os senhores querem de mim?

— A lista dos convidados e seus telefones.

— Mas não posso fazer isso!

— Por quê, senhora?

— Porque são meus convidados. Não posso dar o nome deles à polícia por causa de um sem-teto.

— Um sem-teto que foi assassinado, senhora.

— Preciso falar com meu pai ou com meu marido.

— Como quiser, senhora.

A mulher consultou o pai e o marido pelo telefone; eles, por sua vez, consultaram os advogados, que fizeram uma série de recomendações ao casal e exigências aos policiais, que somente no fim da tarde receberam a lista dos que haviam comparecido ao jantar conduzindo seus carros. Seis homens e uma mulher. Um dos homens não sabia dirigir. Dos sete motoristas, três haviam feito o retorno ao chegar, de modo a estacionar na ladeira em posição de saída, entre eles a mulher. Os quatro restantes manobram no fim da rua ao ir embora. Nenhum vira o sem-teto. Nem vivo nem morto.

No fim da tarde Freire, perito do Instituto de Criminalística, ligou para Espinosa. Os dois haviam feito concurso juntos para a polícia — Espinosa para detetive e Freire para perito criminal. Ao longo das duas décadas que os separavam daquela data, haviam se tornado amigos — amizade que os conhecidos dos dois não sabiam como perdurava, já que Espinosa chegara ao máximo de economia verbal e Freire, por seu lado, eliminara todos os adjetivos, advérbios, preposições, pronomes e coisas tais, conservando na fala apenas os substantivos e os verbos. Na fase atual, aliás, ele tendia a eliminar os verbos. Assim, quando Espinosa atendeu, ouviu apenas:

— Trinta-e-oito.

2

Era comum, no verão, pacientes que moravam no próprio bairro irem à consulta vestindo bermuda, camiseta e sandália havaiana; deitavam-se no divã analítico como se estivessem no divã de casa conversando com uma amiga. Maria era uma dessas pacientes. Começara a análise havia três meses, e apesar do à-vontade nas roupas e nos gestos ainda estava presa à narrativa da sua vida. Trinta e poucos anos, bonita, atraente, com uma história de desinteresse sexual pelo marido e pelos homens em geral. Tivera duas filhas, agora com doze e nove anos, vivia com conforto e trabalhava sem vínculo empregatício, pintando tecidos e criando padrões exclusivos para butiques de Ipanema. Falava pouco e baixo, mas o rosto e o corpo eram expressivos. Tirava a sandália para deitar no divã e freqüentemente conseguia ser mais eloqüente com o movimento dos pés do que com o das mãos. A poltrona de Camila ficava ligeiramente atrás do divã, possibilitando visão completa do corpo da paciente, enquanto esta, deitada, via apenas parte da perna e os pés da analista... a menos que se sentasse ou ficasse de bruços. Mas ainda não era o momento.

Maria era a primeira paciente da tarde. Chegava sempre na hora, entrava sem dizer nada, tirava a sandália e deitava, continuando em silêncio durante alguns minutos, depois ensaiava algumas palavras, uma ou outra frase, e retomava a narrativa mais ou menos linear interrompida na sessão anterior. Nos momentos mais intensos sua respiração se alterava e a ponta dos mamilos espetava a camiseta sem sutiã, enquanto os pés executavam uma dança de encontros e desencontros, afastando-se para em seguida se enroscarem carinhosamente um no outro. Em nenhum momento Camila via um

corpo inerte. Cada parte de Maria era expressiva — podia ser o músculo da coxa que se retesava ou os dedos longos que brincavam com uma mecha dos cabelos negros, embora naquele contexto o mais importante fosse a fala.

Depois de vinte minutos de sessão, Camila aproximou a mão dos cabelos de Maria até quase tocá-los. Queria ver se havia alguma reação da paciente, embora o gesto estivesse fora do seu campo de visão. Depois segurou um feixe de cabelo estendido no encosto do divã entre o polegar e o indicador. Não houve reação... E Camila não foi adiante. Até o último paciente sair, às sete horas da noite, não pensou mais em Maria.

As crianças já estavam acostumadas com Ana, a baby-sitter, uma universitária gorducha e alegre que conhecia bem Cíntia e Fernando e tinha especial habilidade em manter os dois sob controle. Ana morava a três quadras de distância, o que facilitava quando era chamada em cima da hora, e adorava ser convocada para um trabalho que considerava agradável e bem remunerado.

Aldo e Camila escolheram um restaurante fora do circuito freqüentado por eles e pelos amigos. No trajeto, quase não falaram. Aldo fez um ou outro comentário sem importância, e Camila não fez perguntas nem forçou conversa. Depois que chegaram e foram instalados, porém, ela perguntou frontalmente:

— O que está acontecendo, querido?

Aldo hesitou, Camila continuou:

— Porque é evidente que alguma coisa está te preocupando... e tem a ver com o jantar de ontem.

— É verdade. Só que não sei o que é.

— Como assim?

— Tem alguma coisa me incomodando muito, mas não consigo dizer que coisa é essa. Pensei que tivesse a ver com as pessoas do jantar de ontem, a conversa vazia, os interesses bobos daquelas pessoas. Depois vi que não era isso. Lido com esse tipo de gente há muito tempo. Sei como são e como pensam. Não são pessoas vazias.

Ao contrário. É como se neles não houvesse vácuos. Seus desejos nem chegam a se instalar e já são satisfeitos. Isso antes me incomodava, agora não mais. Então pensei que fosse o telefonema do policial.

— A polícia ligou para você?

— Ligou. Encontraram o corpo de um mendigo morto a tiro naquele retorno no final da rua Mascarenhas de Moraes, onde estacionei o carro ontem à noite. A polícia queria saber se eu vi o mendigo ou o corpo dele. Pelo que entendi, falaram com todos os motoristas dos carros dos convidados ao jantar para ver se conseguiam estabelecer a hora do crime. Mas parece que ninguém viu nada.

— Ainda mais com aquele temporal. Você ficou todo molhado.

— Mas também não foi isso... Eu já estava me sentindo mal desde muito antes do telefonema.

— Alguma coisa a ver com algum dos presentes ao jantar?

— Eu não conhecia nenhum deles.

— Será, então, comigo?

— Nem pense nisso. Você foi o que de melhor me aconteceu na vida — estendeu a mão e fez um carinho no braço da mulher.

— Então vamos fazer os pedidos e relaxar.

A comida estava deliciosa, o vinho adequado, o assunto não foi adiante... Mas Aldo não conseguiu relaxar. Alguma coisa continuava a atormentá-lo.

Depois do telefonema do Instituto de Criminalística confirmando que o projétil retirado do corpo do mendigo era de um revólver calibre trinta e oito, Espinosa desligou o computador, retirou a arma e a carteira da gaveta, vestiu o paletó, desceu as escadas e passou pelo portal em arco da 12^a DP sem olhar para ninguém, temendo um comunicado de última hora que o retivesse na delegacia. Ninguém o chamou, nenhuma viatura conduzindo um assaltante parou na porta da delegacia, o celular não tocou convocando-o para uma reunião de emergência na Secretaria de Segurança. Nada. Estava inteiramente

livre para o encontro, já confirmado, que teria com Irene naquela noite. Ele estava no Rio, Irene estava no Rio, o que nem sempre acontecia, e ambos estavam livres para se encontrar. A conjunção de fatores não era assim tão freqüente; acontecia de eles passarem semanas sem se ver, falando-se apenas por telefone. Mas naquela noite parecia que nada impediria o encontro.

Mais de dez anos separavam Espinosa e Irene. Enquanto ele já entrara havia quase três anos na faixa dos quarenta, ela acabara de entrar nos trinta; e ele achava que uma década era o suficiente para produzir uma descontinuidade, se não uma ruptura, nos códigos amorosos. Claro que as décadas não eram faixas estanques, impermeáveis a qualquer tipo de troca, mas ele cismava que havia uma perda notável na permeabilidade amorosa. O próprio fato de fazer aquela reflexão — empreendida a caminho de casa e esmiuçada durante o banho — funcionou como sinal irrefutável de que estava envelhecendo. A distância entre as idades não permanecia aritmeticamente constante, mas aumentava a cada ano. De início, a distância era de doze anos, agora lhe parecia ser de quinze ou mesmo vinte anos. Deixou a água escorrer pelo corpo ao mesmo tempo que se examinava. Não engordara, o abdome ainda estava bem delineado, o pequeno pneu que se insinuava na cintura era desprezível, não estava careca nem de cabelo branco — um ou outro fiozinho nas têmporas — e músculos e juntas funcionavam. O problema é que, se pensasse em Irene, aquele pequeno inventário feito debaixo do chuveiro parecia uma autópsia. Irene era a vida no seu apogeu. Nos momentos mais autodepreciativos ele comparava os dois a uma montanha-russa: Irene no ponto máximo da curva ascendente e ele no final da primeira etapa de descida, sem retorno possível, em direção ao solo... ou subsolo, pensou. Mas não dizia nada disso a ela. Ele era o seu cavaleiro andante. Só não sabia por quanto tempo.

Apesar de ser verão, a chuva contínua dos últimos dias fizera com que a temperatura no final do dia ficasse em torno dos vinte e dois graus. Tempo ruim para o turista, mas ótimo para quem pretendia usufruir em casa a companhia da mulher amada.

A chegada de Irene foi auspiciosa. Ela abraçou e beijou Espinosa antes mesmo de largar as sacolas carregadas com vinhos, pães e queijos em quantidade bastante para transformar a noite numa festa báquica para duas pessoas.

Desde o início do namoro, os dois haviam combinado que os encontros seriam sempre no apartamento dele. Irene era uma designer gráfica com passagem pelo MoMA de Nova York numa idade em que muitos profissionais da área ainda estagiavam nos escritórios do eixo Rio—São Paulo. Tinha seu próprio apartamento em Ipanema, não muito grande, mas de bom gosto, embora um pouco formal na opinião de Espinosa. Daí a opção pelo apartamento dele como local dos encontros. Nada formal, despojado, sem obras de arte dignas de nota, mas charmoso e agradável.

Irene anunciava a excelência de cada iguaria que retirava das sacolas — vinhos, queijos, frios e pães de vários tipos — e exibia para Espinosa como se fosse um leilão. A cada um, ele fazia um sinal de aprovação e beijava Irene num lugar diferente do corpo e, como acontecia sempre que ela fazia aquela pantomima, a exibição era interrompida porque os beijos chegavam a lugares que a obrigavam a fechar a cena.

De volta à sala, toalha em volta da cintura, ele terminou de retirar o conteúdo das sacolas. Botou duas garrafas de vinho na geladeira para refrescar e começara a desembulhar queijos e frios quando Irene saiu do quarto só de calcinha e postou-se a seu lado para ajudar na tarefa.

O prédio de Espinosa fica na praça em torno da qual se situa o bairro Peixoto. Quase todos os prédios do bairro têm no máximo quatro pavimentos e obedecem a um mesmo estilo arquitetônico. O apartamento de Espinosa, para sua felicidade, tinha janelas francesas com veneziana e vidro até o piso. As janelas se abriam para um pequeno balcão de menos de um metro de largura com grade de ferro batido. Naquela noite, devido à chuva que voltara a cair, ele fechara apenas a veneziana, para que houvesse circulação de ar sem que os vizinhos do outro lado da praça vissem o interior do

apartamento. Graças a isso, Irene podia circular quase nua, coisa que ela fazia com um despudor que perturbava Espinosa.

— Irene... Assim você cria um conflito de interesses absurdo...

— Só porque estou sem sutiã?

— Meu bem, é inteiramente impossível eu prestar atenção em qualquer outra coisa com você quase nua ao meu lado.

— Então eu fico atrás de você... aí você pode continuar a fazer o que estava fazendo.

— Não posso não.

— Mas estamos nus há mais de uma hora.

— É verdade, só que um comendo o outro. Não consigo comer pão nem queijo com você nua no meu colo.

— Não estou no seu colo.

— Mas é como se estivesse.

Espinosa procurou e não encontrou nenhuma notícia sobre a morte do sem-teto nas páginas policiais dos jornais da manhã de sábado. Nada naquela morte era notícia: um velho mendigo aleijado morto em uma ladeira sem

saída na encosta de um morro em Copacabana numa noite de tempestade... O homem, quase um idoso, de aspecto doentio, não tinha uma perna, não estava armado e não ameaçava ninguém, além de aparentemente não ter nenhuma ligação com o pessoal do tráfico de drogas. Ele fora morto com um único tiro certo no peito, e isso intrigava Espinosa. Mais do que intrigava, era o que ao mesmo tempo chocava, entristecia e provocava o delegado.

— O que foi, meu bem, a noite não foi boa?

— A noite foi maravilhosa...

— Então por que a testa franzida? Você ainda nem tomou o seu café.

— Estava esperando você se levantar.

— E enquanto isso leu alguma coisa no jornal que não te agradou.

— O que você quer para o café-da-manhã? Ainda temos pão italiano de ontem à noite, queijos de vários tipos, frios deliciosos, tem ovos na geladeira. E ainda tem pão de forma. Minha torradeira, que por sinal está aí à sua frente, insiste em torrar apenas um dos lados das fatias, de modo que você tem que realizar a operação em duas etapas... mas é emocionante quando no final as duas fatias pulam torradinhas.

— Vou tomar café puro e experimentar essa fascinante aventura de comer torradas pela manhã.

— É inesquecível.

— Agora me diz por que você estava com a testa franzida depois de tudo o que fizemos.

Enquanto preparava a cafeteira, Espinosa contou resumidamente a morte do sem-teto.

— E o que está te preocupando?

— A gratuidade desse assassinato. O excesso.

— Você conhecia o sem-teto?

— Tenho uma vaga idéia de ter visto esse homem. Talvez por causa das muletas. Mas tem também uma lembrança mais remota... O rosto comprido, tenso... Ainda com as duas pernas. Tem a ver também com o fato de aquele cul-de-sac ser um dos lugares secretos da minha infância.

— Talvez por isso a coisa tenha te afetado tanto.

— Talvez.

Quando Aldo saiu do quarto na manhã seguinte, Cíntia e Fernando já estavam acordados e prontos para ir ao clube, como acontecia todos os sábados.

— Pai, você vai levar a gente ao clube?

— Vamos esperar sua mãe levantar.

— Ela pode ir depois. A gente deixa o Fernando aqui para ele ir com ela e vamos nós dois agora.

— Nada disso. Você e seu irmão vão juntos, e sua mãe vai conosco.

— Chega lá, ninguém fica junto mesmo. Fernando vai brincar com os pirralhos dos amigos dele, e você e mamãe ficam com os adultos...

— ... e você com as suas amigas.

— Mas mamãe ainda está dormindo! Ela vai demorar, e hoje não está chovendo, todo mundo já deve estar lá. São quase dez horas e nós ainda nem estamos prontos...

— Se você está com tanta vontade de sair, chame seu irmão e vamos até a banca comprar jornal.

— Os jornais já chegaram, estão todos em cima da mesa.

— Quero comprar outros.

— Outros iguais?

— Não, querida, outros diferentes.

— Tá bem.

— Então vá chamar seu irmão.

Os três contornaram a quadra e andaram até uma banca na rua Visconde de Pirajá. Além dos jornais comprados por Aldo, as crianças saíram com revistas e envelopes com figurinhas para colecionar... e chicletes... e um adesivo para cada um. Quando chegaram em casa, Camila tomava café.

— Mãe, olha o meu adesivo.

— E as minhas figurinhas, mãe.

— E você, que mundo de jornal é esse? Nossos jornais não foram entregues?

— Foram. Estava querendo dar uma olhada nos outros.

— Quais outros?

— Outros... mais populares.

— O que você está procurando?

As crianças tinham se afastado para ler as revistas em quadrinhos.

— O que foi, Aldo? Você ainda está pensando no que aconteceu anteontem à noite?

— Fui comprar jornais com notícias policiais. Queria saber o que aconteceu naquele final de rua. Mas vim olhando pelo caminho, não encontrei notícia nenhuma. Talvez eu não tenha procurado direito. Vou procurar melhor.

— Para quê?

— Não sei. Para saber o que houve. Afinal de contas, a polícia telefonou para o escritório perguntando se eu tinha visto alguma coisa. Não sei que alguma coisa é essa. Falaram primeiro num mendigo de muletas... Depois falaram num morto...

— Mas, Aldo, o que você tem a ver com isso? Você não viu nada, e pronto.

— Não é assim tão simples.

— Como não! Você viu alguma coisa? Não! Pronto. Acabou-se. Não é problema seu. É problema da polícia. Vamos levar as crianças ao clube, aproveitamos para fazer um pouco de exercício nos aparelhos, depois uma sauna e uma ducha... E depois procuramos um canto onde não nos perturbem e conversamos sobre o que está te perturbando. Que tal?

Manhã de segunda-feira, a primeira notícia que Espinosa recebe é um e-mail pessoal da legista do IML com o resultado do exame cadavérico do indigente conhecido como Magro. Em resumo: o projétil atingira o coração, morte instantânea; no organismo, ausência de drogas, álcool e comida. Não eram esses os termos empregados pelo legista, mas foi a tradução feita por Espinosa.

— Ele nem sequer chegou a comer — falou para si mesmo.

Estava sozinho no seu gabinete. Imprimiu a mensagem enviada pela legista sua conhecida e ficou olhando para o papel, lendo e relendo o texto, até a chegada de Welber e Ramiro.

— Bom dia, delegado — disseram os dois ao mesmo tempo.

Espinosa mostrou-lhes o e-mail e repetiu o comentário feito pouco antes em voz alta, sozinho.

— Nem droga nem álcool — comentou Ramiro. — Ele não tinha ligação com o tráfico, segundo o empregado do clube que o conhecia. Tudo indica que era de fato um sem-teto fodido que ninguém teria motivo para matar. Se acrescentarmos o fato de a arma do crime ser um trinta-e-oito, arma quase tão comum quanto faca de cozinha, não temos muita coisa em que nos apoiar.

— Trinta-e-oito — repetiu Espinosa. — Por isso não achamos a cápsula, assim como provavelmente nunca vamos achar a arma. E, se não usarmos a cabeça, tampouco vamos encontrar o assassino. Sobretudo porque só nós estamos interessados no crime: nenhum jornal registrou o fato e ninguém reclamou o corpo. Quando ele for enterrado no cemitério de indigentes teremos um crime sem corpo, sem arma, sem testemunha, sem indícios e sem motivo. Portanto, uma investigação considerada geralmente como de prioridade zero.

— Falamos com dezenas de moradores e empregados. Ninguém viu nem ouviu nada. Falamos com todos os convidados do jantar que estacionaram o carro na rua. Apenas dois deles estacionaram no retorno. Nenhum dos dois viu nada.

— Pois eles serão nosso ponto de partida — disse Espinosa. — Vamos voltar a conversar com esses dois senhores. Às vezes as pessoas evitam falar para não se envolver num inquérito policial que só vai lhes trazer amolação. Vamos insistir com eles, garantir que não terão seu cotidiano perturbado.

— Delegado, quando falarmos isso, eles já estarão sendo incomodados.

— Aí nós pedimos desculpas e agradecemos a colaboração prestada. Quais os que estacionaram no cul-de-sac?

— O arquiteto que fez a reforma, Aldo Bruno, e um amigo do dono da casa, Rogério Antunes.

— Qual deles saiu primeiro?

— O primeiro a ir embora foi Aldo Bruno, uma hora antes de Rogério Antunes. O arquiteto saiu logo depois do jantar, enquanto os últimos convidados foram embora por volta da uma e meia da madrugada.

— O que nos interessa é o testemunho desses dois que estacionaram o carro no largo, principalmente do último a ir embora. Perguntem sobre a posição dos carros, se tiveram que manobrar, se o farol iluminou toda a circunferência do retorno, se no momento de pegarem o carro estava chovendo forte, se estavam com guarda-chuva. Verifiquem se usam óculos ou lente de contato e, o mais importante, se foram pegar o carro desacompanhados.

— Já perguntamos a todos os convidados se tinham visto alguém de muletas em qualquer ponto da ladeira, ao subirem e ao descerem. Todos afirmaram que chovia e que a ladeira estava deserta. Só dois cruzaram com outro carro subindo: um cruzou com um táxi e outro com um carro de passeio. Não viram onde parou o táxi nem onde entrou o carro particular. Quanto ao arquiteto e a Rogério Antunes, quando falamos com eles por telefone, ambos garantiram que não havia ninguém, nem vivo nem morto, com ou sem muletas.

— Quero que vocês falem com os dois convidados pessoalmente, e não por telefone. Quero também que vocês dois participem de cada entrevista, nada de dividir tarefa. Tentem localizar o ex-empregado do clube Horizonte, acho que o nome dele é Joca. Ele conhecia Magro quando ambos moravam na favela do Pavãozinho. Talvez seja a única pessoa com alguma informação. Foi quem deu a dica sobre Magro.

Welber sabia que a ordem para realizar as entrevistas em dupla tinha por objetivo fazer com que ele aprendesse com Ramiro a conduzir entrevistas e interrogatórios, práticas em que o inspetor era mestre. Welber sabia também que esse talento não consistia apenas em dispor de uma técnica retirada de um manual da polícia: era uma habilidade especial, a de colocar a escuta como um convite irrecusável à fala do entrevistado. Ele já vira Ramiro em ação e já estivera presente a inúmeras entrevistas do próprio Espinosa. Eles jamais eram arrogantes, nunca insinuavam a possibilidade de ameaça física de nenhum tipo, falavam baixo e amistosamente e eram incansáveis na condução do interrogatório. Ao fim de algum tempo o outro estava contando espontaneamente coisas que não falaria nem para um amigo íntimo. Claro que esse não era o procedimento-padrão nas delegacias de polícia. Ramiro entrara na polícia antes de

Espinosa e já contava tempo para se aposentar. Espinosa o considerava um policial de primeira linha: investigador metuculoso e hábil interrogador, mas que não se dispusera a fazer o curso de direito, razão pela qual nunca chegara a delegado. Ramiro gostava de ser inspetor. Era o chefe dos detetives na delegacia. Dividia com Welber a confiança de Espinosa: o delegado sabia que os dois eram incorruptíveis. Enquanto Ramiro era mais velho que o delegado, Welber era vinte anos mais novo. Detetive de terceira classe, ele salvara a vida de Espinosa e quase perdera a sua ao interpor-se entre o delegado e o atirador durante uma troca de tiros no corredor de um hotel. Salvara-se, mas seu baço fora perfurado. Desde então, trabalhavam juntos.

3

Nas segundas e quintas, Camila tinha um paciente na hora do almoço, um dentista que não queria ou não podia abrir mão de uma hora dos próprios atendimentos odontológicos e era atendido ao meio-dia — no horário de almoço de Camila. Faustino, o seu nome. Na avaliação de Camila, ele devia ter a idade de Aldo. Era um pouco mais forte, mas não tão bonito, principalmente devido a uma característica física que o incomodava e que se transformara em tema constante das sessões: tinha a testa muito pequena, o cabelo preto e denso quase se juntava com as sobrancelhas, o que, segundo ele próprio, lhe conferia uma aparência de pouco inteligente. Faustino era monotemático e descrevia minuciosamente cada uma de suas intervenções dentárias, fosse uma simples obturação, fosse um prolongado e complexo tratamento de canal. Desde que a testa pequena surgira como problema, o tema renascia a cada sessão como uma dor de dente recorrente e intratável. Aquilo não só agredia seu senso estético e diminuía sua auto-estima como reduzia a possibilidade de sucesso com as mulheres, o que o deixava irritado e agressivo. Camila, maliciosa, suspeitava, a partir dos relatos das conquistas amorosas do seu paciente, que não era apenas a testa dele que era pequena.

Terminada a sessão, verificou os recados na secretária eletrônica. A única mensagem era de Aldo. Ligou em seguida para o marido e ele mesmo atendeu.

— Camila, aqueles policiais ligaram de novo.

— E o que eles querem com você?

— Parece que querem apenas fazer umas perguntas... a mim e ao outro convidado que também estacionou no retorno.

— Você já não respondeu?

— Respondi, mas eles querem falar pessoalmente. Queriam falar com você também, aí eu disse que fui buscar o carro sozinho.

— O que é verdade.

— Eles então concordaram em conversar só comigo. Vão chegar às duas horas.

— Decerto eles só querem confirmar o que você já disse antes. Dá tempo de você almoçar.

— Não estou com fome.

— Por que você está nervoso?

— Não gosto de polícia.

— Nem eu, mas não temos nada a ver com a morte daquele infeliz. Deve ser procedimento de rotina. Telefone logo mais para saber como foi. Vê se come pelo menos um sanduíche.

Também ela desceu para comer alguma coisa. Nada pesado nem demorado, mas não queria enfrentar uma seqüência de atendimentos só com o café-da-manhã. Sentira o marido nervoso ao telefone. Conhecia Aldo havia mais de dez anos, sabia que ele nada tinha a temer numa entrevista com policiais, que era um homem honesto e nunca se envolvera com nada ilícito. Não entendia o porquê do nervosismo, embora achasse que tinha a ver com o jantar. Talvez uma frase desagradável dita por algum convidado... Se bem que conhecesse apenas os donos da casa... Só que sempre tem pessoas capazes de dizer coisas desagradáveis mesmo não conhecendo o outro, ou precisamente em razão disso...

Encontrou uma mesa vaga na calçada de um dos restaurantes abertos recentemente no bairro, pediu salada da casa e suco e ficou pensando no marido e em como ele se sentia ameaçado por tudo o que extrapolasse os limites do seu cotidiano. “Desconhecido” e “ameaçador” para ele eram palavras com significado quase idêntico. Não se sentia ameaçado por fatos novos surgidos dentro do universo

familiar ou profissional, mas era capaz de ficar profundamente ansioso diante do desconhecido. Profissionalmente, dosava ousadia com conformidade, o que lhe valera boa acolhida por parte de uma clientela com senso estético não muito aprimorado. Jamais fazia nada de mau gosto mas, por medo de desagradar, não ousava chegar à excelência da sua arte. E era isso que a tocava particularmente, esse sentimento de que o marido estava sempre aquém. Não se tratava apenas da sua atividade profissional, mas de algo mais amplo e indeterminado que fazia com que, mesmo com a alegria que manifestava junto à família e aos amigos, houvesse um permanente fundo de medo.

Sua reflexão foi interrompida pelos olhares insistentes dos dois homens sentados a uma mesa próxima. Olhavam e falavam entre si em voz baixa, numa ridícula pantomima de conquista. Homens de meia-idade, provavelmente donos de alguma loja da vizinhança, não desagradáveis fisicamente, mas inteiramente destituídos de charme. Machos-padrão da espécie, que têm como ocupação principal, se não exclusiva, conquistar as fêmeas que se aproximam do seu território. Camila pensou que aquele era um dos enganos mais rasos que os homens costumavam cometer, e os poucos que não o cometiam eram os realmente interessantes. Bonitos ou não. E aqueles dois, decididamente, não eram interessantes. Pagou a conta e foi atender o primeiro paciente da tarde.

Ramiro e Welber chegaram ao prédio da avenida Atlântica alguns minutos antes das duas e se fizeram anunciar pelo porteiro. Era um prédio residencial da década de 1950 com detalhes art déco no hall de entrada. Na porta do apartamento onde funcionava o escritório-ateliê de Aldo as únicas indicações eram o número do apartamento e uma placa com o nome Aldo Bruno em letras pretas. O próprio arquiteto abriu a porta.

— Doutor Aldo, obrigado por nos receber. Sou o inspetor Ramiro e esse é meu colega detetive Welber, da 12^a DP.

— Entrem, por favor. Meus dois estagiários foram almoçar, de modo que estou sozinho.

O escritório era simples e de muito bom gosto. Os ambientes principais eram as duas salas amplas dando para o mar. Na primeira deviam ficar os estagiários, a segunda era a sala de Aldo Bruno e onde ele recebia os clientes. O mobiliário era ao mesmo tempo funcional e elegante. Na primeira sala havia três mesas com computadores de última geração, estantes e arquivos; na sala de Aldo, uma mesa de reunião com tampo de vidro e oito cadeiras, uma mesa com computador e a única prancheta de todo o escritório.

— Não queremos tomar o seu tempo, são duas ou três perguntas.

— Como já disse pelo telefone, não acredito que possa acrescentar alguma coisa ao que já relatei.

— Então vai ser mais rápido ainda. O senhor pode me descrever exatamente a sua saída para pegar o carro, depois do jantar na casa dos seus clientes?

— Bom. Fomos os primeiros a sair. Chovia muito, e eu disse à minha mulher para esperar no hall de entrada da casa enquanto eu ia pegar o carro.

— Por que foram os primeiros a sair? Aconteceu alguma coisa durante o jantar para motivar essa saída?

— Não, nada. Foi um jantar agradável, mas os outros convidados eram amigos entre si e bem mais jovens do que nós. Achamos que não sentiriam nossa falta. Além do mais, já era tarde; passava da meia-noite.

— Quando o senhor foi pegar o carro, levava guarda-chuva ou capa?

— Não. Nem uma coisa nem outra. Quando entrei no carro, estava bastante molhado.

— Viu alguém no trajeto até o carro?

— Não, a rua estava deserta.

— O carro estava estacionado de frente para a pedra ou para o prédio?

— De frente para a pedra.

— E então...

— Entrei no carro, liguei o motor, manobrei e fui pegar minha mulher.

— Não acendeu os faróis?

— Acendi. Estava escuro, e aquele final de rua é pouco iluminado.

— Quando acendeu os faróis, não viu nada que tenha chamado a sua atenção?

— Não. Vi apenas a chuva caindo e a pedra meio coberta de musgo e plantas.

— E depois?

— Depois peguei minha mulher, que me esperava abrigada da chuva, e fomos embora para casa.

— Na descida da ladeira não viu ninguém subindo, ou parado no meio?

— Que eu lembre, não havia ninguém na rua. Como disse, era tarde e chovia forte.

— Lembra-se se quando manobrou o carro o farol estava alto ou baixo?

— Baixo, mas mudei para alto.

— O retorno tem, se tanto, dez metros de diâmetro, o que significa que, ao fazer a manobra para voltar, o farol do seu carro varreu toda a área. Não viu nenhum corpo no chão?

— Não.

— Um corpo que poderia ser confundido com um bêbado caído.

— Se eu tivesse visto, me lembraria.

— Outra coisa: o senhor costuma ter uma arma no porta-luvas do carro?

— Não.

— E em casa, o senhor tem alguma arma?

— Também não.

— Já teve alguma?

— Tive. Não tenho mais.

— O que o senhor fez com ela?

— Meus filhos estavam crescendo e achei melhor não ter arma em casa. Entreguei para ser destruída durante a campanha do desarmamento.

— Há quanto tempo foi isso?

— Há uns dois anos.

— Era um revólver ou uma pistola?

— Revólver.

— O senhor se lembra do calibre?

— Calibre trinta e dois. Entreguei a arma e a caixa de balas. Ambas intactas. Nunca dei um tiro.

— Muito obrigado, doutor Aldo, e desculpe por tomarmos o seu tempo.

No elevador, não disseram palavra. Como se houvesse mais alguém para ouvir o grande segredo que Ramiro iria revelar. Mas não havia segredo nenhum. Na rua, sem ninguém por perto para ouvir, Welber perguntou:

— E aí? O que você achou?

— Para não dizer que não achei nada, só não gostei da última resposta. Ele não precisava dizer que havia entregado a arma e a munição intactas. “Nunca dei um tiro.” Como, nunca deu um tiro? Comprou uma arma e uma caixa de balas e nunca experimentou dar nem um tirinho? Nem para ouvir o barulho? Além do mais, perguntei se ele tinha uma arma, não perguntei se ele tinha atirado em alguém ou em alguma coisa. “Nunca dei um tiro” pegou mal. Mas ninguém vai parar na cadeia por contar uma mentirinha.

— Teve outra coisa que também me chamou a atenção — disse Welber.

— Então manda bala, companheiro. O que foi que te incomodou?

— O fato de ele não ter feito nenhuma pergunta. Acho muito estranho um sujeito ser procurado por dois policiais que estão

investigando um assassinato e não fazer nenhuma pergunta. Nem por curiosidade... Ou por educação, tipo “Os senhores aceitam um copo de água?”. Acho que ele estava muito defendido, e quem se defende é porque tem alguma coisa a proteger.

— Muito bem, colega, boa observação.

— E agora?

— Agora vamos conversar com o senhor Rogério Antunes, o outro que estacionou o carro naquele final de rua.

Rogério Antunes foi bastante diferente de Aldo Bruno. Recebeu os dois policiais na varanda do Iate Clube, onde acabara de almoçar. Falante, um belo bronzeado (que não podia ser daquele fim de semana), vestindo bermuda, camiseta e mocassins, fez inúmeras perguntas sobre o crime e queria saber tudo sobre a atividade dos dois policiais. Quanto ao cenário do crime, nada ou quase nada tinha a dizer.

— Tinha estacionado o carro de frente para a descida, de modo que, quando fui buscá-lo, foi só entrar, ligar o motor, acender os faróis e descer. Não tinha nenhum outro carro estacionado e não vi ninguém... Nem me preocupei em olhar, foi entrar no carro e sair. Posso também garantir a hora: uma e meia da madrugada.

Ramiro e Welber saíram do clube pelo caminho mais longo, percorrendo toda a extensão do ancoradouro, olhando os veleiros e lanchas, admirando a beleza da paisagem da enseada de Botafogo, com o Pão de Açúcar quase ao alcance da mão.

— Muito simpático. Ambiente sensacional, receptividade nota dez, mas o cara não é nem capaz de dizer se havia um cadáver estirado na rua a poucos metros dele.

— É que ele está acostumado com o sol e o mar, sua visão não está familiarizada com a escuridão das noites chuvosas — disse Welber.

— Porra, Welber, deixa de gozação, até agora não conseguimos nenhuma informação aproveitável. O cara só tem certeza da hora. E daí? Se ele não viu nada, a hora certa não vale nada. Isso sem contar

os moradores do prédio, os moradores das outras casas, os empregados das casas... pelo menos uma centena de pessoas. Nenhuma delas viu um homem levar um tiro no peito defronte de onde moram. É muita gente não vendo nem ouvindo nada.

Pouco depois das quatro estavam de volta à delegacia e encontraram Espinosa em meio a uma grande confusão envolvendo turistas escandinavos, prostitutas e vendedores ambulantes. A confusão durava já uma hora e ninguém conseguia se entender, porque os turistas falavam entre eles uma língua que Espinosa supôs ser sueco ou norueguês e tentavam explicar em inglês que tinham sido roubados pelas prostitutas e exigiam a presença de um representante diplomático do seu país, as prostitutas gritavam que não sabiam por que estavam ali e queriam saber o que os veados dos estrangeiros estavam falando para o delegado, e os vendedores ambulantes diziam que os estrangeiros e as putas tinham comido sanduíches e tomado cerveja e se recusavam a pagar o que fora cobrado. Quando viu Ramiro e Welber chegarem, Espinosa passou o caso para o delegado-substituto e fechou-se na sua sala para ouvir os dois.

— Então, o que vocês conseguiram?

— Nada, delegado.

— Como, nada?

— Nada. Nenhum dos dois viu nada. Se estão contando a verdade, o crime aconteceu depois da uma e meia da madrugada, quando os dois carros já tinham ido embora.

— E contaram a verdade?

— Os estilos são diferentes, mas em nossa opinião o arquiteto ficou o tempo todo na defensiva — disse Ramiro.

— Então vamos insistir um pouco mais. O que acho estranho nessa morte é a desproporção entre a fragilidade da vítima e o meio utilizado pelo criminoso. Acho que podemos eliminar a hipótese de um confronto entre dois sem-teto miseráveis. Nenhum deles teria um revólver calibre trinta e oito.

— Ainda considero a hipótese de algum morador ou visitante ter saído para pegar o carro e, ao ver um homem sem uma perna, surgido do nada, de madrugada, no meio de um temporal, imagina um assalto e...

— ... e lhe dá um tiro no peito — completou Espinosa. — A história faz sentido, o que não faz sentido é o desfecho. Quem encontra um mendigo esquelético debaixo de um temporal em plena madrugada, por maior que seja o susto, não sai atirando. E nem foi uma série de tiros a esmo, reação a um susto, foi um único tiro, certeiro, no coração. Quem deu aquele tiro sabia atirar e sabia o que estava fazendo. Para mim, a hipótese do tiro dado por um sujeito com medo de ser assaltado faz tanto sentido quanto a hipótese do confronto entre dois miseráveis, isto é, não faz nenhum sentido. Não temos em que nos apoiar. Vamos insistir com os moradores dos prédios próximos ao retorno, inclusive os empregados do clube. Se Magro, sem uma perna, fez questão de subir aquela ladeira debaixo de chuva e à noite, foi porque havia uma expectativa de recompensa. Quem sabe um prato de comida, quem sabe alguma coisa mais. Quero que vocês voltem ao clube e arranquem o máximo de informação daquela gente. Por hoje estão liberados. Amanhã de manhã podem ir direto para a ladeira.

A confusão criada pelos turistas, prostitutas e ambulantes resolvera-se sem necessidade de registrar a ocorrência. Foram todos liberados, depois que o delegado-substituto advertiu prostitutas e ambulantes que, se aprontassem mais alguma em dia do plantão dele, ficariam detidos na custódia até o término do plantão, e esclareceu: “Vocês devem saber que se trata de um espaço projetado para apenas uma pessoa, onde não teriam nem como se sentar no chão”. Com a saída do grupo, o nível de decibéis do ambiente baixou consideravelmente. Estavam sendo feitos alguns registros de ocorrência, mas nada sugeria que o final de tarde viesse a se agitar novamente.

Espinosa aproveitou a calma para arrumar as idéias que gravitavam em torno da figura paradoxal de Magro. Como alguém tão sem importância pôde ser alvo de atentado tão eficiente? Por que

alguém iria se preocupar com ele a ponto de precisar eliminá-lo? Pegou uma folha de papel, desenhou um pequeno retângulo no centro com outros retângulos em volta, dentro de cada retângulo escreveu um nome ou pôs apenas um ponto de interrogação, ligou os vários retângulos com linhas, e escreveu algumas observações na base da folha. Ficou olhando para a folha durante vários minutos. Pegou outra folha e fez a mesma coisa, introduzindo algumas variações. Por volta das seis e meia, tinha sobre a mesa várias folhas, todas com variações sobre o mesmo esquema. Examinou meticulosamente cada uma delas, modificou algumas e tornou a examiná-las. Passado algum tempo, rasgou-as todas e jogou-as na cesta de papéis. Pegou a arma e a carteira que estavam na gaveta, vestiu o paletó e foi para casa.

Aldo chegou em casa mais cedo, sabendo que não encontraria Camila. Mesmo assim foi até a copa, passou rapidamente pela suíte do casal e pela sala de TV, onde Cíntia e Fernando assistiam hipnotizados a uma nova série, fechou a porta para não ficar ouvindo o ruído do aparelho, foi para a sala, serviu-se de uma dose fraca de uísque, sentou-se na poltrona que por hábito se tornara sua, e ficou à espera da mulher.

Não se dera ao cuidado de abrir as persianas, de modo que a sala estava numa semipenumbra silenciosa que seria agradável se ele estivesse em seu estado normal. Mas não estava. Não sabia exatamente o que sentia. Não era um mal-estar físico nem um mal-estar psíquico: estava se sentindo vulnerável. Nenhum sofrimento, nenhuma dor, apenas uma vaga sensação de vulnerabilidade, que sem dúvida estava ligada à visita dos policiais. Eles tinham sido gentis e educados, não haviam feito acusações nem sugeriram nada que pudesse ser interpretado como suspeita... A não ser, é claro, a pergunta sobre a arma. Óbvio que não se tratava de mera curiosidade. A pergunta trazia, velada, a sugestão de que as pessoas procuradas por eles tinham algo mais a dizer do que a hora precisa em que haviam pegado seus carros. É verdade que não podiam deixar de fazer a pergunta sobre a arma. Afinal, um homem fora morto com um tiro, os dois policiais estavam procurando o autor do disparo, não podiam deixar de perguntar a uma pessoa que declara ter estado no

local do crime se ela portava uma arma. Por isso estava se sentindo vulnerável. A polícia tem o dom de fazer isso com as pessoas, sejam elas culpadas ou não.

Ouviu a voz de Camila falando com a empregada e logo em seguida ela entrou na sala.

— Sozinho no escuro... tomando uísque... Problemas no escritório, querido?

— A polícia foi lá.

— A polícia... É, mas não foi o que você me disse ao telefone? Que a polícia ia lá?

— Desculpe. Não me lembrava.

— O que eles queriam?

— A mesma coisa. Foi de novo por causa daquele homem morto na ladeira.

— E você já não tinha dito o que tinha para dizer?

— Segundo eles, só estavam querendo confirmar alguns detalhes.

— E era isso mesmo?

— Respondi ao que me perguntaram. A questão é que eles fazem as perguntas mas deixam sempre uma sugestão velada de que você é culpado de alguma coisa.

— E não tem erro. Todos nós somos culpados... Ou pelo menos todos nós nos sentimos culpados. Sob esse aspecto, eles não diferem muito dos psicanalistas e dos padres. A diferença entre ser culpado e sentir-se culpado pode ser muito sutil. Mas é claro que você não chegou mais cedo do trabalho e está sentado no escuro com um copo de uísque na mão, preocupado, porque dois policiais foram realizar um procedimento de rotina...

— Estou.

— Como assim?

— Estou preocupado.

Camila, até então em pé ao lado do marido, sentou-se na poltrona em frente e olhou para ele, nos olhos, por alguns segundos.

— Por que você está preocupado, querido? O que aconteceu?

— Nada. Eu não soube dizer nada a eles.

— O que você não soube dizer?

— Eles me pediram para descrever detalhadamente cada gesto meu e cada coisa que eu tinha visto quando fui buscar o carro. E só me lembrava de ligar o motor e descer em direção à casa para te pegar.

— E não foi isso que aconteceu?

— Foi. Mas o que me preocupa é que eu não consigo me lembrar de mais absolutamente nada. Eles perguntaram como eu manobrei o carro, se estava com farol alto ou baixo, se quando fiz a volta o farol iluminou alguém ou alguma coisa que tivesse me chamado a atenção... Enfim, pediram para eu descrever cada segundo da minha estada naquele cul-de-sac.

— E você descreveu?

— Descrevi. Só que foi tudo inventado.

— Por quê, inventado?

— Porque eu não me lembro de absolutamente nada. Achei que eles não acreditariam se eu dissesse isso.

— Mas, querido, isso não tem importância. Eles vão ficar sem algumas informações que você deixou de dar porque não prestou atenção, só isso. Ou então não havia nada para chamar sua atenção. Se lhe pedirem para descrever o que viu no trajeto para casa agora de tarde, provavelmente você não vai se lembrar de quase nada. Acharam um mendigo morto a tiro. Uma vez feito o registro da ocorrência, eles têm que abrir um inquérito, para isso têm que procurar possíveis testemunhas. É aí que você, por ter ido pegar o carro naquele fim de rua, se transforma numa dessas possíveis testemunhas. Fica tranquilo, querido, quando eles perceberem que você não tem nada a dizer, param de te perturbar.

— Camila, não são eles que estão me perturbando... Sou eu mesmo. Não é a primeira vez que isso me acontece.

— Isso o quê?

— Isso... Eu esquecer...

— Querido, todo mundo tem esquecimentos.

— Camila, se eu pedir para você me descrever cada passo que você deu e cada coisa que fez na hora de fechar o consultório e vir para casa, você é capaz de me dizer. Eu não consigo dizer nada sobre um acontecimento tão pouco usual como sair no meio de um temporal para pegar o carro numa rua sem saída em plena madrugada.

— Você vai se lembrar. Quando menos esperar, vai se lembrar de cada detalhe.

Espinosa chegou em casa pouco antes das sete. Os esquemas que fizera e rasgara ao sair da delegacia estavam na sua cabeça. Como o número de elementos dos esquemas era reduzido, nenhum era complexo a ponto de não ser facilmente memorizável. Na verdade, não estava muito interessado nas possíveis relações entre os elementos dos seus esquemas, mas sim nos elementos em si mesmos. Quando pensados uns em relação aos outros, eles não formavam uma totalidade estruturada: eram um amontoado de pessoas e fatos que não pareciam ter ligação entre si. O que Magro, um sem-teto miserável, tinha a ver com os convidados do jantar do casal Juliana e Marcos? Magro tinha alguma coisa a ver com os empregados do clube, e mesmo essa relação era frágil, sustentada pela ligação antiga com um ex-empregado do clube que facilitava para ele receber sobras de comida, ajuda essa que continuava existindo — daí a presença dele naquele lugar àquela hora. Mas, nesse caso, por que alguém o matara?

A visão da desarrumação resultante do fim de semana passado com Irene fez com que sua cabeça mudasse completamente de registro. O cenário mental agora era todo ocupado pela imagem de Irene andando nua pelo apartamento, quando na verdade, naquele momento, ela estava em São Paulo, provavelmente chegando ao hotel depois de um dia de trabalho. Às vezes ela ficava fora apenas dois dias, outras ficava a semana inteira, inclusive sábado e domingo. Ele não perguntava o que ela fazia durante a semana — supunha que os

dias eram dedicados ao trabalho —, tampouco procurava saber como ocupava as noites e os fins de semana. Irene, por sua vez, nunca perguntava o que Espinosa fazia nos seus dias e noites supostamente solitários.

Tirou o paletó, pôs a arma e a carteira sobre a mesa-de-cabeceira e foi conferir o que tinha no congelador para o jantar. As opções eram: almôndegas com espaguete e lasanha light. Pior do que isso, só espaguete light, pensou. Daquilo que Irene trouxera para o fim de semana não restara rigorosamente nada. Encontrou uma lata de cerveja no fundo da geladeira. Espaguete com almôndegas e cerveja: seria esse o seu jantar, a menos que se dispusesse a comer na rua. Pôs a dupla almôndega-espaguete no microondas e saiu pelo apartamento catando peças de roupa, recolocando no lugar móveis e objetos removidos em momentos de maior animação do fim de semana. Interrompeu a tarefa ao ouvir os três apitos do microondas. O jantar e a bebida daquela noite representavam o nível mais baixo dos últimos tempos na sua escala de qualidade gastronômica. Tentaria compensar com o café e com a leitura do livro comprado na sexta-feira e que ainda estava ao lado da cadeira de balanço à espera de uma primeira aproximação.

Eliminou da cozinha os vestígios do jantar e tentou, sem muito empenho, devolver à sala o aspecto que ela costumava ter. Em seguida, ligou o abajur de leitura, olhou para o livro como quem diz “não saia daí que eu já volto” e foi até o quarto vestir uma roupa mais confortável.

De volta à sala, sentado na cadeira de balanço que fora dos pais, o livro no colo e o olhar perdido no escuro da noite que a janela francesa, com seu pequeno balcão de ferro batido, deixava entrever, não deu início à leitura, nem sequer abriu o livro; o olhar voltado na direção do morro de São João parecia procurar, mais além, a ladeira onde Magro, o morador de rua, se encharcara de água de chuva depois de levar um tiro no peito.

Welber e Ramiro combinaram se encontrar na estação Arcoverde do metrô, a uma quadra de distância da rua Mascarenhas de Moraes. Resolveram subir a ladeira a pé a fim de ter uma idéia do esforço

despendido por Magro para fazer o mesmo percurso com uma perna só, de muletas e debaixo de chuva. Queriam também verificar possíveis abrigos, recuos, escadas que ele pudesse ter utilizado como ponto de parada durante a subida. No primeiro terço do trajeto os dois já estavam com a respiração ofegante e depois da primeira curva, a mais forte, ambos começaram a duvidar que o mendigo mutilado tivesse subido a ladeira a pé.

— Não esqueça que Magro subia e descia o morro do Pavãozinho todos os dias — disse Welber.

— Pode ser. Aqueles caras das paraolimpíadas não fazem de tudo?

— Fazem. Mas não são miseráveis, desnutridos, doentes, fodidos como Magro.

— Talvez por ser isso tudo ele precisasse subir esta merda de ladeira tarde da noite com chuva... Ou então, companheiro, era porque a recompensa era muito boa.

— No caso dele, talvez tenha sido... só que não pôde usufruir.

— Porra, Welber, mataram o cara.

— E isso é bizarro. Ele era tão fodido que não merecia nem morrer. No entanto foi morto com incrível eficiência. Trabalho de classe para vítima tão desprezível.

Chegaram ao portão de acesso ao clube e subiram uma pequena ladeira perpendicular à primeira, até a sede. Só o pessoal responsável pela limpeza e pela manutenção estava trabalhando. O único funcionário administrativo que chegara nunca tinha ouvido falar em Magro e nem sequer sabia do crime ocorrido na véspera. A conversa com os empregados não levou a nada, eles trabalhavam apenas durante o dia.

— O pessoal da noite é outro, delegado, nosso expediente termina às cinco.

— Não sou delegado. Sou o detetive Welber, e aquele que está conversando com seu colega é o inspetor Ramiro.

— Tá legal, detetive, mas eu nunca soube de nenhum sem-perna.

— Magro.

— O quê?

— O apelido dele era Magro.

— Tudo bem. Mas não me lembro de ter visto nenhum homem sem perna aqui no clube.

— E fora do clube?

— Já vi alguns, mas não sei quem eles são.

A conversa com os demais empregados foi igualmente infrutífera. Qualquer que fosse o motivo real que fazia Magro subir aquela ladeira com alguma regularidade, isso só acontecia tarde da noite. A menos que todos os empregados estivessem mentindo, o que era pouco provável, ele nunca aparecera no clube durante o dia. Welber e Ramiro teriam de voltar à noite.

Não valia a pena irem até a Zona Norte para voltar a Copacabana à noite a fim de entrevistar os empregados do clube. Tanto Ramiro como Welber teriam de pegar duas conduções até chegarem às suas casas — e isso, para quê? Para ficar sentados na sala esperando anoitecer e então voltar ao clube? Foram para a delegacia.

* * *

Normalmente o número de funcionários à noite era menor do que de dia, a não ser quando o clube alugava o salão, as salas de jogo e a piscina para alguma festa particular. Quando isso acontecia, o número de empregados dobrava. Não era o caso naquela noite. Ramiro e Welber anotaram os nomes dos funcionários presentes e cada um ficou encarregado de entrevistar a metade deles, trabalho que terminou pouco antes da meia-noite. Nada de aproveitável foi acrescentado ao que haviam ouvido na parte da manhã, ou ao que já sabiam anteriormente. De positivo ficou apenas o fato de que Magro, às vezes e muito irregularmente, aparecia na hora em que faziam a faxina da noite e pedia alguma sobra de comida. Não incomodava ninguém e nunca se deixava ver por nenhum frequentador do clube; chegava e saía por um antigo caminho na encosta do morro que dava nos fundos do clube e cujo acesso era uma velha escadaria de pedra no retorno... a dois metros de onde seu corpo fora encontrado.

Somente no dia seguinte pela manhã Welber e Ramiro reportaram a Espinosa o resultado das entrevistas feitas com os funcionários do clube.

— Não telefonamos para o senhor ontem à noite porque queríamos falar com os empregados que saem por último do clube. Quando terminamos a última entrevista era quase meia-noite, achamos que o senhor podia estar dormindo... Além de não termos conseguido nada — disse Welber.

— Nada?

— Nada. Conversamos com todos os empregados, tanto os responsáveis pela limpeza e manutenção como os cozinheiros e auxiliares. Falamos ainda com os funcionários administrativos. Ouvimos muitas histórias e descrições minuciosas do trabalho de cada um, mas nada que acrescentasse um detalhe que fosse ou alguma suposição ao que já sabemos sobre a morte de Magro. Sou capaz de apostar meu salário como ele ia lá apenas para ganhar um prato de comida e nada mais.

— Muito bem. Quero que vocês passem para mim tudo o que conseguiram anotar sobre Magro até agora. Feito isso, vão os dois até o IML e consigam a melhor foto possível do morto, antes que o enterrem. Arranjem uma camisa velha para vesti-lo. Quero que pareça vivo. A foto não precisa ser de corpo inteiro; basta pegar da cintura para cima... Se der para abrir os olhos dele, melhor ainda. Depois vão para casa descansar. Amanhã podem voltar à rotina e retomar os casos em andamento.

— O senhor vai arquivar o caso?

— Vou.

— Vai considerá-lo encerrado?

— Como, encerrado? Nem conseguimos abri-lo.

— E a foto?

— Se perguntarem, digam que é para o caso de alguém aparecer reclamando o corpo depois que ele for enterrado como indigente. Que a foto é para o reconhecimento.

4

Com o sol, voltou o calor intenso do verão tropical depois de quatro dias de chuva e temperatura amena, e o uso de roupas mais leves e informais para homens e mulheres. Algumas categorias profissionais, como a dos advogados, continuavam a circular pelo centro da cidade em seus ternos escuros, engravatados, qualquer que fosse a estação do ano, coisa cada vez mais rara na Zona Sul e mais rara ainda em Ipanema. A roupa leve que Aldo vestia a caminho do escritório podia ser a mesma com que ia ao cinema ou que usava para jantar com Camila num dos restaurantes do bairro.

Apesar do calor, Aldo decidira ir andando até o escritório, o que significava cruzar Ipanema de ponta a ponta até a avenida Atlântica. Não era muita coisa, uns três quilômetros se tanto, o problema era o calor. Escolhera o lado da sombra e fora andando pela Visconde de Pirajá em direção à avenida Atlântica enquanto pensava nos acontecimentos dos últimos dias. Na verdade, o que o preocupava não eram os últimos dias, mas apenas um dia, uma noite, uma parte da noite: aquele momento em que fora buscar o carro estacionado no larguinho no fim da rua. Mas o fato é que precisava trabalhar, cuidar dos projetos novos, orientar os estagiários, precisava estar mais tempo com Camila. Não podia ficar o dia inteiro pensando na mesma coisa, numa insistência obsessiva com detalhes esquecidos... e que sabia esquecidos porque aqueles policiais cuidavam de lembrá-lo.

* * *

Camila tinha atendido os dois primeiros pacientes da tarde quando abriu a porta da sala de espera para Maria.

A sala de espera era desnecessária, já que paciente nenhum chegava antes da hora, e Camila não tinha ninguém para abrir a porta para quem chegasse enquanto ela estava atendendo. Não havia recepcionista, e os pacientes sabiam disso. A porta de entrada ficava trancada até sair o paciente que estava sendo atendido, e somente então o paciente seguinte tinha acesso ao consultório. Camila não gostava de ter uma pessoa sentada no vestíbulo sem fazer nada, apenas para receber os pacientes. Os telefonemas, ela deixava que a secretária eletrônica os registrasse e, dependendo da urgência, respondia nos intervalos ou no final do dia. Assim, não tinha ninguém perturbando, mesmo que fosse uma presença muda, enquanto atendia.

Maria às vezes hesitava quanto à forma de cumprimentá-la: se, além de dizer boa tarde, beijava a face ou apertava a mão da analista ou não fazia nem uma coisa nem outra. Camila esperou que ela entrasse, trancou a porta externa e fechou a porta da sala de atendimento. A luz do consultório era natural, filtrada pela persiana e regulada de acordo com a hora do dia. Somente quando caía a tarde era acesa a lâmpada do abajur. Assim que chegava, Maria descalçava as sandálias e deitava no divã. A roupa obedecia ao estilo de sempre: bermuda folgada e camiseta, e, apesar da extrema simplicidade, era elegante. Havia dias em que permanecia longos minutos em silêncio até dizer a primeira frase, que nem sempre era uma frase, podia ser apenas uma palavra, um nome; em outros dias entrava falando antes mesmo de deitar no divã. Mas, mesmo quando isso acontecia, a fala era agradável e a voz suave. Deixara claro que seu desinteresse sexual pelo marido não dizia respeito a ele especificamente, mas aos homens em geral. Mais ainda, que não se tratava de desinteresse sexual dela pelos homens: a sexualidade dela não era sem interesse, o que era desinteressante eram os homens. Isso não queria dizer que tivesse passado a se interessar sexualmente por mulheres, embora considerasse as mulheres mais interessantes que os homens. E era esse o ponto perturbador da questão, o que a movera a procurar análise: em sua opinião, nada havia de errado com a sua sexualidade, eram as pessoas que estavam erradas... Não propriamente erradas,

dizia, não se trata de certo ou errado... as pessoas estavam estereotipadas, pobres, aborrecidas.

Naquela tarde estava falante, e o tom e a musicalidade suave de sua voz agradavam a Camila. Havia ainda o movimento dos pés... mais suave naquela tarde em que a fala era mais abundante... e então eram as mãos que gesticulavam... e os cabelos... pretos, brilhantes, volumosos... deslizavam para um lado e outro da cabeça quando ela se movimentava. Na sessão anterior, Camila arriscara pegar entre o indicador e o polegar uma mecha do cabelo que se derramara sobre a cabeceira do divã. Nada que tivesse sido percebido por Maria. E ali estava, mais uma vez, aquele cabelo farto, denso, derramado sobre o encosto do divã, ao alcance da sua mão sem que fosse preciso mexer o braço. Naquele momento Maria estava em silêncio, apenas os pés falavam um com o outro. Camila moveu a mão e fechou-a sobre considerável quantidade de cabelo, mais do que o mínimo necessário para ser percebido pela paciente. Maria não moveu a cabeça nem falou nada... e assim permaneceu durante um tempo como que à espera de algo, sem dar a perceber que sentira o gesto de Camila, mas imóvel o bastante para sinalizar que a jogada ainda estava com a analista. Camila acariciou de leve a mecha de cabelo. Maria, sem se voltar, estendeu o braço para trás e pousou a mão sobre a de Camila.

Ainda no elevador, antes mesmo de abrir a porta do escritório, Aldo tinha certeza de que iria encontrar os dois policiais à sua espera. Não dissera nada para Mercedes, sua colega arquiteta, nem para Rafaela e Henrique, os estagiários. Os policiais podiam chegar dizendo que haviam marcado hora com o dr. Aldo Bruno e ser convidados a entrar. Ou isso, ou um recado telefônico dizendo que passariam por lá antes do meio-dia. Abriu a porta de súbito para surpreendê-los. Não estavam lá... Não havia recado. Reuniu seu pequeno grupo para discutirem o projeto mais recente de modo a não perderem prazos. Pararam ao meio-dia e meia para o almoço.

— Algum problema? — perguntou Mercedes quando os estagiários se afastaram.

— Não. Por quê?

— Porque é óbvio que há algum problema te preocupando. Pode ser pessoal e familiar, e nesse caso não me intrometo, mas pode ser de trabalho, e então posso me intrometer.

— Não é familiar... Não é de trabalho... É pessoal... E nem sei se é um problema, porque não sou capaz de enunciá-lo com clareza. É muito simples... Estou tendo uns brancos de memória.

— Isso acontece com todo mundo, qual o problema?

— O problema é que, quando acontece conosco, de problema ele se transforma em fantasma e passa a nos assombrar.

— Quer conversar sobre assombração enquanto almoçamos? Que tal o japonês?

— Obrigado. Vamos lá.

Mercedes era vinte anos mais moça que Aldo. Assistente dele, boa profissional, bonita... fatores que marcavam distâncias e afastamentos, enquanto outros provocavam aproximações. Aldo sabia do cuidado que tinha de tomar para impedir que o espaço em que se moviam se tornasse indiferenciado. Mercedes era nascida na Argentina, filha de mãe argentina e pai brasileiro. Apesar de bilíngüe, guardava na fala uma longínqua e encantadora sonoridade portenha. Era comum os quatro almoçarem juntos, embora fosse mais freqüente Mercedes, Rafaela e Henrique saírem para almoçar mais cedo e Aldo esperar que retornassem para então almoçar sozinho. Menos comum mas não raro era apenas Aldo e Mercedes almoçarem juntos. Na própria quadra do escritório havia restaurante italiano, português, chinês e japonês, além de um self-service de naturalidade indefinida. Podiam comer cada dia da semana em um restaurante diferente, mas alternavam preferencialmente entre o italiano e o japonês.

Assim que fizeram os pedidos, Mercedes retomou o tema da conversa.

— Como é isso de estar esquecendo... tendo brancos de memória, como você disse?

— É exatamente isso: estou tendo brancos de memória.

— A toda hora? Várias vezes por dia?

— Não. Não é assim, se fosse, eu nem conseguiria trabalhar. Não acontece todo dia... mas acontece.

— Qual foi a última vez que aconteceu?

— Foi na noite de quinta para sexta.

— E como foi?

— O desagradável é que envolve a polícia. Fui obrigado a mentir para ocultar o fato de não me lembrar de nada.

A menção à polícia fez mudar a fisionomia de Mercedes. Aldo então contou-lhe da busca do carro no retorno e do total esquecimento de como isso se dera, com a agravante de terem achado o cadáver do mendigo.

— Pode ter acontecido exatamente como você disse: você correndo debaixo da chuva, entrou rapidamente no carro para não se molhar mais ainda, ligou o motor e desceu com o carro até a porta da casa. Se houvesse um cadáver estendido no meio da rua, você teria visto. Se não viu nada — e por isso não se lembra de nada — é porque ainda não havia cadáver nenhum estendido na rua. Ponto final. Qual é o problema?

— O problema é que inventei uma pequena história cheia de detalhes para tapar a lacuna do que eu deveria ter visto e me lembrado no dia seguinte.

— Você é capaz de se lembrar de tudo o que viu ontem à noite? Ou mesmo hoje de manhã, desde que saiu de casa?

— Esse é o argumento que estou usando comigo mesmo. Mas não me convenço. Uma coisa é não conseguir me lembrar dos milhares de detalhes da minha caminhada matinal até o escritório, outra coisa é não conseguir me lembrar de um cenário restrito, um largo, no fim de uma rua, com não mais de dez metros de diâmetro.

— Não entendo o motivo de você estar tão abalado com isso. Houve outros fatos semelhantes?

— Com a polícia?

— Não, esquecimentos...

— Alguns, mas esse é que está me atormentando.

Os combinados de sushi e sashimi chegaram e fez-se um silêncio. Aldo tentou captar o efeito sobre Mercedes do relato feito por ele, mas ela estava inteiramente voltada para a delicadeza da culinária japonesa. Essa era uma característica de Mercedes, que era capaz de se concentrar em diferentes coisas sem ser dispersiva. Depois de examinar as peças do seu combinado, de desembulhar e separar as partes do hashi e provar o primeiro sashimi, ela se voltou para Aldo como se a conversa não tivesse sofrido nenhuma quebra de continuidade:

— E será que é ele mesmo que está te atormentando?

— Como assim?

— Esse esquecimento... Será que não há outra coisa ligada a ele?

— Como eu posso saber?

— Não foi à toa que isso aconteceu num beco...

Mercedes depositou os pauzinhos no prato e pôs a mão sobre a de Aldo.

— Talvez não seja uma boa hora ou um bom lugar para falarmos sobre isso. Por que não terminamos nosso almoço e damos uma caminhada pela avenida Atlântica, pelo lado da sombra, é claro, e continuamos a conversa?

O restaurante ficava em uma rua perpendicular à praia, de modo que naturalmente se dirigiriam para a avenida Atlântica. O prédio do escritório ficava no meio da quadra: podiam continuar por mais uma ou duas quadras ou entrar ao passar defronte à portaria. Entraram. Os nove andares, com eles a sós no elevador, foram acompanhados um a um no indicador luminoso, por Aldo, sem que uma única palavra fosse dita.

No decorrer da tarde, Aldo voltou a reunir sua equipe para continuar a discussão da manhã. Orientou individualmente as tarefas atribuídas a cada um dos estagiários e procurou manter-se o mais natural possível com Mercedes. Essa era a parte mais difícil, dado o grau de mobilização provocado pelas observações feitas por ela

durante o almoço, acrescidas do que havia de sugestão explícita no gesto de segurar sua mão e de propor uma continuação da conversa em outro local. “Esse esquecimento”, dissera ela, “será que não há outra coisa ligada a ele?” Claro que há, porra! E daí? A única coisa dita pela polícia às pessoas interrogadas é que um homem foi morto. Obviamente a tiro, caso contrário não teriam me perguntado se eu tinha um revólver... Aliás, eu tinha um revólver... E essa é outra questão: o que foi feito do revólver? Lembro-me perfeitamente dele, um Taurus calibre trinta e oito, só não consigo me lembrar de que fim ele levou. Por via das dúvidas, disse ao policial que meu revólver era calibre trinta e dois, e que eu o entregara para a campanha do desarmamento. Por que as mentiras?

Mercedes, Rafaela e Henrique tinham ido para casa. Anoitecera. As luzes da avenida Atlântica estavam acesas e o trânsito de veículos em direção a Ipanema e Leblon era intenso. Pela primeira vez sentira receio de ficar sozinho no escritório... Principalmente à noite. Desceu e pegou um táxi para casa.

Camila já havia chegado e estava com as crianças enquanto elas jantavam, na copa. Foi saudado simultaneamente pelos três, dois dos quais estavam com a boca cheia. Uniu-se a eles e escutou as histórias que estavam contando sobre o dia de cada um... só que contadas ao mesmo tempo... o que o obrigava a olhar para um e outro alternadamente, como se estivesse assistindo uma partida de pingue-pongue. Terminados o jantar e a narrativa, os dois se levantaram: Fernando a caminho dos seus jogos eletrônicos; Cíntia a caminho do telefone.

Aldo pegou Camila pela mão e levou-a até a sala. Contou-lhe como estava se sentindo em relação ao esquecimento daquela noite e às mentiras que contara à polícia.

— Por que as mentiras, Camila?

— Porque você tem plena consciência da lacuna da memória, então sente necessidade de preenchê-la. A diferença é que nesse caso o preenchimento é deliberadamente falso, seu objetivo é apenas enganar o outro, o policial, mas não a você mesmo. Você tem tido

outros esquecimentos? Esquece o nome das pessoas, esquece de cumprir seus compromissos, esquece de pagar suas contas, e coisas desse tipo?

— Não.

— Então.

— Então o quê?

— Então você não está com a memória afetada... lesada por algum fator externo... apenas não consegue se lembrar do que aconteceu durante um curto período de tempo perfeitamente localizado. Você continua sem se lembrar de nada? Nem um detalhezinho sem importância?

— A única coisa que me vem à memória quando tento relembrar aquele momento é a imagem de um velho portão de madeira... e eu estou entrando por esse portão.

— Você sabe que portão é esse?

— Não.

— Tem algum portão naquele retorno?

— Não sei. Posso ir até lá amanhã de manhã para conferir. Camila... Outra coisa...

— O quê, meu bem?

— Que fim levou meu revólver?

— Deve estar escondido no seu armário... dentro de uma gaveta... numa prateleira alta...

— Já procurei em todos os lugares. Aqui em casa, tenho certeza de que não está.

— Não está no porta-luvas do automóvel? Você já o pôs lá algumas vezes... Quando íamos viajar, ou sair à noite.

Quinta-feira. Manhã bonita, calor suportável, ânimo não muito bom. Espinosa escolheu o trajeto mais curto entre sua casa e a delegacia. O mais curto e menos atraente. Os mais atraentes eram pela rua Barata Ribeiro, quando tinha tempo para vasculhar as estantes e bancadas do sebo na expectativa de um bom livro, ou

através da galeria Menescal, quando o que funcionava como pólo de atração eram os quibes do Árabe. Escolher o caminho menos atraente dos três significava que não estava interessado na paisagem, nas pessoas, no movimento das ruas ou mesmo em iguarias, mas que estava voltado para as próprias idéias, em geral não muito agradáveis nesses estados de mau humor matinal. De nada adiantava ser quinta-feira, véspera de um possível encontro com Irene, porque era uma quinta-feira que se seguira a uma quarta na qual ele engavetara um caso que tinha remota chance de ser concluído satisfatoriamente, e não podia dispor de dois policiais dos mais competentes para investigar a morte de um homem cuja invisibilidade era tão grande quanto a do seu assassino. A vítima não tinha existência civil, seu nome era apenas um apelido, não tinha documento, moradia, família, amigos, conhecidos, não havia nenhuma rede de relações, por menor e mais tênue que fosse, na qual pudesse ser inserido. Era um sem-teto, sem-identidade, sem-família... Sua carência era de tal ordem que o único traço distintivo que possuía era negativo: a falta de uma perna.

O percurso não foi longo o suficiente para desenvolver como gostaria o raciocínio que estava empreendendo, embora tivesse o hábito de dizer que raramente raciocinava, quando muito deixava as idéias se associarem livremente. De modo que foi um choque quando, ao entrar no seu gabinete, encontrou sobre a mesa uma foto de Magro olhando fixo para a câmera, como que a desafiar o fotógrafo.

— Que tal, delegado, gostou? — Era Ramiro, entrando na sala seguido de Welber.

— Como conseguiram?

— Obra aqui do nosso detetive-fotógrafo Welber.

— Excelente.

— Metade do mérito tem que ser creditado ao pessoal do IML. Foram sensacionais — disse Welber. — A outra metade deve ser creditada ao senhor. Foi só dizer que era um pedido seu e todo mundo colaborou. A terceira metade deve ser atribuída ao meu

celular, porque a única câmera de que dispúnhamos era a dele; finalmente, a última metade foi obra do computador, que retocou e abriu os olhos do Magro, além de colocá-lo de pé. Foi o melhor que conseguimos. Como nenhum de nós viu Magro com os olhos abertos, não há como comparar. Portanto... Eis o morto... vivo.

— Fantástico.

— Agora que fizemos tudo isso, o senhor pode nos dizer o que está pretendendo fazer com a foto?

— Mostrar ao assassino.

Claro que Espinosa não sabia quem era o assassino. Tampouco suspeitava de alguém. Não havia suspeitos. Dispunha apenas de possíveis... e mesmo esses eram pouco prováveis. Estava considerando “possíveis” as pessoas que teriam chegado até Magro àquela hora da noite, debaixo de forte chuva — pessoas que teriam subido a ladeira, de carro ou a pé, ou pessoas que já estivessem lá em cima. Ninguém foi visto subindo a ladeira, a não ser um morador em seu carro e alguém em um táxi. Era pouco provável uma pessoa pegar um táxi para subir a ladeira e dar um tiro num sem-teto. O mais provável, portanto, era que o assassino já estivesse próximo ao local do assassinato. Se fosse algum morador do prédio, o porteiro teria visto movimento de saída e entrada. Restavam como possíveis, embora não prováveis, os participantes do jantar de comemoração da casa nova. Dentre eles, apenas dois, declaradamente, haviam estacionado seus carros no largo. Assim, por mais improváveis que pudessem ser como possíveis matadores do sem-teto, era a eles que Espinosa pretendia mostrar a foto. O importante é que fossem pegos de surpresa. Seria uma oportunidade única para o delegado observar sua reação. Se não fosse o momento adequado ou se eles vislumbrassem o que lhes seria mostrado, não haveria uma segunda chance.

Graças ao Photoshop, a foto mostrava um Magro vestindo uma camiseta comum, bermuda e sandália havaiana, de pé, apoiado nas muletas. O fundo da foto era escuro e indefinido, podia ser uma cerca viva ou um muro de pedra, e o homem olhava fixo para a câmera

como se surpreendido pelo fotógrafo. A maravilha da ressuscitação do morto tinha sido obra do sobrinho adolescente de Ramiro, cuja diversão principal era compor situações embaraçosas nas quais uma figura pública aparecia no meio de uma bacanal, ou formar a imagem de uma pessoa com partes de outras. A composição da foto de Magro não fora um problema para o rapaz.

Na manhã de sexta-feira Espinosa telefonou para Rogério Antunes e para Aldo Bruno marcando hora com cada um deles. “É coisa rápida”, prometeu, “não vai tomar mais do que dez minutos do seu tempo.” Nenhum dos dois foi muito receptivo, mas ambos concordaram em conceder dez minutos na parte da tarde. Devido à impressão que Welber e Ramiro haviam tido dos dois, Espinosa preferiu se encontrar primeiro com Rogério Antunes. O local do encontro foi novamente a varanda do Iate Clube, e tudo levava Espinosa a crer que aquele era o escritório do jovem executivo. Sem dúvida tinha uma bonita vista.

— Doutor Rogério, é um prazer conhecê-lo pessoalmente.

— O prazer é todo meu, delegado. Tive oportunidade de conhecer seus auxiliares, pessoas agradáveis e simpáticas... Batemos um bom papo. Infelizmente, não pude ajudar muito... Na verdade, acho que não ajudei em nada.

— Às vezes não ter como ajudar já é uma grande ajuda.

— Mas então, delegado, apareceu algum dado novo? Quem sabe desta vez posso ser mais útil...

— Obrigado, doutor. Realmente, surgiu uma primeira pista que parece promissora... Um suspeito... Ele foi identificado pelo garagista de um dos prédios vizinhos.

Espinosa retirou a foto do bolso do paletó, e a depôs sobre a mesa. Rogério Antunes olhou para ela, tomou-a nas mãos, olhou mais detalhadamente...

— Este é o suspeito?... Não tem uma perna... Parece um pobre coitado...

— O senhor já viu este homem?

— Nunca, delegado. Quem é ele?

— Ninguém sabe ao certo... Muito obrigado... Mais uma vez, sua ajuda nos foi muito útil. — Espinosa pegou a foto e voltou a guardá-la no bolso.

— Mas eu não ajudei em nada...

— Exatamente por isso, doutor. Mais uma vez, obrigado. Até a vista... Por falar nisso, bela vista a que se tem daqui.

Aproveitou um táxi que deixara um passageiro dentro do clube e rumou para a avenida Atlântica, Posto Seis, para se encontrar com Aldo Bruno.

Quem abriu a porta foi Mercedes, o que fez Espinosa esquecer a bela vista que tivera do Iate Clube.

— Boa tarde. O senhor deve ser o delegado Espinosa. Aldo falou que o senhor viria. Ele está na outra sala... Entre, por favor.

A intimidade emprestada à frase “Aldo falou...” ainda não tinha sido suficientemente absorvida por Espinosa quando ele foi apresentado aos dois estagiários e em seguida conduzido à sala de Aldo Bruno. Na sala havia uma grande prancheta, daquelas antigas, cujos movimentos eram controlados por pedais, e uma outra mesa com o maior monitor de computador que Espinosa já vira. Como pano de fundo, a vista de toda a praia de Copacabana. O arquiteto levantou-se para cumprimentar o delegado.

— Delegado, prazer em conhecê-lo. Sente-se, por favor. O senhor disse ao telefone que surgira uma novidade e que precisava da minha ajuda.

— É verdade. Surgiu um suspeito que foi identificado positivamente pelo garagista de um prédio vizinho. Há fortes indícios de que seja ele o autor do disparo.

Com um gesto estudado, Espinosa retirou a foto do bolso e entregou-a ao arquiteto. Aldo olhou para a foto.

— Mas este...

— Este...?

Aldo devolveu a foto para Espinosa como se ela estivesse contaminada.

— ... é um homem sem perna.

— Sem perna mas com dois braços, pode empunhar uma arma e apertar o gatilho.

— Foi ele quem atirou?

— Tudo indica que sim. O senhor viu este homem no fim da rua ou na ladeira ou em qualquer outro lugar?

— Não. Certamente não. Eu me lembraria... por causa da perna.

— Obrigado, doutor Aldo, os dez minutos que lhe pedi ao telefone já se passaram, não quero tomar mais o seu tempo.

Aldo acompanhou Espinosa até a porta, despediram-se e a porta foi fechada. Espinosa mal pôde se conter — o arquiteto podia estar olhando pelo olho mágico — até entrar no elevador e desmanchar a expressão de indiferença com que se despedira de Aldo Bruno. Sem dúvida, o arquiteto reconhecera Magro. “Mas este...” Só faltou dizer o nome. O elevador chegou ao térreo e Espinosa saiu do prédio para a calçada, só que em lugar de pegar um táxi preferiu ir andando pela avenida Atlântica até a delegacia. Era uma boa caminhada, mas o cenário compensava qualquer esforço. Além do mais, precisava pensar no que acabara de acontecer e pensava melhor caminhando do que sentado no gabinete.

Não esperava que a idéia da foto desse resultado tão depressa. Aldo Bruno reconhecera Magro. A reação de espanto fora mais do que evidente, fora chocante. O arquiteto ficara verdadeiramente impactado, e só por milagre não deixara escapar o nome do sem-teto. Duplo espanto: o “suspeito” ser Magro, e Magro estar vivo. E a conclusão a se tirar do espanto e do choque: Aldo era o assassino. Ou, na melhor das hipóteses, presenciara o assassinato.

Isso estava claro. Só que não fazia sentido.

Por que um homem jovem, bonito, rico, bem casado, bem-sucedido profissionalmente, ia colocar tudo isso em risco matando um sem-teto miserável e aparentemente inofensivo? Não tinha sido uma

morte acidental. O assassino matou Magro com um tiro no peito e não acidentalmente, por atropelamento, numa noite escura e chuvosa. Por quê? Imaginou o arquiteto saindo de casa com sua bela mulher (porque Espinosa a imaginava bela) para o jantar de inauguração de uma casa reformada por ele, onde seria apresentado aos amigos dos proprietários. O jantar transcorre às mil maravilhas, os convidados são simpáticos, a comida deliciosa, a conversa agradável e pontuada de elogios ao projeto de reforma e à decoração da residência. Terminado o jantar, o arquiteto deixa a mulher esperando na varanda da casa e vai a passos rápidos até o fim da rua, a trinta metros dali, para pegar o carro. Entra no carro, liga o motor e acende os faróis; nesse momento vê Magro de pé, na chuva, apoiando-se nas muletas, a menos de cinco metros do carro, ofuscado pela luz do farol e tentando enxergar o motorista. O arquiteto abre o porta-luvas, retira um revólver de dentro dele, desce do carro, mira no peito do homem e atira.

A história não fazia nenhum sentido.

Caminhou as oito quadras que faltavam para chegar à delegacia elaborando variações sobre a história a partir dos dados recolhidos por Ramiro e Welber com os participantes do jantar e com os empregados da casa. Nenhuma das variações dava conta do desfecho trágico da noite.

De nada adiantava a certeza de que Aldo Bruno reconheceria Magro se não havia nada ligando um ao outro.

Aldo dizia que estava sozinho ao buscar o carro... que deixara a mulher esperando na entrada da casa porque estava chovendo... que manobrou o carro e pegara a mulher... Camila Pontes Bruno. Espinosa pensou que estava na hora de conhecer a dra. Camila. Procurou na lista dos convidados ao jantar e encontrou apenas o telefone residencial. Ligou, e a empregada forneceu o telefone do consultório. Ligou para o novo número e atendeu a secretária eletrônica. Deixou o recado para que ligasse até as sete da noite ou na manhã seguinte.

Saiu da delegacia às sete e quinze, e Camila Bruno não havia ligado.

Antonia nunca se preocupara em dizer a idade, mas Camila avaliava que tivesse entre vinte e cinco e trinta anos. A única coisa que dissera logo no primeiro dia, ainda na entrevista, fora que havia nascido em Portugal e que passara cinco anos da sua infância na Argentina. Fizera os estudos secundários em Lisboa e viera para o Brasil com o intuito de estudar arquitetura, mas, terminado o curso, interessara-se pela arquitetura portuguesa no Brasil e acabara fazendo mestrado em história colonial portuguesa. Isso ela contara para justificar o leve sotaque português que conservava depois de viver dez anos no Brasil. Camila achava o sotaque encantador. A única característica que Antonia tinha em comum com Maria (além do fato de seu primeiro nome ser também Maria) eram os cabelos negros, os de Maria longos e ondulados e os dela curtos, volumosos e lisos... e também a sensualidade discreta, quase tímida, mas poderosa, disso Camila não tinha dúvida. Se fosse possível, teria apenas pacientes mulheres; achava os pacientes homens incrivelmente monótonos. A comparação com Maria era involuntária, a imagem de uma surgia na lembrança sempre que estava na presença da outra. E ali estava Antonia deitada no divã, ainda em silêncio, como que à espera da fala que emergiria naquele início de sessão.

Antonia era menos informal na maneira de se vestir, os gestos eram mais contidos e não tirava os sapatos ao deitar no divã. Dos poucos movimentos que fazia durante a sessão, havia um que Camila ainda não sabia até que ponto era intencional ou pelo menos conscientemente intencional: ela quase sempre usava blusas de abotoar na frente sem sutiã, e um dos gestos repetidos era cruzar as mãos por trás da cabeça, quando então a blusa, cujos botões superiores não eram abotoados, deixava quase inteiramente à mostra um dos seios, expondo o mamilo. Podia ser despreocupação de uma mulher em presença de outra, mas também ser um jogo de sedução de uma mulher que se sabia discretamente provocante.

As primeiras aproximações de Camila foram somente pelos caminhos da interpretação, e encontrava como resposta apenas o

silêncio da paciente. Aquele silêncio não era incomum em Antonia; já acontecera mais de uma vez ela ficar a sessão inteira sem dizer uma única palavra. Mas o silêncio daquele dia era diferente, havia nele um quê de provocativo... Ou pelo menos Camila gostaria que fosse isso. Arriscou um toque no braço da paciente ao mesmo tempo que lhe dirigia a palavra. Não houve reação... nem de susto nem de afastamento... O braço continuou na mesma posição. Arriscou então pousar a mão no braço de Antonia. O braço relaxou e a respiração da paciente ficou ligeiramente ofegante, expondo inteiramente o mamilo. Camila deslizou a mão suavemente pelo braço de Antonia. O paciente seguinte, o último do dia, telefonara na véspera avisando que não iria.

A tarde teria sido perfeita sem a mensagem do delegado na secretária eletrônica. Não contente de procurar Aldo, ele agora queria falar com ela. Ligaria apenas no dia seguinte, depois de conversar com o marido.

Aldo chegou mais tarde que de costume. As crianças já haviam se deitado e Camila esperava o marido para jantar. Antes de ele falar, pelo modo de abrir a porta e entrar na sala, ela soube que alguma coisa tinha acontecido. E não era uma boa coisa.

— Desculpe, querida, fiquei preso no escritório...

— Estava preocupada, você costuma avisar.

— Surgiu um problema de última hora...

— Tudo bem. Vamos jantar e esquecer o problema... pelo menos enquanto jantamos.

O jantar se iniciou com lentidão de gestos da parte de Aldo, acompanhada de lacunas na fala, uma quase-gagueira. Camila depositou os talheres na mesa e ficou olhando para o marido na expectativa de ele retomar o ritmo normal. Mas nada aconteceu.

— Querido, qual foi o problema de última hora? Houve realmente algum problema de última hora?

— Sim... Não...

— Sim ou não?

— Houve, mas acho que não é de última hora.

— Tem a ver com o delegado Espinosa?

— Como você sabe?

— Ele me telefonou. Deixou um recado na secretária, mas só vou responder amanhã, queria conversar com você primeiro. Ele procurou por você no escritório?

— Procurou. Foi por pouco tempo. Só queria me mostrar a foto de um suspeito... de ser o assassino do morador de rua.

— E daí? Você por acaso conhecia o homem da foto?

— Conhecia.

— Conhecia? Como podia conhecer? Era alguém que estava no jantar?!

— Não.

— Então quem era?

— Ainda não sei direito... Estou confuso... Acho que estou misturando as coisas.

— Que coisas você está misturando, meu bem?

— As coisas... Os dias... Estou muito confuso... Ele não pode ser suspeito de ter cometido o crime.

— Quem não pode ser suspeito? O homem da foto?

— É.

— Por quê?

— Porque ele morreu, Camila.

— Ele morreu? Você o conhecia?

— Ele era o morto que foi encontrado naquele retorno.

— Como você pode saber disso?

— Estou muito cansado... Quero dormir.

Sexta-feira, dez horas da manhã.

— Delegado, ligação para o senhor. Camila Bruno.

Espinosa sabia que ela só ligaria depois de conversar com o marido e talvez consultar o advogado da família.

— Doutora Camila, bom dia... Obrigado por ligar.

— Bom dia. O senhor é o delegado Espinosa?

— Sou eu mesmo. Deixei um recado na sua secretária ontem à tarde.

— Quis conversar com meu marido antes de telefonar para o senhor.

— Fez bem. Gostaria de conversar com a senhora por alguns minutos. Mas gostaria que fosse pessoalmente.

— Nós estamos falando pessoalmente, delegado.

— Não inteiramente, doutora. Se a senhora não se incomoda, prefiro uma conversa de corpo presente. A senhora, mais do que ninguém, é capaz de entender essa minha exigência.

— Sim... Compreendo...

— Pode ser antes do seu almoço... Ou mesmo durante, se estiver com o tempo todo tomado...

— Pode ser antes do almoço, eu não atendo na parte da manhã.

— Ótimo. Onze horas está bem?

— Está. Mas prefiro que seja no meu consultório, e não em casa.

Espinosa anotou o endereço, olhou as horas. Dispunha de uma hora. Se pegasse um táxi, poderia dispor de uns quarenta minutos para percorrer uma de suas livrarias preferidas, situada na mesma quadra do consultório da doutora Camila.

Camila estava um pouco contrariada por ter que modificar seu horário de ginástica, mas curiosa por saber o que o delegado queria. Aldo garantira que se tratava de um homem educado. Por isso sentira-se à vontade para marcar o encontro no consultório. Chegou com meia hora de antecedência. Não queria afobação. Às onze em ponto abriu a porta depois de ouvir o som da campainha.

Foi uma surpresa. Para ambos, pelo que ela pôde perceber. À sua frente estava um homem da mesma idade que Aldo, vestido com uma camisa larga de manga curta e para fora da calça, com uma sacola de livros da livraria que ela freqüentava havia anos.

— Delegado Espinosa?

— Doutora Camila?

O consultório, além do divã e da poltrona usada por Camila, tinha outra poltrona, utilizada nas entrevistas, e que ela indicou para Espinosa. A sala ampla, com uma bela estante ocupando uma das paredes e uma bonita vista da lagoa Rodrigo de Freitas por cima dos prédios baixos de Ipanema, agradou a Espinosa.

— Então, delegado, parece que freqüentamos a mesma livraria — disse Camila, indicando com o olhar a sacola que Espinosa depositara na mesinha ao lado da poltrona.

— Só muito de vez em quando. Raramente venho a Ipanema, minha delegacia é em Copacabana, para mim é mais fácil pegar o metrô e percorrer as livrarias do Centro.

— Então o senhor só vem a Ipanema quando o assunto é importante?

— Creio que sim... Embora o critério de importância possa variar. Pode ser uma visita à livraria ou uma entrevista profissional. Obrigado por atender tão prontamente ao meu pedido.

— Em que posso ajudar?

— Me contando o que aconteceu na noite em que a senhora e seu marido foram jantar na ladeira Mascarenhas de Moraes na semana passada. Não estou interessado no jantar propriamente dito, mas no que aconteceu na hora da saída.

— Não aconteceu nada. Estava chovendo, meu marido foi pegar o carro que estava estacionado perto, e fomos embora para casa.

— A senhora sabe onde o carro estava estacionado?

— Na ponta da rua... a poucos metros da casa... é uma rua sem saída.

— A senhora foi junto com ele buscar o carro?

— Não. Chovia muito, estávamos sem guarda-chuva e Aldo disse que daria uma corrida até o carro. Fiquei esperando na varanda da casa.

— Ele demorou para pegar o carro?

— Não. Foi rápido. O tempo de andar até lá, manobrar e descer para me pegar. É difícil calcular... cinco minutos... dez minutos, no máximo.

— A senhora escutou alguma coisa durante o tempo em que ele estava lá?

— Chovia muito, fazia barulho, trovejava...

— Quando ele chegou com o carro, notou alguma coisa de diferente? Ele estava nervoso, ansioso...?

— Não notei nada. Estávamos os dois cansados e com sono, ele estava atento à descida, aquela ladeira é muito íngreme e estreita, e o limpador do pára-brisa mal dava conta da quantidade de água que caía...

— Seu marido costuma levar alguma arma com ele ou no porta-luvas do carro quando vocês saem à noite?

— Aldo não tem arma de fogo... Se o senhor está querendo saber se foi ele quem atirou no homem... Porque evidentemente é esse o nexo que o senhor quer estabelecer entre ele ter ido buscar o carro e o homem que foi encontrado morto.

— Tem razão. Esse é o nexo que procuro estabelecer... ou eliminar de uma vez por todas. Minhas perguntas podem às vezes parecer impertinentes, mas elas tanto podem ser contra como a favor da pessoa investigada.

— O senhor está mesmo supondo que meu marido matou o mendigo?

— Não. Estou apenas colhendo informações com as únicas pessoas que sabemos que estavam no local do crime por volta da hora em que ele foi cometido. Que o assassino esteve lá, não há dúvida. Não é um caso de suicídio. Que seu marido e o doutor Rogério Antunes estiveram no local, também não há dúvida, eles mesmos confirmaram. Fora isso, não tenho mais nada. Essa é a razão da minha insistência. Tentar obter alguma informação útil para chegar ao autor do crime.

— Mas, se o senhor pergunta se meu marido carrega uma arma no porta-luvas do carro, é porque o considera possível autor do crime.

— Não necessariamente. Se ele guardasse uma arma no porta-luvas ela poderia ter sido roubada durante o jantar e utilizada no crime. É comum carros estacionados em lugares ermos serem arrombados e saqueados.

— Mas não foi o que aconteceu com o nosso carro, creio.

— Parece que não. Seu marido não fez nenhuma menção a isso. Mas se a senhora diz que ele não possui arma de fogo...

— E ele deve ter dito a mesma coisa quando o senhor conversou com ele.

— É verdade. Ele disse qualquer coisa sobre a campanha do desarmamento... anos atrás... ele entregou uma arma para ser destruída...

— Então a pergunta está respondida, creio.

— Também creio. Então, doutora Camila, só tenho a lhe agradecer por ter me recebido com tanta presteza. Desculpe ter tomado o seu tempo. Seu consultório é de muito bom gosto, o mesmo devo dizer de sua biblioteca. Deve ser agradável trabalhar num ambiente como este... Contanto que um policial impertinente não perturbe sua paz, é claro.

Levantaram-se os dois ao mesmo tempo. A caminho da porta, Espinosa retirou da sacola de livros uma folha de papel, que desdobrou e mostrou para Camila.

— Mais uma coisa, doutora, alguma vez a senhora já viu este homem?

Camila pegou a folha e olhou atentamente a foto.

— Não. Nunca vi. Estranha, esta foto.

— De fato não é muito boa... A cópia foi feita em papel sulfite.

— Não é isso... o homem é que é estranho... parece um boneco.

— A senhora não deixa de ter um pouco de razão.

— De qualquer maneira, posso garantir que nunca vi este homem.

— Obrigado mais uma vez... Até a vista.

Novamente na rua, olhou para o céu. Azul-matisse, pensou. E pensou no que havia pensado. Nenhum delegado de polícia sai para entrevistar uma testemunha e antes entra na melhor livraria do bairro e sai com três livros dentro da sacola — Faulkner, Coetzee e Patricia Highsmith —, faz a entrevista mas fica embevecido com a beleza e a elegância da testemunha, e quando está novamente na rua olha para o céu e pensa “azul-matisse”. Algo está errado. A fala não combina com o personagem... Ou o roteiro é ruim ou o diretor é incompetente. Acontece que não se trata de um filme ou de uma peça, mas da vida real, e o personagem não é interpretado por um artista, mas é ele próprio: Espinosa, um delegado de polícia que nunca tinha visto um Matisse ao vivo. Continuou andando e pensando no tipo estranho que ele era. Não propriamente estranho. Excêntrico é um termo melhor... ou descentrado. Excêntrico ou descentrado em relação à instituição policial. Mas ninguém permanece vinte anos numa instituição ocupando funções importantes e mantendo-se um excêntrico, um fora do eixo, dessa mesma instituição. A menos, é claro, que seja um idiota. Além de estranho ou excêntrico, é também um idiota. O que, em se tratando dele próprio, não estava longe da verdade, na medida em que a palavra “idiota” pode ser aplicada a um indivíduo voltado para si mesmo... para suas questões... ensimesmado. Era isso que ele era: ensimesmado.

Estava com fome. Não propriamente com fome, mas aquela era a hora do seu almoço. Puro hábito. Só que não estava na delegacia, fazia um trabalho externo, em Ipanema... no final de Ipanema, quase no Leblon... Podia aproveitar e variar de restaurante, experimentar algo fora do circuito McDonald's-Trattoria-botequim-frango assado. Olhou o relógio. Quase meio-dia. Havia vários restaurantes pequenos e simpáticos na própria quadra pela qual andava. E ainda estavam vazios, mas dentro de quinze minutos estariam cheios. Entrou no que achou que combinava mais com o espírito do dia e pediu a salada que levava o nome da casa. Minutos depois constatou que fizera o pedido certo. Aquilo era um delicioso desvio do seu dia-a-dia policial. Duraria uma hora, talvez um pouco mais, se esticasse ao máximo o

tempo dedicado a uma farta salada acompanhada de peito de frango. Uma vez terminado o desvio, fazia o retorno para cumprir a rotina da delegacia. Terminado o almoço, permitiu-se ainda um passeio de meia hora para apreciar o comércio do bairro e as pessoas que circulavam pelas calçadas elegantes, público diferente do que estava habituado a ver em Copacabana.

Quando chegou de volta à delegacia encontrou dois recados sobre a mesa: um de Irene, dizendo que passaria o fim de semana no Rio; outro de Rogério Antunes, com o número do celular e do escritório, pedindo-lhe que ligasse.

Ligou primeiro para o celular de Rogério Antunes. Àquela hora, ainda não teria voltado do almoço. Com certeza estava no Iate Clube.

— Delegado, obrigado por retornar a ligação. É um tanto embaraçoso... Eu não lhe disse tudo o que devia dizer... Espero que me desculpe...

— O senhor viu o corpo.

— Vi.

— Por que não me contou a verdade quando conversamos?

— Porque sei da complicação que é ser arrolado como testemunha num inquérito policial. Principalmente em se tratando de homicídio.

— E como o senhor sabe que se trata de homicídio?

— Depois que o senhor foi falar comigo pessoalmente, não tive dúvida de que alguma coisa séria tinha acontecido, e quando telefonei para o casal meu amigo e eles disseram que a polícia tinha pedido a lista dos convidados do jantar, não tive mais dúvida. Alguém tinha sido morto. Soube também que a vítima era um mendigo. Achei que a investigação não iria muito longe.

— E então, para não ter o seu cotidiano perturbado, decidi omitir o fato de ter visto o corpo caído na rua.

— Lamento, delegado. Por isso telefonei para o senhor: para reparar o erro.

— Ou por medo de ser incriminado, depois que soube que outros presentes ao jantar foram procurados.

O primeiro paciente da tarde naquele dia era Maria, o que era sempre acompanhado de promessa de prazer para Camila. Lamentava que a visita do delegado tivesse contaminado um pouco o dia. Era uma figura interessante, o delegado, pena ser delegado. Tivesse ele outra profissão e seria diferente. Ou será que ele era interessante exatamente por ser delegado? Profissão perigosa: confrontos com bandidos, tiroteios... tudo isso podia funcionar como tempero forte. O fato era que não gostava de policiais, embora tivesse achado o detetive-filósofo interessante e atraente. Mas a promessa da tarde e a natureza da sessão já se insinuavam pelo modo de Maria chegar. Quando Camila abriu a porta para ela, Maria beijou-lhe a face exatamente no ponto em que face e lábios se encontram e, assim que a porta foi trancada, descalçou as sandálias e largou a bolsa no chão.

5

Por dois motivos, Espinosa preferia que Irene viesse para o apartamento dele no bairro Peixoto em vez de ele ir para o dela em Ipanema. O primeiro é que achava seu apartamento mais relaxado, menos arrumado, sem os tapetes e sofás imaculadamente brancos, sem falar nas obras de arte espalhadas pelas mesas e nos quadros nas paredes. O fato é que eles se mantinham muito mais comportados quando passavam o fim de semana no apartamento dela do que quando estavam no dele. O segundo motivo é que, desde o dia em que ameaçaram seqüestrar Irene para pressioná-lo, Espinosa evitava tornar conhecido o lugar onde ela morava. Mas naquele final de tarde ele lhe propunha exatamente o contrário: que passassem o fim de semana em Ipanema, ou mesmo num hotel.

— Por que isso, querido? Aconteceu alguma coisa com seu apartamento?

— Estou sendo invadido, e tive que tomar medidas drásticas.

— Invasão por quem?

— Não é por quem, é por quê. São pequenas formigas... mínimas formiguinhas... se é que isso é possível: formigas são mínimas... falar em mínimas formiguinhas é mais ou menos a mesma coisa que falar em elefantes grandes, uma redundância...

— *Sí, pero no es lo mismo.* Imagine seu apartamento sendo invadido por uma manada de elefantes.

— Irene, estou falando sério.

— Mas, querido, o que essas incríveis formiguinhas estão fazendo?

— Andando, ora! Em fila! Só andam em fila... salvo uma, que percorre a fila na contramão, dando ordens e indicando o caminho a ser seguido!

— Mas, amor, você está saindo de casa por causa de mínimas formiguinhas? E todas tão bem-educadas... Se fossem formigas-saúva eu compreenderia, mas formiguinhas...

— Irene, elas são muitas! Estão na parede da sala, na bancada da pia da cozinha, cruzando na diagonal o chão do banheiro, no corredor, no balcão das janelas francesas...

— Está bem, com exceção da parede da sala elas estão em lugares onde ocasionalmente acontece de fazermos amor, e compreendo que você não deseje essas formiguinhas fazendo cócegas na sua bunda ou na minha. Pegue sua sacola e venha para cá.

Era o que Espinosa ia fazer, quando tocou o telefone.

— Delegado Espinosa.

— Delegado, aqui é Aldo Bruno.

— Sim, doutor Bruno, em que posso ajudar?

— Preciso falar com o senhor.

— Sim...

— Preferia que fosse pessoalmente. Estou no escritório, posso pegar um táxi e em dez minutos chego aí.

— Estou de saída. Tenho um compromisso em seguida. Posso esperar o senhor chegar e vamos caminhando até o bairro Peixoto, onde moro. Conversamos no caminho.

— Está bem. Encontro o senhor dentro de dez ou quinze minutos na porta da delegacia.

Espinosa sentira que aquilo estava para acontecer, mas achava que teria de esperar até a semana seguinte. Aconteceu nos últimos minutos antes de ele partir para o apartamento de Irene, de onde só voltaria no domingo à noite. Deixou um recado escrito para Welber e Ramiro, desligou o computador, deu algumas instruções para o pessoal do plantão e desceu para esperar o arquiteto, que realmente

chegou dentro dos quinze minutos que estabelecera como limite. Esperou que pagasse o táxi e foi até ele.

— Como vai, doutor Aldo?

— Não muito bem, delegado.

— Vamos caminhar? Assim, podemos conversar e o senhor me conta o que houve.

— Preferia que aquele jantar não tivesse acontecido.

— Mas aconteceu.

— Infelizmente... E aconteceu também uma coisa que não contei para o senhor e que está me atormentando.

— Sim?

— Eu não falei a verdade quando o senhor foi ao meu escritório. Eu vi o corpo daquele homem estendido na rua quando fui pegar o carro.

— Em que lugar ele estava?

— Estava estirado sobre os paralelepípedos, perto do muro de pedra. Vi antes mesmo de entrar no carro. Liguei os faróis e fui olhar de perto... Foi quando vi a mancha de sangue no peito, um pouco diluída pela água da chuva. Não precisava ser nenhum perito para ver que ele estava morto. Foi então que me dei conta de que o assassino podia estar por perto... podia pensar que eu tinha presenciado o crime e me matar também... Voltei depressa para o carro e fui pegar minha mulher. Foi tudo muito rápido.

— Por que você não contou a verdade quando nos falamos?

— Por medo.

— Medo de quê?

— Não sei... Medo... Só medo. Não entendi como o homem que eu tinha visto morto estirado no chão podia estar naquela foto, vivo, olhando para a câmera. Quando o senhor me mostrou a foto, tomei um susto tão grande que quase disse que aquele era o homem que eu tinha visto morto. E até agora não entendi.

— Photoshop.

— Devia ter pensado nisso. Ainda estava perturbado com a coisa toda... sobretudo pela mentira que eu tinha contado.

— E por que resolveu contar agora?

— Porque Rogério Antunes, que também tinha estacionado o carro no cul-de-sac, me telefonou contando a conversa que teve com o senhor. Quando ele me disse que também tinha visto o corpo — o que achei que não aconteceria, porque o carro dele estava virado na direção oposta pronto para descer a ladeira —, percebi que minha mentira ficaria evidente. O que se confirmou quando minha mulher disse que o senhor queria falar pessoalmente com ela.

Estavam cruzando a praça Edmundo Bitencourt, coração do bairro Peixoto, e pararam junto a um banco de pedra. Ainda havia um leve resíduo de luz do dia quando os lampiões da praça se acenderam. Os dois homens estavam um de frente para o outro quando Espinosa falou.

— Doutor Aldo, quando conversamos, poucos dias atrás, assim como quando o senhor falou com meus auxiliares, o inspetor Ramiro e o detetive Welber, foram conversas informais, embora informativas. O senhor não estava oficialmente prestando depoimento nem estava sob juramento. Essa informalidade terminou hoje. Na verdade, está terminando neste momento. Daqui por diante sugiro que o senhor — e o mesmo vale para o doutor Rogério Antunes ou qualquer outra pessoa com as quais venhamos a falar — conte a verdade. Não levarei em consideração o que os senhores disseram anteriormente. Não estou fazendo isso porque tenho um bom coração. Não tenho. Estou fazendo isso porque vocês são as únicas testemunhas de que disponho. Por enquanto.

— Minha mulher não...

— Doutora Camila não disse nada que comprometa o senhor ou ela própria. Agora, com licença. Eu disse que tinha um compromisso.

Esperou o arquiteto se afastar e saiu andando em direção ao seu prédio. Subiu as escadas até o terceiro andar, entrou, acendeu todas as luzes e percorreu todos os cômodos. Em seguida pegou o telefone.

— Irene.

— Oi, querido, algum imprevisto?

— As formiguinhas se foram.

— Como assim? Você matou as pobrezinhas?

— Não, elas simplesmente desapareceram. Não ficou nenhuma. Não usei inseticida nem chamei nenhuma firma de dedetização. Irene, elas são como um exército de ocupação, e como não podem ocupar tudo ao mesmo tempo, vão ocupando por partes. Ocupam um prédio ou um apartamento de cada vez... Depois partem para ocupar outros apartamentos e prédios.

— E para que elas ocupam os prédios e os apartamentos?

— Para ocupá-los, é claro!

— E fazer o quê com o que é ocupado?

— Irene, será que você não entende? Ocupação não é um meio, é um fim. Uma vez ocupado, acabou. Fim.

— Espinosa, querido, acho que você está ficando maluco. Ao invés de você vir para cá, eu vou para aí. Tenho medo de você andando sozinho pela rua.

— Então você vem?

— Claro que vou. Você, normal, já é interessante, maluco então...

Apesar da mudança de plano na última hora, Irene chegou ao apartamento de Espinosa com a alegria de sempre e, também como sempre, carregando duas sacolas contendo vinho, pão, queijo e frios. Parada defronte à porta aberta do apartamento, pousou delicadamente as sacolas no chão e, ignorando Espinosa, que de pé e braços abertos a esperava, lançou um olhar investigativo para dentro da sala.

— As hordas... Não mais voltaram?

— Não mais... Capitularam quando souberam que você viria. Bateram em retirada aos gritos de “Irene vai chegar! Fugam!”.

— Espinosa, me diga uma coisa. Tinha de fato formigas espalhadas por todo o apartamento?

— Espalhadas, não, enfileiradas.

— Acho que nada disso aconteceu... acho que você inventa essas histórias quando está sozinho... uma espécie de ensaio para quando você realmente se decidir a escrever ficção. Confessa: tinha mesmo alguma formiga?

— Algumas... sobre a bancada da cozinha... Mas estavam em fila!

Uma hora mais tarde, uma garrafa de vinho vazia, muito queijo e frios, deitados no sofá da sala de frente um para o outro e pernas sobrepostas, Espinosa fazia um resumo do caso do sem-teto para Irene.

— E por que você se envolveu pessoalmente nesse caso? Por que não deixou por conta dos seus auxiliares? No sábado passado você disse que o caso lembrava a você alguma coisa da sua infância. É por isso?

— O local do crime é um beco no alto de uma ladeira a duas quadras daqui. Essa ladeira, que na minha infância chamávamos de ladeira do Otto, representava para nós, montados em nossas bicicletas, o máximo de ousadia na descoberta de novas terras. Digo nossas porque éramos cinco meninos com idades em torno dos treze anos descobrindo o mundo... E exatamente o lugar onde o morador de rua foi assassinado era o ponto máximo a que chegávamos na nossa aventura... além de ser o nosso lugar secreto... Naquela época não havia nenhuma construção no local; de lá de cima descortinávamos toda Copacabana. Sempre que penso na cena do crime, penso na cena da minha infância. Mas tem também o absurdo de um homem obviamente miserável, sem uma perna, sustentando-se sobre muletas e sem condições de ameaçar ninguém, ser morto com um tiro no peito no alto de uma ladeira de difícil acesso e sem saída, à noite, sob chuva torrencial. Depois de uma semana buscando algum sentido nesse absurdo, precisei brincar um pouco com as formiguinhas. Sobretudo depois de o único suspeito ter confessado que mentira na primeira entrevista, o que nos faz voltar à estaca zero.

Apesar da semana difícil, o fim de semana com Irene fez Espinosa esquecer crimes e criminosos, delegacia policial e policiais, inquéritos

e processos, e tudo o mais que o ligava àquele mundo do qual sentia que se distanciava cada vez mais.

Sábado era dia de levarem os filhos ao clube, mas Camila pedira a uma amiga com filhos da mesma idade que os seus, e também sócios do clube, que levasse Cíntia e Fernando com ela. Combinaram almoçar todos juntos no restaurante do clube. Com isso ela e Aldo teriam toda a manhã para conversar sem risco de serem interrompidos.

Nas duas noites anteriores não conseguira conversar com o marido, não por impossibilidade dela, mas devido às esquivas de Aldo, e ela não queria que o silêncio do marido se tornasse crônico. Estavam na copa e tinham acabado de tomar o café-da-manhã. Esperou que Aldo passasse os olhos na primeira página do jornal para fazer a pergunta.

— Que tal falarmos sobre o assunto que estamos evitando?

— Não há muito que falar.

— Podemos pelo menos atualizar o pouco que já falamos. Na noite em que tudo começou, algo deve ter acontecido naquele fim de rua, algo que você não me contou. Fizemos o percurso entre a casa onde jantamos e a nossa sem você dizer uma única palavra, e assim você permaneceu até dormir. Quando a polícia te procurou para saber se você tinha visto alguma coisa de incomum no alto daquela ladeira, você achou que devia me falar alguma coisa, mas acabou por não falar nada: não tinha contado nada aos policiais porque não tinha visto nada. Depois de mais um dia ou dois, você me confessou angustiado que tinha mentido para a polícia... não propriamente mentido, mas que tinha inventado um relato, já que não se lembrava de absolutamente nada... E, pelo que conheço de você, algo deve ter acontecido ontem ou anteontem que modificou esse quadro. Estou certa?

— Está... Como sempre...

— Não, Aldo. Não é como sempre. Ou, se você quiser, é precisamente o contrário: como sempre, não sei de quase nada. Se

você quiser me contar, estou pronta para te escutar, mas, se não quiser falar nada, é só encerrar a conversa e ir para o clube.

— No começo eu realmente não me lembrava de nada... Aos poucos foram acontecendo flashes de memória... até o delegado me mostrar a foto.

— Que foto?

— Uma foto do morto... só que ele estava vivo. Foi um truque. Eu tomei um susto e de repente me lembrei.

— Lembrou de quê?

— De que quando fui pegar o carro vi um corpo deitado na rua junto ao meio-fio. Acendi o farol e cheguei mais perto... tinha uma mancha de sangue no meio do peito. O homem não tinha uma perna... estava morto... Entrei rápido no carro e fui pegar você para irmos embora dali.

— Você contou isso para o delegado?

— Não imediatamente... só depois que o tal do Rogério Antunes, que também tinha estacionado o carro lá em cima, disse ao delegado que tinha visto o corpo caído no chão.

— E por que ele não falou nada antes?

— Por medo.

— Medo de quê?

— Sei lá... medo... medo de ser envolvido num inquérito policial. Só que, depois de ter contado a verdade, ele telefonou para mim contando o que havia feito. E aí não tive saída senão contar para o delegado que também havia mentido.

— E ele?

— O que tem ele?

— Ele acreditou?

— Sei lá se acreditou... Por quê? Você não acredita?

— O importante é se ele, o delegado responsável pelo caso, acreditou.

— Para mim, o importante é se você, minha mulher, acredita.

— Se fosse realmente importante, você teria contado para mim antes de ter contado a ele. E eu acho que você só contou para ele e para mim porque foi obrigado.

— Não é justo... da maneira como você fala, dá a impressão de que não confia em mim.

— Não confio? Isso de que estamos falando agora aconteceu há mais de uma semana, precisamente há nove dias, e só agora, e por pressão minha, você resolve me contar. Quem não confia em quem?

— Eu estava perturbado.

— Devia estar mesmo, para se embrulhar desse jeito numa situação que seria extremamente simples se você e esse outro não tivessem mentido para a polícia.

— Agora eu já contei a verdade.

— Ponha-se no lugar dele, Aldo. O homem é delegado de polícia, suspeitar é a profissão dele, você já contou três histórias diferentes, por que você acha que ele vai acreditar na última? Ou por que você acha que ele vai acreditar em alguma delas?

— Não tem mais nada além disso.

— Tem certeza? Você não está me ocultando nada?

— Já disse que estou com falhas de memória. Ainda não me lembro de tudo o que aconteceu naquela noite.

— A única vez que você viu aquele homem foi quando ele estava caído no chão, morto?

— Claro que sim.

— Para mim não está nada claro, mas, se você acha que isso é tudo, então podemos ir para o clube. Sugiro que melhore a cara e o espírito. Ambos estão péssimos.

* * *

No fim do expediente da segunda-feira, Espinosa atendeu ao pedido de Welber e Ramiro, que queriam ter uma conversa. Antes da reforma que transformou as delegacias policiais em delegacias legais,

os antigos totens — as armas — foram substituídos pelo novo objeto totem — o computador — diante do qual todos rendiam homenagem à nova divindade: a internet. Espinosa nunca fora muito jeitoso com totens e sempre dedicara profunda indiferença às divindades de todas as espécies. Quando Ramiro e Welber entraram em seu gabinete, ele lutava com todas as suas forças contra tudo aquilo que viesse precedido de www.

— Quer ajuda, delegado?

— Depois. Primeiro quero saber qual é o problema de vocês.

— É o seguinte, delegado — começou Ramiro. — O senhor arquivou, entre aspas, o caso do sem-teto que, segundo o senhor, nem chegou a ser um caso. Acontece que nós sabemos — esse “nós” somos Welber e eu — que o senhor continua investigando sozinho, sem ajuda de ninguém, nem mesmo para acessar o site da polícia. Percebemos sua dificuldade quando entramos na sala. O que nós queremos é oferecer nossa ajuda não oficial, sem comprometer nosso horário normal de trabalho, sem implicar mais ninguém da delegacia e sem esperar recompensa de nenhuma espécie. Acontece que conhecemos o senhor, e sabemos que não vai descansar enquanto não puser um ponto final nessa história, seja ele qual for. É isso. Como podemos ajudar?

— Algo me diz que a morte do sem-teto não foi um acidente. Um reinício possível é fazermos um levantamento na internet de todos os registros de homem pardo, de cinquenta e poucos anos, sem uma perna, magro, alto, sem-teto, conhecido pelo apelido de Magro, que viveu algum tempo na favela do Pavão-Pavãozinho e circulava por Copacabana e Ipanema. É pouco provável que ele tenha alguma entrada na polícia. Acredito que só teremos um caso se conseguirmos um fragmento que seja da história desse homem. A única coisa que sabemos é como ele morreu. Vamos tentar refazer a história de Magro, o que inclui descobrir seu verdadeiro nome. Sugiro uma visita ao IML e uma consulta ao médico-legista sobre a data aproximada da cirurgia de amputação da perna. Em seguida, uma visita aos hospitais públicos. Certamente haverá um registro da cirurgia, do médico responsável e do paciente. Dependendo da causa da amputação,

pode haver até algum registro policial. A determinação da data aproximada da amputação pode ser feita com erro de alguns anos, o que vai dificultar bastante o trabalho de vocês. Nessa fase inicial da pesquisa, podem fazer uso de uma parte do dia, manhã ou tarde, para as consultas aos arquivos dos hospitais. Comecem pelos maiores e mais antigos.

O fim de semana tinha sido o pior possível dentro de um quadro geral de normalidade aparente. Aldo brincara com os filhos, almoçara e conversara com os amigos e mantivera a relação com Camila dentro do padrão cotidiano normal. Quando saiu para o escritório na manhã de segunda-feira, não era capaz de se lembrar do conteúdo de nenhuma das conversas mantidas no fim de semana. Nem mesmo das que tivera com Camila, à exceção da conversa do sábado de manhã antes de irem para o clube. Das coisas feitas, era capaz de se lembrar; não se lembrava era das coisas ditas e ouvidas.

Como fazia sempre que estava atormentado por algum problema pessoal, Aldo optou por ir a pé para o escritório — umas doze quadras até a avenida Atlântica —, distância suficiente para uma boa reflexão sobre o problema. Mas não houve reflexão nenhuma, o que houve foi devaneio, pulverização da atenção nos múltiplos e pequenos acontecimentos circundantes, e até mesmo um interesse pelos passantes, como se fosse um turista passeando por Ipanema pela primeira vez, interesse que soava para ele como inautêntico, dando a impressão de que estava interpretando o papel de curioso, quando na verdade não estava interessado no que via. O próprio ritmo apressado da caminhada denunciava a falsidade do interesse pela realidade ao seu redor. Nem reflexão nem atenção, dispersão era a marca do seu estado de espírito até chegar ao prédio do escritório, na avenida Atlântica.

A manhã foi dedicada à orientação dos estagiários e discussão, com Mercedes, dos projetos em andamento. Discussões exclusivamente técnicas, nenhuma referência a questões pessoais. Na hora em que costumavam descer para o almoço, Aldo preferiu ficar no escritório, não estava com fome, comeria um sanduíche mais tarde. Mercedes saiu com Henrique e Rafaela em direção ao self-service

freqüentado por eles nos dias de dinheiro curto. A parte da tarde foi incomumente silenciosa. No fim do dia, assim que os estagiários se foram, Mercedes entrou na sala utilizada para as reuniões com clientes e que era também a sala onde Aldo tinha sua mesa de trabalho. Ele estava sentado com a cadeira giratória voltada para a janela. O cenário externo era a praia de Copacabana ao cair da tarde.

— Enxotando os fantasmas pela janela?

Aldo voltou-se assustado.

— Desculpe se te assustei...

— Mercedes... Pensei que todos já tinham ido embora.

— Henrique e Rafaela já foram. Só ficamos nós.

Enquanto falava, Mercedes empurrava uma cadeira com rodízios para perto de Aldo. Parou ao lado da cadeira dele, os braços das duas cadeiras encostados um no outro, o que fazia com que os braços deles próprios se tocassem de leve.

— Voltando à frase que te assustou: os fantasmas ainda não foram embora?

— Ainda não sei se são fantasmas ou pessoas de verdade... Também não sei qual deles me assusta mais.

— Você não conversou com sua mulher sobre isso? Ela pode te ajudar.

— Ela é minha mulher... Não é minha terapeuta.

— Sim, claro, não foi o que sugeri... Apenas ela é uma pessoa que sabe como lidar com essas questões.

— Não é assim tão simples. Em se tratando de mim, ela está diretamente envolvida, deixa de ser uma questão subjetiva minha e passa a ser um problema objetivo afetando igualmente a nós dois.

— O melhor então é você conversar com uma terceira pessoa, não diretamente envolvida, mais apta a te ouvir e te ajudar. Já me ofereci como interlocutora. Não ofereço uma escuta profissionalmente qualificada, mas uma escuta receptiva, interessada, amorosa.

— Você é um amor, Mercedes.

— Ainda não sou... Mas posso vir a ser.

O sol já tinha se posto, ainda não anoitecera inteiramente e as luzes do escritório não tinham sido acesas. Era possível perceber todos os objetos, assim como os detalhes um do outro com razoável nitidez. Mercedes pousou a mão sobre o braço de Aldo e aproximou o rosto do dele.

— Você não acha que já está na hora de expulsar os monstros do porão? Você está sofrendo há dias e nada está sendo feito para amenizar esse sofrimento.

— E o que pode ser feito, Mercedes?

— Podemos começar... tirando a roupa.

PARTE II

A caminho da escola

Desde que passara para o ginásio o menino tivera permissão dos pais para ir e voltar da escola sozinho. Era uma extraordinária sensação de liberdade, talvez a maior que já experimentara. O novo uniforme assinalava de forma indubitável, para todos os que o viam passar, seu status de aluno do curso ginásial, e não mais do curso primário. Alguns dias antes do início das aulas, sua mãe fez com ele o trajeto que julgava o mais direto e que apresentava menor número de travessias, chamando sua atenção para as mais perigosas. Logo na primeira semana o menino descobriu que, além do caminho ensinado pela mãe, o percurso da casa à escola poderia ser feito alternativamente por duas ruas de grande movimento de veículos — o caminho mais direto —, por ruas secundárias mais residenciais, ou ainda em ziguezague, usando paralelas e perpendiculares às ruas maiores. A escolha dependia do tempo de que dispunha para chegar à escola, na ida, e em casa, na volta. O trajeto mais curto era descer uma quadra, da rua onde morava até uma das principais ruas do bairro, e seguir mais quatro quadras até a rua da escola. Num passo regular e sem grandes paradas, não levaria mais de vinte minutos. Pelos trajetos secundários e em ziguezague esse tempo podia dobrar, não somente devido à distância como também ao pequeno comércio dessas ruas, cujas lojas podiam ser mais atraentes aos seus onze anos de idade do que os grandes magazines das duas grandes ruas que cortavam o bairro. A vitrine de doces da padaria exercia sobre ele uma sedução apenas superada pela da pequena papelaria de uma rua secundária, e ambas podiam exigir dele uma atenção muito maior do que o tempo de que dispunha para não chegar atrasado. Passados os primeiros dias, nos quais o susto da liberdade e o medo do desconhecido ainda eram maiores do que a vontade investigativa, o menino foi aos poucos tomando coragem e ousando mais em percursos alternativos e pesquisas detalhadas. O quadrilátero formado

pelas grandes paralelas e pelas quatro pequenas transversais era para ele um tabuleiro tão rico de combinações quanto misterioso. Era comum encontrar colegas de escola pelo caminho. Havia dias em que iniciava o trajeto sozinho e chegava na companhia de um pequeno grupo que se formava pelo caminho. Era agradável, mas ele preferia quando ia sem acompanhantes: tinha mais liberdade para mudar o itinerário e preservar o mistério das novas descobertas.

Aconteceu um mês antes de o semestre terminar. O menino escolhera um dos caminhos secundários e estava sozinho. Acabara de dobrar a esquina da rua da papelaria pensando que ainda teria tempo de entrar e examinar as caixas de lápis de cor das diferentes marcas e países de origem. Nas vezes anteriores não examinara nem a metade delas nem os blocos para desenho e as canetas importadas. Não era capaz de pronunciar corretamente o nome da marca de alguns daqueles artigos, mas sabia que era coisa muito fina, e naquele dia teria tempo para examinar pelo menos o que faltava das caixas de lápis de cor. Passara a primeira quadra e estava no meio da segunda, exatamente a da papelaria, quando viu ao longe duas figuras caminhando em sentido contrário ao seu: dois meninos, ambos maiores que ele, sendo que o maior era alto e magro. Sentiu imediato mal-estar e foi invadido por um medo incontornável. Parou no lugar em que estava e permaneceu imóvel durante alguns segundos, tempo suficiente para ter certeza. Era ele. Crescera e ficara ainda mais magro, mas a cara era a mesma, o rosto de uma impassibilidade fria que se confundia com maldade, era indiscutivelmente o mesmo. O menino nem prestou atenção no acompanhante, estava como que hipnotizado e capturado por aquela figura que aterrorizara suas noites e penetrara em seus sonhos nos anos que se seguiram ao primeiro encontro. E, tal como da primeira vez, quando levava o primeiro soco, ficou novamente petrificado, incapaz de uma reação, ainda que de fuga. O outro não tinha dado o menor sinal de tê-lo reconhecido, talvez por causa da distância. Quando chegasse perto o reconheceria e a cena se repetiria, tinha certeza. Apesar do dia luminoso, teve a impressão de tudo estar se apagando e foi tomado por uma sensação de tontura. Olhou para o alto e viu o letreiro da papelaria a poucos metros de

distância. Conseguiu mover as pernas e arrastar os pés até atingir a porta da loja, entrou e se postou junto ao último balcão, torcendo para que o dono, que o conhecia, não o chamasse pelo nome. Nem lhe passou pela cabeça que o agressor nunca soubera o seu nome. Certamente o vira entrar na loja: o que o menino não sabia era se o reconheceria, porque dali de dentro não havia como escapar, estava irremediavelmente encurralado, nem mesmo o dono da loja teria poderes para conter a fúria agressiva do outro. O menino como que se amalgamara à estante dos fundos da loja, seus livros e cadernos haviam caído e ele os empurrara com os pés para debaixo do balcão, e durante os segundos que se seguiram todo o seu ser se concentrara na espera do momento em que o outro entraria na loja para arrancá-lo de lá. Agora que o vira de uniforme, saberia qual era a sua escola e poderia esperá-lo na hora da saída ou mesmo interceptá-lo no meio do caminho. Esperou mais. Talvez o agressor estivesse esperando que ele saísse. Segundos que pareciam horas se passaram, até que o dono da loja, percebendo sua imobilidade e sua expressão de horror, perguntou o que estava acontecendo. Se ele estava se sentindo mal, por que estava tão pálido, e outras perguntas mais que se perderam numa surdez momentânea. Não conseguia responder às perguntas que o homem lhe fazia e mal conseguia enxergá-lo. A única imagem presente à sua consciência era a dos golpes desferidos repetidamente contra o seu rosto. O homem tornou a perguntar se ele estava passando mal e se queria que ele telefonasse para a sua casa. Não, ele não queria. A única coisa que desejava era que o outro menino mais velho fosse embora para ele poder sair da loja. Além do mais, se eles estavam andando em sentido oposto ao dele, era porque iam na direção da sua casa. Estava a menos de duas quadras da escola, mas não sabia se havia perdido o horário de entrada, apesar de aquela ser a única direção que poderia tomar no momento, caso o outro não estivesse mais lá. De uma coisa ele sabia: o outro não passara pela frente da loja. Ou ainda estava à espera de que ele saísse ou havia dobrado a esquina no início da quadra. O dono da papelaria o ajudou a pegar os livros e cadernos que estavam debaixo do balcão e o acompanhou até a porta ainda perguntando se ele se sentia em condições de ir embora sozinho. Não. Não estava em condições de ir

embora sozinho. Queria a proteção de um adulto. Mas não diria isso a ninguém, mesmo sob ameaça de a cena da sua infância se repetir. À porta da loja e acompanhado do dono, olhou para os dois lados da rua, vasculhou com o olhar cada desvão dos prédios, por detrás de cada carro estacionado, até se assegurar de que o outro não estava mais lá. Na escola teve diarreia e febre. Foi para casa levado pela mãe.

A partir daquele dia, teve a mais absoluta certeza de que aquela situação viria a se repetir ao longo da sua vida. Soube, tempos depois, através de colegas, que o nome dele era Nilson.

1

Na véspera, Aldo não jantara em casa nem telefonara avisando. Havia chegado depois das onze, encontrando Camila já deitada, mas ainda acordada. Para ela ficou claro que ele preferia tê-la encontrado dormindo. Ela não ficara acordada à espera de explicações, muito menos para passar sermão no marido. Além do mais, estava perfeitamente consciente de que os acontecimentos da noite do jantar na Mascarenhas de Moraes tinham adquirido contornos fantasmáticos e ameaçavam o frágil equilíbrio emocional do marido. As falhas de memória introduziam a dimensão de terror: eram a ausência que podia a qualquer momento tornar-se presente, vinda da própria interioridade dele. Tudo isso ela compreendia, e estava pronta para ajudá-lo no que fosse possível. O que não pretendia era levar uma vida de casada feita de silêncios, de comportamentos evasivos e de mentiras.

Saíra de casa a caminho da academia de ginástica um pouco antes das nove horas. O comércio ainda não estava aberto, e a maioria das pessoas nas ruas de Ipanema era de gente que chegava para a abertura das lojas ou à procura de condução para o centro da cidade. O tempo continuava bom, e a luminosidade da manhã prenunciava um dia quente, o que não a preocupava, já que a temperatura externa não afetava nem a ginástica na academia nem o trabalho no consultório. Aldo continuava a ocupar seus pensamentos sem que ela soubesse qual o melhor caminho a tomar em relação à crise que ele vivia.

Os pacientes da tarde não apresentaram nada de novo, comprazendo-se em repetir a cantilena de sempre. No fim do dia abriu a porta para Antonia. Seu progresso era bem mais lento do que

o de Maria, embora as duas tivessem iniciado a análise mais ou menos na mesma época. Antonia jogava mais com os silêncios, que vez por outra atravessavam todo o tempo da sessão. Assim como Maria, ela não recusava os suaves contatos físicos de Camila, mas ainda não atingira o despudor da colega de terapia. Eram elas suas duas Marias. Não era de estranhar que a Maria de Ipanema tivesse uma liberdade maior com o corpo do que a Maria de Portugal.

Antonia levou mais de metade da sessão para enunciar a primeira frase.

— Não sabia que era possível acontecer o que aconteceu na sessão passada.

— O que você acha que é ou não é possível?

— Não sei. Mas não sabia que podia.

— Mas você não disse nada.

— Não sabia o que dizer. Pensei que você fosse continuar... mas não continuou.

— Era o que você queria?

— Acho que sim.

— Acha ou era?

— Era.

— E ainda é?

— Acho que é...

Camila saiu do consultório quando estava anoitecendo. Gostava da pequena caminhada de duas quadras até sua casa, o cenário noturno com as vitrines acesas e o colorido dos letreiros, as luzes dos carros, a iluminação das ruas. Havia dias em que preferia aquela paisagem noturna à luz intensa das manhãs. A constância da luminosidade tropical bronzeia o corpo mas entorpece o espírito, a ponto de ela ansiar por uma semana inteira de dias cinzentos e chuvosos. E considerava que estava na hora de o tempo virar. Não estava com vontade de ir para casa. Queria ver os filhos, mas não queria ver o marido. Já acontecera outras vezes. Apesar de a distância ser curta,

encompridou-a o quanto pôde, detendo-se nas lojas mais interessantes e entrando nas galerias para olhar as vitrines. Não havia nenhum impulso consumista nesse modo de proceder: era um passeio essencialmente estético e reflexivo. Como das vezes anteriores, não prolongou demais o percurso e foi para casa. Ela e Aldo costumavam chegar mais ou menos à mesma hora, o que não aconteceu naquela noite, assim como não havia acontecido na noite anterior. Esperou ainda quase uma hora até receber o telefonema dele com desculpas... Disse que teria que ficar no escritório até mais tarde... que ela jantasse sem esperar por ele... que ele comeria alguma coisa quando chegasse. Não era preciso dizer nada daquilo. Ela já havia jantado e não estava esperando por ele. Depois de ficar com os filhos até eles dormirem, foi para o quarto, escolheu um filme na televisão e ficou à espera... não do marido, mas dela própria: esperava o momento em que estaria pronta para dormir. Isso aconteceu antes de Aldo chegar.

A retomada da investigação, mesmo que de forma semi-oficial, serviu de alento para um Espinosa desanimado com o resultado das entrevistas realizadas na semana anterior. O que mais o intrigava não era o pouco que obtivera nos encontros com as pessoas que poderiam ter alguma relação com a cena do crime, mas a quase-impossibilidade de vislumbrar quem eram aquelas pessoas, o que pensavam, o que sentiam, qual o tipo de relação que estabeleciam com o mundo circundante. Quanto mais amistosas se mostravam, mais pareciam impermeáveis. Esse era o caso de Rogério Antunes, freqüentador em tempo integral do Iate Clube: difícil até mesmo saber qual a profissão dele, se é que fazia alguma diferença. Provavelmente nem barco tinha. Era sócio do Iate Clube como poderia ser sócio da Hípica. Barcos ou cavalos, isso tampouco fazia diferença, ele nem velejava nem montava. Tinha também o arquiteto Aldo Bruno e sua bela mulher Camila. A impressão que davam era de total distância do mundo e total distância um do outro... como se constituíssem mundos fechados que se bastassem. Pareciam pessoas tristes, apesar de jovens, bonitos e ricos, ou talvez precisamente por isso: talvez a abundância

os enfastiasse. Tentara inicialmente chegar ao sem-teto através dessas pessoas, agora tentaria chegar a elas através do sem-teto.

O resultado das pesquisas preliminares realizadas por Welber no IML e por Ramiro na internet não chegara a ser animador. O legista que fizera a autópsia da vítima achava que a cirurgia de amputação da perna fora realizada havia pelo menos vinte anos. Portanto, quando a vítima tinha pouco mais de trinta anos de idade. O rastreamento realizado por Ramiro nos arquivos da polícia fornecera centenas de registros das palavras-chave destacadas por ele, mas nenhum que reunisse um número significativo delas em um só registro. Isso nos arquivos já informatizados. O inspetor Ramiro estava considerando a consulta pessoal aos companheiros das duas delegacias policiais de Copacabana como mais promissora. Esse estado de coisas expressava o que fora obtido até a véspera, terça-feira.

Aldo estava convencido de ter cometido uma grande tolice — a de ter caído na sugestão-sedução de Mercedes. Verdade que fora um golpe de mestra. Momento certo, cenário perfeito, mulher linda, convite irrecusável. Mas o fato era que se tratava de uma colega de escritório, um escritório onde, além dos dois, trabalhavam apenas dois estagiários de vinte anos de idade. Mercedes, vinte e cinco. Por mais fantástica que ela fosse, as conseqüências daquele ato não seriam boas para ele. Não seriam boas no que dizia respeito a Mercedes e não seriam boas pela repercussão que inevitavelmente teriam na sua relação com Camila. Além disso, não seriam boas no que dizia respeito a sua firma de arquitetura. Mercedes tinha agora um poder especial sobre a pessoa física e sobre a pessoa jurídica de Aldo Bruno. Tudo porque ele não conseguira resistir a um convite que não teria as mesmas implicações se tivesse acontecido com a mesma Mercedes, porém em outro lugar e em outro momento da sua vida particular. Camila tinha uma incrível sensibilidade para captar conflitos afetivos e envolvimento emocionais dele com outras pessoas: não demoraria a perguntar o que estava acontecendo. Além do mais, sentia-se fraco, emocionalmente frágil para suportar uma investida mais forte de Mercedes, que, afinal de contas, não estava

fazendo mais do que oferecer-lhe seu corpo e seu afeto precisamente para minorar a carência momentânea pela qual estava passando. Toda recriminação a Mercedes era injusta e improcedente. Ele estava com medo sem motivo, pelo menos no que dizia respeito à jovem. Havia apenas um problema objetivo que ele não sabia como resolver: era impossível que Henrique e Rafaela, os estagiários, não viessem a perceber o que estava acontecendo entre ele e sua assistente, e isso não era bom para o funcionamento do escritório. O fato, porém, era que ele estava se sentindo melhor. Mercedes lhe injetara confiança para superar a crise causada pela insistência do delegado em saber detalhes estúpidos. Mas, acima de tudo, ela se mostrara de um despudor exuberante, em contraste com a quase-timidez sexual de Camila, o que o deixara na expectativa de novos encontros. A esposa, por sua vez, mostrava-se mais inquiridora do que amorosa. A dúvida sutilmente manifestada por ela, na última conversa dos dois a propósito do delegado Espinosa, era a prova disso. Chegara a manifestar dúvidas quanto a sua narrativa do que acontecera no beco. Que o delegado suspeitasse de tudo e de todos era compreensível, estava no papel dele, mas sua própria mulher desconfiar do que ele dizia durante uma conversa íntima era desanimador.

Como vinha fazendo nos últimos dois dias, caminhava em direção ao escritório enquanto avaliava as mudanças ocorridas na sua relação com Camila e a mudança da qualidade de sua relação com Mercedes. No caso de Mercedes, se a mudança era perigosa, sem dúvida lhe dava muito prazer.

Passava das nove quando chegou ao escritório. Encontrou apenas Henrique e Rafaela. Mercedes não apareceu durante a manhã, nem telefonou. Chegou depois do almoço, visivelmente excitada. Mal falou com os estagiários, entrou na sala de Aldo e falou em voz baixa enquanto vigiava a porta:

— Achei um lugar para nós!

— O quê?

— Achei um lugar para nós... Um lugar para ficarmos.

— Lugar? De que lugar você está falando?

— Aldo, você não quer que a gente continue a se encontrar aqui no escritório... Quer dizer, é claro que vamos continuar nos encontrando aqui, mas para trabalhar, não para trepar! Uma amiga, Luíza, ex-colega de faculdade, vai passar um tempo na Espanha com uma bolsa de pós-graduação e deixou o apartamento dela comigo. A bolsa é de curta duração, mas até ela voltar teremos tempo de arranjar outro lugar. Assim, o escritório fica preservado, e nossas casas também.

— Como... onde...

— Não se preocupe com nada. Luíza é arquiteta e tem muito bom gosto, por isso não quis alugar o apartamento e adorou me emprestar, porque assim eu tomo conta. Logo mais, no final da tarde, vamos até lá. Ela viajou ontem à noite. O apartamento já é nosso... durante três meses.

A única pessoa que poderia dizer qual o nome do morto e alguma coisa capaz de formar um retrato confiável dele era Joca, o antigo faxineiro do clube Horizonte, que o conhecera quando ambos moravam na favela do Pavão-Pavãozinho. Mas Joca, ou fosse qual fosse o seu nome, desaparecera da face da Terra. Os informantes ligados à comunidade do Pavão-Pavãozinho sabiam de vários Jocas, mas nenhum deles correspondia à limitada descrição do ex-funcionário no clube. O máximo que conseguiram saber junto aos moradores de rua de Copacabana fora que o homem conhecido como Magro ou “O pernetá”, era um solitário. Espinosa achava incrível como uma pessoa podia ter vivido todos os seus aparentes cinqüenta anos em Copacabana sem deixar nenhum registro, nenhuma marca, sem estabelecer laços, positivos ou negativos. Magro, ou “O pernetá”, era um fantasma. A única coisa que lhe conferia identidade era a ausência da perna...

À falta de uma história verdadeira, Espinosa esboçou uma história imaginária para o sem-teto, embora achasse que a verdadeira não estaria muito distante do esboço. Magro, que então devia ser Magrinho, teria nascido no início da década de 1950 em uma das favelas de Copacabana, talvez a antiga favela do Cantagalo, filho de mãe solteira e pai desconhecido. Era provável que tivesse perdido o

contato com a mãe antes dos dez anos de idade, que tivesse crescido em meio a grupos de menores de rua sem escolaridade e sem os mínimos cuidados maternos. Sobrevivera à custa de esmola e de pequenos furtos até atingir a maioridade (não trazia com ele nenhum documento). Por volta dos trinta anos tivera uma das pernas amputada (acidente ou gangrena decorrente de ferimento). Dos trinta aos cinquenta, a única modificação significativa em sua vida fora a dificuldade decorrente da falta da perna e do uso de muletas. Morrera com um tiro, fazendo o que sempre fizera: pedir comida.

Espinosa pensou que essa minibiografia poderia ser impressa, deixando apenas em branco o espaço para o nome ou apelido, e servir de padrão para a população de miseráveis que sobrevivem na cidade. A falta da perna era um detalhe.

Welber escolhera o Hospital Miguel Couto como o hospital de grande porte na Zona Sul do Rio onde o sem-teto devia ter passado pela cirurgia de amputação da perna. Na verdade, a cirurgia poderia ter sido feita em qualquer hospital, mas o Miguel Couto era o mais provável. Eram milhares de fichas organizadas em ordem cronológica; mesmo que encontrasse a referência — paciente fulano de tal, sexo masculino, idade trinta anos, pardo etc., amputação da perna direita —, nada garantiria que o fulano de tal fosse o Magro. Na hipótese de encontrar fichas promissoras, anotaria o nome dos candidatos a Magro e procuraria nos registros da polícia alguma ficha que corroborasse a suspeita de ser aquele o registro civil de Magro. Isso feito, Welber teria condições de estabelecer o território dentro do qual Magro circulava, o que ele fazia, com quem se dava e com quem não se dava. Não era tarefa das mais fáceis.

No decorrer da semana, Aldo fora a sua casa exclusivamente para dormir e tomar banho. Chegava o mais tarde possível e saía antes de Camila se levantar. Uma ou duas vezes falara com as crianças antes de elas irem para a escola, e pouco ou quase nada falara com Camila desde o último fim de semana, quando conversaram sobre o que estaria acontecendo com ele. Não era a primeira vez que Aldo entrava numa espécie de pânico silencioso acompanhado de fuga ao confrontar uma situação ameaçadora. O que Camila achava era que a

situação ameaçadora não era necessariamente real, ou não era totalmente real. Na opinião dela, já expressada ao marido, o episódio do assassinato funcionara como disparador de um estado de pânico cuja causa real devia ser outra que ele próprio desconhecia ou estava ocultando. Era quinta-feira e fazia quase uma semana que Aldo se evadira subjetiva e objetivamente.

Suas pacientes Maria e Antonia eram o que a realidade lhe oferecia como prêmio no seu mundo clínico paralelo: ousadia e prazer, ingredientes indispensáveis para o que ela chamava de drinque da vida. Conseguira arrumar o horário das duas em dias alternados. Colocá-las no mesmo dia seria demasiado e ela correria o risco de ser obrigada a diminuir a dose necessária de intensidade para manter a ligação. Antonia era a grande surpresa do momento — o que não diminuía em nada o encanto de Maria —, e Camila suspeitava que ela a surpreenderia ainda mais ao longo do tratamento. Antonia e seu doce, embora quase totalmente perdido, acento português. Era difícil uma harmonia tão perfeita entre beleza da fala e beleza do corpo. Mesmo quando ela silenciava e se quedava imóvel, havia mansidão e doçura. Enquanto Maria era demoníaca, Antonia era divinamente perversa.

Desde que conhecera Camila Bruno, o delegado Espinosa passara a considerá-la a figura forte do casal. O que Aldo tinha de assustado e fugidio, Camila tinha de vigorosa e confrontadora, além de ser dona indiscutível do próprio nariz.

Um colunista social que devia favores ao delegado forneceu-lhe um breve histórico do casal Bruno e de Rogério Antunes. Antes de se casar com Camila, cujo sobrenome de solteira era Moreira da Rocha, Aldo havia trabalhado doze anos em uma firma de engenharia que produzia prédios em série para a classe média alta. Com a queda no ritmo das incorporações, Aldo fora substituído por um estagiário. Depois de passar por várias firmas construtoras, abandonara a arquitetura e se associara a mais dois colegas de profissão para abrir uma papelaria chique, que vendia material importado a arquitetos, desenhistas, pintores e escritores. Haviam sido obrigados a fechar as portas antes de completar seis meses. Depois disso, quando começou

a febre do telefone celular, abriu uma franquia com loja em um shopping center cuja sobrevida em relação ao negócio anterior fora de apenas dois ou três meses. Tentara voltar à arquitetura, mas o mercado profissional para arquitetos estava ainda pior do que quando fora despedido. Nesse momento conheceu Camila e sua vida passara por uma transformação radical, graças, confidenciou o colunista, ao sobrenome tradicional e à imensa fortuna da família Moreira da Rocha.

Quanto a Rogério Antunes, nascera rico e a cada dia que passava ficava mais rico sem nunca ter feito absolutamente nada para aumentar essa fortuna, embora tivesse feito muito para diminuí-la, sem sucesso. Arriscando um diagnóstico comparativo dos dois, o colunista dissera que Rogério Antunes e Aldo Bruno podiam ser considerados pólos opostos de um mesmo transtorno psíquico: enquanto o primeiro era um maníaco inconseqüente, para quem o mundo é uma festa ininterrupta, o segundo era um deprimido crônico. E com a mulher que tem, completara o colunista. Espinosa evitou perguntar se o comentário final era estético ou ético.

Na entrevista que tivera com ela no consultório, a doutora não se mostrara nem um pouco intimidada, nem assumira postura defensiva. Ao contrário, em alguns momentos chegara a confrontá-lo sem demonstrar receio de nada. Era sem dúvida uma felina de grande porte, bela, sensual, poderosa. Comparado a ela, o marido parecia um gato doméstico.

Conseguiu marcar um novo encontro com a dra. Camila para o mesmo dia, às seis horas da tarde, uma semana depois do primeiro. Espinosa inferiu que seria depois do último atendimento, para poderem conversar à vontade.

Como da primeira vez, Espinosa chegou meia hora antes e passou pela mesma livraria para consultar o balcão das novidades editoriais. Às seis em ponto, carregando uma pequena sacola de plástico, tocou a campainha do consultório, em cuja porta não havia nenhuma outra indicação além do número da sala.

— Delegado Espinosa — disse Camila, olhando para a sacola —, não sei se o senhor vem aqui por minha causa ou por causa da livraria.

— Certamente por sua causa, doutora, a livraria é apenas um disfarce.

— Alguma novidade?

— Na livraria ou na delegacia?

— Na livraria, é claro.

— Uma nova e excelente tradução de Faulkner.

— O senhor me surpreende, delegado.

— Espero que seja uma boa surpresa.

— Ah, sim. Com certeza. E na delegacia, alguma novidade?

— Infelizmente nenhuma. Passadas duas semanas, não fizemos nenhum progresso. Por isso voltei aqui.

— Claro que sua procura por mim está ligada ao meu marido.

— Não apenas. Em minha opinião, todas as pessoas ligadas ao que se passou naquela noite estão escondendo alguma coisa. Escondendo algo importante ligado à morte do sem-teto.

— O sem-teto não tinha nome?

— Ele era conhecido apenas pelo apelido de Magro... que nem é um nome, é um adjetivo. Temos apenas adjetivos, faltam substantivos... a única coisa substantiva que temos é um corpo... no IML.

— Entre as pessoas que, segundo o senhor, estão escondendo algo, está o meu marido.

— É o que eu acho.

— E o senhor está me pedindo para desvendar o que meu marido estaria ocultando?

— Falando cruamente, é isso mesmo.

— Delegado, a subjetividade de cada pessoa é o que há de mais inacessível ao outro e a si mesmo. O fato de eu ser casada com ele

não me franqueia o acesso. Eu diria mesmo que, por sermos mais íntimos, a defesa é ainda mais forte.

— Admito que sim. Mas, devido a essa proximidade maior, a senhora pode perceber mudanças de estado de espírito que podem ser indicativas de certas mudanças externas de intensidade incomum.

— Talvez. Acontece que ele é meu marido.

— Doutora Camila, não estou lhe pedindo para incriminar seu marido, estou pedindo para esclarecer certas ambigüidades que podem me induzir ao erro.

— Para isso, delegado, eu teria que desdobrar para o senhor toda a vida de Aldo. Ele é feito mais de silêncios que de palavras, além de ser uma pessoa com razoável dose de angústia... E não pretendo me colocar no lugar impossível de terapeuta do meu próprio marido.

— Ele sempre foi assim?

— Assim como?

— Angustiado.

— Eu o conheço há apenas dez anos, não posso dizer como ele era antes disso.

— Mas ele deve ter comentado alguma coisa sobre sua infância.

— O único comentário que ele fez foi de que tivera uma infância conturbada.

Enquanto esperava o elevador, Espinosa pensava sobre o porquê de a dra. Camila estar tão ofegante quando abrisse a porta para ele... Mas essa não era uma questão pertinente à investigação que estava fazendo, embora houvesse ainda um pequeno detalhe que o convidava a interessantes devaneios: a blusa da doutora estava vestida do lado avesso.

A tarde estava findando quando saiu à rua e decidiu-se por caminhar um pouco por Ipanema ao crepúsculo. Estava mais interessado no movimento das calçadas, nas pessoas carregando sacolas de compras e nas vitrines iluminadas do que no previsível pôr-do-sol na praia de Ipanema que deslumbrava turistas e locais.

Perturbava-o muito mais a dra. Camila do que a repetição monótona dos pores-do-sol no Atlântico.

Aldo deixara passar a quinta-feira para somente na sexta sair com Mercedes e conhecer o apartamento de que ela falava havia dois dias como sendo a solução a curto prazo para os encontros amorosos deles. Ela havia salientado o “a curto prazo”, termo que evidentemente sinalizava um “a longo prazo” uma vez esgotados os três meses. O prédio, situado em uma das ruas internas de Copacabana, distava cinco quadras do escritório e era uma construção típica da década de 1950, com quatro apartamentos por andar e oito pavimentos, todo ele residencial. Mercedes estava excitada com a novidade. Caminhavam apressados, de mãos dadas, em direção ao endereço que ela anotara num pedaço de papel e o fizera guardar na carteira para não esquecer. O detalhe das mãos dadas em plena avenida Atlântica e depois pela rua Bolívar, em uma hora de grande movimento, podia ser creditado à excitação de Mercedes ou à intenção deliberada de tornar visível a relação íntima do casal. Precisava tomar cuidado com esses supostos descuidos caso quisesse preservar seu casamento, embora sentisse indisfarçável orgulho em se mostrar de mãos dadas com Mercedes. Tinham saído do escritório antes do almoço, o que lhes daria pelo menos duas horas para estrear o que ela chamara de “nossa *garçonnière*”. Mercedes era jovem, impetuosa, apaixonada, e ele acreditava que os três meses seriam um tempo perfeito para atenuar as expectativas de longo prazo. O apartamento era pequeno, mas agradável, embora naquele primeiro dia não houvesse tempo para observações detalhadas. Mercedes estava ansiosa por fazer do encontro uma prova definitiva da sua excelência como amante e companheira, o que propiciava a Aldo indiscutível bem-estar, mas ao mesmo tempo o assustava.

Chegaram de volta ao escritório quinze minutos antes das três. O resto da tarde foi entremeado por pequenos encontros nos quais os olhares súplices de Mercedes esperavam encontrar olhares apaixonados de Aldo, ou mesmo algum gesto sutil indicando que algo mudara na relação dos dois. Esse estado de coisas permaneceu até o anoitecer, quando, depois de os estagiários terem ido embora, Aldo

precisou dizer a ela que no trabalho ou em público não poderia haver manifestações de afeto entre eles.

— Podemos trepar, mas não podemos manifestar afeto um pelo outro?

— Nós não trepamos nas calçadas, nas ruas e nas praças, trepamos na cama, dentro do quarto, num apartamento com a porta trancada. A questão não é o que fazemos ou deixamos de fazer, mas o que podemos ou não podemos fazer em público.

— Isso porque você é casado?

— Claro.

— E eu, sou o quê? Uma puta? Eu te comprometo, mas você não me compromete em nada?

— Mercedes, você sabia que eu era casado.

— Sabia. Mas você também sabia. Até amanhã.

Eram sete horas da noite quando Espinosa pegou Irene no apartamento dela e saíram andando por Ipanema na direção do Leblon. O bom gosto com que Irene criava seus projetos gráficos se expressava igualmente no seu modo de vestir, no andar, nos gestos, sem que em nenhum momento esse bom gosto pudesse ser confundido com afetação ou refinamento. Esguia de corpo e quase da mesma altura que Espinosa, caminhava com a leveza de uma bailarina. Eram cinco quadras do prédio dela até o canal do Jardim de Alá, divisa dos bairros de Ipanema e Leblon. A brisa vinda do mar suavizava o calor do verão e tornava mais agradável o passeio que Espinosa pretendia fazer até a última quadra de Ipanema à procura de uma pequena taberna que descobrira em uma das visitas ao consultório da dra. Camila. E ele gostava do movimento de final de tarde e início de noite em Ipanema, tão diferente do movimento mais frenético de Copacabana.

— Não vamos para o seu apartamento? — perguntou Irene.

— Antes vamos tomar uma taça de vinho.

— Algum lugar especial?

— Ultimamente tenho andado por estas quadras do bairro visitando uma terapeuta e freqüentando a livraria que fica quase ao lado. Acabei por descobrir uma pequena taberna extremamente charmosa e agradável. Não fica longe. É na última quadra de Ipanema.

— Você freqüentando terapeuta?

— Não foi o que eu disse. Eu disse freqüentando a livraria e visitando a terapeuta.

— E posso saber por que você está visitando uma terapeuta?

— Por causa do marido dela.

— Você está de caso com o marido da terapeuta, querido?

— Mais ou menos. Não é um caso de amor, é um caso de morte.

— É quase a mesma coisa.

As cinco quadras foram vencidas sem nenhum esforço, enquanto conversavam e comentavam o caso e apreciavam o sofisticado comércio do bairro. A taberna era na verdade uma pequena loja de venda de vinhos e frios com quatro ou cinco mesas para os freqüentadores habituais. Ocuparam a única mesa disponível, escolheram o vinho e pediram uma tábua de queijos.

— Agora me diga, que história é essa de terapeuta?

— Ela é mulher do arquiteto que fez a reforma da casa na rua Mascarenhas de Moraes. Ambos estavam no jantar de comemoração da nova casa. O sujeito é esquivo, complicado psicologicamente, e estou procurando uma janela para entrar furtivamente — já que as portas estão fechadas — no mundo interno dele. Como sou delegado de polícia e não psiquiatra ou psicanalista, me faltam sutileza e instrumental teórico para ir diretamente ao suspeito. Então, estou recorrendo à mulher dele que, além de mulher dele, é da área psi.

— E deve ser bonita.

— Isso é apenas um detalhe.

— Você está se esquivando.

— Sim. Ela é bonita.

— Claro, senão você não iria vê-la três ou quatro vezes.

— Duas.

— E?

— Nada. Ela se recusa a ajudar alguém que suspeita do marido dela.

— E está muito certa.

— Eu sei. Eu mesmo disse a ela. Não estou pedindo que ela dedure o marido, estou pedindo apenas que me fale da pessoa que ele é... Ela havia dito que ele é um sujeito angustiado, que teve uma infância complicada... É disso que quero que ela fale.

— E ela não quer falar.

— Ela está desconfiada dessa história de eu me interessar pela infância do marido e pela angústia dele.

— Claro. Ela sabe o que você retira daí.

— Ela pode saber, mas eu não sei. Estou mexendo nisso como quem mexe num buraco na terra... pode sair qualquer coisa dali de dentro.

— E essa história de ele ser angustiado... Quem não é?

— É verdade... Só que em alguns angustiadados a angústia é mais angustiante que em outros.

— Acho que já ouvi algo parecido com isso.

— Pode ser. O fato é que as duas únicas pessoas que declaradamente estiveram no local do crime foram dois convidados ao jantar, e ambos já me forneceram versões opostas do ato simples de buscar um carro estacionado. Ninguém subiu aquela ladeira — tem uma guarita com um guarda dia e noite —, ninguém desceu do prédio próximo ao fim da rua. É quase impossível alguém surgir da mata que fica na encosta do morro, é alto e de difícil acesso... Seria muito esforço para matar um homem que já estava quase morrendo.

— Espinosa, este lugar é encantador, mas sinto que nossa conversa vai longe. Sugiro mandarmos embrulhar a garrafa junto com mais outra e uma boa quantidade de pão, queijo e frios, e em seguida

pegarmos um táxi e rumarmos para o bairro Peixoto. O que você acha?

— Ótima idéia. Ainda quero conversar com você sobre ficção.

— Que ficção?

— Ficção... literária ou não. Sobre o fingir.

— O que isso tem a ver com o caso do sem-teto?

— Tem tudo a ver.

A volta para casa na noite de sexta-feira foi penosa para Aldo. Havia mais de uma semana que deixara de usar o carro ou outros meios de transporte para fazer o percurso de casa ao escritório pela manhã e ao voltar para casa à noite. Mas não era a caminhada de dois quilômetros que tornava penosa a volta para casa, e sim o fim de semana com Camila e as crianças, o clube no sábado à tarde, as conversas familiares. Não desgostava da mulher e dos filhos, ao contrário, gostava muito deles e faria qualquer coisa por eles, mas nas duas últimas semanas era-lhe insuportável a companhia dos três ou de cada um em separado. Daí ter feito o trajeto em passo lento, detendo-se pelo caminho sempre que algo atraía sua atenção. Mesmo assim, após algum tempo de caminhada, chegou em casa. Tarde o bastante para as crianças terem jantado. Camila esperava por ele. A mesa não estava posta e não havia na cozinha a movimentação que em geral antecede o jantar. Camila percebeu o olhar de surpresa do marido e observou:

— Caso você tenha esquecido, combinamos jantar fora esta noite.

— Nós e mais quem?

— Mais ninguém, querido, não estamos uma companhia agradável. Melhor sairmos sozinhos... embora na companhia um do outro.

— Não faça ironia, Camila.

— Não estou fazendo. Não gosto de ironia. Estou apenas expondo com clareza o que penso de nós dois, como casal, no momento. Não é sequer uma censura, é como nós estamos.

Escolheram um restaurante perto de casa, não tanto pela qualidade da comida, que nada tinha de extraordinária, mas sobretudo por não ser barulhento: podiam conversar sem elevar a voz. Não que algum deles alimentasse a expectativa de ter uma conversa animada... De todo modo, a conversa surgiu a partir da pergunta de caráter quase burocrático de Aldo.

— Então, como foi o seu dia?

— Regular... Salvo no final da tarde, quando recebi a visita do delegado Espinosa.

Aldo imediatamente levou a mão à têmpora. Ficou olhando para Camila como que à espera da continuação.

— Querido, é melhor você tomar um bom gole de vinho para desanuviar um pouco o espírito. O delegado não é a encarnação do demônio. Aparentemente está tão perdido quanto eu no que se refere ao episódio do mendigo.

Aldo tomou o vinho como quem toma cerveja: em grandes goles.

— O que ele queria?

— Queria saber como você era.

— O quê?

— Isso mesmo. Não estava interessado em saber o que você havia feito naquela noite, ou onde estava numa certa tarde... Queria saber se você é um homem conturbado psicologicamente... Como foi sua infância... Coisas desse tipo. Claro que eu não disse nada.

— O que ele está pretendendo? Virar psicanalista?

— Certas pessoas acham que basta perguntar sobre a infância e sobre a vida sexual do outro para ter acesso a sua subjetividade. Mas não acho que seja essa a pretensão dele. Apesar do jeito manso de falar e da aparência de distraído, ele não é tolo nem ingênuo. Está tentando o caminho inverso do normalmente percorrido pela polícia. Quer saber quem, dentre os que estavam no local do crime, teria condições psicológicas de dar um tiro em alguém. Não está mais interessado em saber quem tinha arma ou quem viu o mendigo primeiro: quer saber quem, sob forte tensão e movido por fantasmas

poderosos, é capaz de atirar num desconhecido no meio da noite debaixo de chuva intensa e trovões.

— Nessas condições, qualquer um que esteja armado é capaz de atirar.

— Então foi uma sorte você não estar armado... poderia ser você a atirar.

A consideração de Camila afastou parte da sombra que caíra sobre o jantar desde a menção à visita do delegado Espinosa. Camila sabia, por experiência, que o marido não era capaz de conversar sobre mais de um tema potencialmente ameaçador. Suportava discutir um único tema até ele ser considerado esgotado, mas não era capaz de acrescentar a esse primeiro um segundo ou terceiro assunto de mesma intensidade. Durante o resto do jantar, a conversa foi sobre os amigos, sobre a próxima viagem que fariam, e também sobre o fim de semana.

Irene tomou o café-da-manhã com Espinosa e por volta das dez horas se despediu dizendo que ia para São Paulo naquela tarde. Espinosa aprendera a não perguntar o motivo das saídas repentinas, mesmo porque ela responderia que não era repentina, que estava programada desde o início da semana, que apenas não tinha dito nada a ele. Ela, por sua vez, não perguntava o que ele estava fazendo quando desaparecia dias seguidos sem comentar com ela o motivo do afastamento. O fato era que lá estava ele, numa manhã de sábado que ainda nem se definira como solar ou nublada, tendo se despedido de Irene e voltado à mesa para outro café e para decidir qual parte da casa seria objeto de seus cuidados. Havia a estante, alvo permanente da preocupação de sua faxineira — e também dele próprio, desde que decidira, havia anos, erigir uma estante para livros feita exclusivamente de livros. Bem entendido, não era uma estante destinada exclusivamente a conter livros, mas uma estante *feita* de livros. O que ele chamava de “estante em estado puro”, e que consistia em dispor uma fileira de livros no chão da parede maior da sala, como se estivessem arrumados numa prateleira; em seguida, sobre essa fileira de livros em pé, arrumar livros deitados de modo a formar uma prateleira com os próprios livros, e depois dispor sobre

eles outra fileira de livros em pé em toda e extensão da parede, e assim sucessivamente. A estante já atingira a altura das portas, o que formava uma massa compacta de livros de três metros de comprimento por dois de altura, seis metros quadrados de estante sem um único montante e sem nenhuma prateleira. Era uma magnífica obra de engenharia, que ele pretendia conservar na posição em que estava, adiando, se possível definitivamente, vê-la desabada e amontoada no chão. O outro problema era a torradeira que torrava apenas um dos lados do pão, o que tornava o café-da-manhã um pouco mais trabalhoso. Comprara, havia meses, uma torradeira nova, mas não se adaptara a ela. Mantivera durante dias uma ao lado da outra, usando sempre a antiga, até que guardara a nova. Havia ainda o problema do piso: já eram mais ou menos dez os tacos soltos pela casa, sendo a maioria na sala. Esses eram os temas mais freqüentes em suas reflexões durante o café-da-manhã dos sábados. Para aquela manhã, escolheu os livros. Talvez pelo fato de não haver nada mais a fazer senão uma inspeção rigorosa no equilíbrio do conjunto, o que incluía pressionar alguns livros aleatoriamente e ver se outros balançavam... Como naquele sábado nada balançou, Espinosa pôde continuar tranqüilamente a leitura dos jornais, supondo que na manhã seguinte retomaria a questão da torradeira elétrica ou a dos tacos soltos. No dia seguinte, domingo, e não naquele mesmo dia, sábado. Contudo, considerava o domingo uma ficção de mau gosto... Restava esperar pelo sábado seguinte. Enquanto isso tentaria repensar o sábado presente com Irene ausente. Algumas opções eram mais adequadas a fins de semana solitários como aquele que se iniciava. Uma delas era a leitura. Vários livros aguardavam sobre a mesa de centro e sobre as mesinhas junto ao sofá a decisão de Espinosa quanto a serem promovidos à condição de ficar sobre a mesinha ao lado do abajur e da cadeira de leitura, sendo o mais recente o Faulkner que comprara ao visitar o consultório da dra. Camila. Espinosa pegou dois deles, ambos releituras: as duas histórias que se entrecruzavam em *Palmeiras selvagens* e a extraordinária história de Kees Popinga, de Simenon, que lera quando tinha vinte anos. Queria experimentar o sabor da releitura passadas duas décadas. Colocou os dois livros sobre a mesinha junto à cadeira de balanço.

A semana se iniciou com uma nova etapa das buscas de Ramiro e Welber pelos arquivos dos hospitais, das delegacias policiais da Zona Sul da cidade e junto aos próprios colegas. A partir do material obtido, passariam a cruzar centenas de dados isolados, aparentemente sem nenhuma relação entre si, para chegar à possível identidade do sem-teto. Ambos dedicaram a segunda e a terça-feira ao início dessa nova etapa da busca.

Na quarta-feira pela manhã, Espinosa foi informado por telefone da morte de Camila Bruno.

2

Camila Bruno fora encontrada morta em seu consultório, deitada no divã, inteiramente nua. O perito que a examinou no local arriscou a hipótese de morte por sufocação, só não sendo mais categórico pelo fato de não ter encontrado nenhum sinal de luta, nenhuma marca no pescoço ou nas narinas. O único sinal de possível sufocação eram alguns pontos hemorrágicos nos olhos, quase imperceptíveis. Ao lado do corpo, sobre o sofá, havia uma almofada, a arma provável do assassino. Tudo levava à hipótese de assassinato, a menos que se admitisse a possibilidade inexequível de alguém cometer suicídio comprimindo uma almofada contra o próprio rosto. Nesse ponto da descrição, Espinosa interrompeu o interlocutor, delegado Lajedo da 14^a DP, que fazia o relato por telefone:

— Boa-noite, Cinderela — disse Espinosa.

— Como? — respondeu o delegado Lajedo.

— Desculpe, eu queria dizer que o assassino deve ter sedado a vítima com Rohypnol ou algo tão poderoso quanto. Uma vez a vítima adormecida, bastou comprimir um travesseiro ou uma almofada contra o rosto. Morte sem luta e sem barulho.

— É bem possível — disse o outro, como se já tivesse chegado à mesma conclusão.

— Lajedo, você faz objeção a que eu acompanhe o caso de perto? Acredito que ele tenha ligação com um caso meu em andamento. Gostaria de dar um pulo até a sua delegacia para falarmos pessoalmente.

— Claro, Espinosa, você é muito bem-vindo. Esse é o motivo do meu telefonema: vi na agenda dela que você a procurou duas vezes

nas duas últimas semanas.

— Estive com ela devido a uma investigação. É sobre isso que gostaria de falar com você. Podemos nos encontrar?

— Podemos, é claro. Você prefere antes ou depois do almoço?

— Você está no comando.

— Temos ainda bastante tempo antes do almoço. Quer que vá até aí ou você vem aqui?

— Chego aí em quinze ou vinte minutos.

Espinosa passou para Ramiro e Welber a notícia da morte de Camila juntamente com os poucos detalhes fornecidos pelo delegado Lajedo. Esperava voltar a tempo de almoçar com os dois.

Assim que chegou à delegacia do Leblon e se identificou, foi levado à presença do delegado. Conheciam-se desde o tempo da faculdade de direito, quando haviam sido colegas. Lajedo era um delegado experiente, da idade de Espinosa, que trabalhava rigorosamente dentro da lei e tinha um ponto em comum com Espinosa: também freqüentava livrarias. Era mais informal que Espinosa, tanto no vestuário como no comportamento em geral, mais risonho e simpático. Isso, na relação pessoal: no trabalho era rigoroso e não necessariamente simpático.

Lajedo recebeu Espinosa de braços abertos.

— Espinosa, é uma honra tê-lo entre nós.

— É bom te ver, Lajedo. Como está a família?

— Felizmente do mesmo tamanho. E a sua?

— Ganhou apenas um novo marido.

— Como é?

— Minha ex-mulher casou-se novamente. Moram em Washington.

As novas delegacias legais obedeciam todas ao mesmo padrão arquitetônico, de modo que de uma para outra mudavam apenas os ocupantes. Lajedo deu ordem para não serem interrompidos e os dois se fecharam no seu gabinete... idêntico ao de Espinosa.

Antes de fazer as perguntas que desejava, Espinosa fez um resumo do caso do sem-teto, incluindo as pessoas diretamente ligadas a ele, o que abrangia Aldo e Camila Bruno. Explicou também o porquê dos dois encontros com a dra. Camila e a dificuldade que encontrava para compreender quem de fato era Aldo Bruno.

— E, pelo jeito, agora vai ficar mais difícil ainda — disse Lajedo.

— É possível. Ele pode usar a morte da mulher como pretexto para se fechar ainda mais.

— Quem encontrou o corpo? — perguntou Espinosa.

— Ele.

— O marido?

— É. Quando a mulher não apareceu em casa para jantar, ele telefonou para o consultório e para o celular. Como ela não atendeu a nenhum dos dois, decidiu ir ao consultório, que fica apenas duas quadras distante da casa deles, para verificar o que tinha acontecido. Perguntou ao porteiro e ele respondeu que não tinha visto a doutora sair. Aldo subiu e tocou a campainha. Não teve resposta. Tentou a maçaneta. A porta não estava trancada. Entrou e encontrou a mulher deitada no divã... nua. Percebeu imediatamente que estava morta.

— Alguém estava com ele quando ele constatou que a porta não estava trancada?

— Não. Ele estava sozinho.

— Ele disse por que percebeu imediatamente que ela estava morta?

— Disse que era óbvio, mas não disse em que consistia a obviedade.

— Fez alguma menção ao fato de ela estar nua?

— Apenas que não entendia o porquê da nudez.

— Alguma informação preliminar do legista?

— Não foi constatada presença de esperma nem no canal vaginal nem no ânus, e não há indício de violência sexual.

— Nenhum indício de ato sexual e nenhum indício de violência ou luta. O que não faz muito sentido é a nudez. A roupa dela estava jogada ou arrumada em algum lugar?

— Estava disposta sobre uma banquetta, não estava jogada.

— Foram encontrados copos... bebidas alcoólicas... alguma droga?

— Não. Concordo com a sua opinião de que ela tenha sido dopada e depois sufocada. Assim que sair o resultado do exame toxicológico eu lhe aviso.

— O sonífero podia estar misturado com alguma bebida que ela tomou com alguém conhecido, que levou o copo quando foi embora.

— Quem fez isso não queria usar de força física. Ela não foi golpeada nem manietada, foi morta enquanto dormia, sem oferecer nenhuma resistência.

— Gostaria de saber se ela mesma tirou a roupa ou se foi desnudada após ter tomado o sonífero ou mesmo depois de morta. Onde foi achada a agenda dela?

— Em cima da mesa, bem à vista.

— Ninguém viu nada? Alguém tocando a campainha... saindo apressado...

— Ela morreu entre seis e sete horas da tarde, período de maior movimento no prédio, que tem aproximadamente cem salas comerciais.

— Impressões digitais?

— Muitas.

— Entre elas, provavelmente as minhas.

Antes de encerrarem a conversa, o delegado estendeu para Espinosa o que parecia um caderno de capa dura.

— Acho que você vai querer examinar a agenda dela. Há uma pequena sala aqui ao lado onde você pode ficar à vontade sem ser incomodado. Mais tarde, se achar necessário, mando fazer uma cópia e mando para você.

Espinosa ficou quase uma hora lendo cuidadosamente a agenda e fazendo anotações em uma caderneta. Quando terminou, voltou à sala do delegado para agradecer e colocar sua equipe à disposição dele:

— Lajedo, nossas investigações necessariamente vão se sobrepor em alguns pontos. Pode acontecer de chegarmos à conclusão de que não são dois casos, mas um apenas. Não vamos permitir que essas sobreposições se transformem em zonas de conflito. Vou deixar com você os nomes e telefones de dois dos meus auxiliares. São homens de minha absoluta confiança: o inspetor Ramiro e o detetive Welber. Aqui estão — disse Espinosa, estendendo um cartão para o delegado. — No que diz respeito a mim, não hesite em me chamar, sejam quais forem o dia e a hora.

— Obrigado, Espinosa. Eu vi que você chegou de táxi. Quer que mande um dos meus homens levar você de carro?

— Obrigado, prefiro ir de ônibus. Vou arrumando as idéias pelo caminho.

Na verdade não havia muito que arrumar. Sentia-se triste pela morte de Camila Bruno. Uma mulher inteligente, bonita, jovem e... morta. Assassinada. Por que, e por quem? Pela descrição de Lajedo, Camila estava suavemente deitada no divã, como se posasse para a *Maja desnuda* de Goya; nada que sugerisse luta, violência, agressão sexual; não havia sequer indício de relação sexual. Sua agenda mostrava os nomes de quatro pacientes naquela tarde: um homem e três mulheres. Os mesmos nomes se repetiam na agenda a cada semana, sendo que, na semana que encerrava o mês, constava uma anotação do pagamento de cada um deles. Alguns pagavam regularmente com cheque, outros pagavam exclusivamente em dinheiro, o que também vinha assinalado ao lado da quantia. Os pacientes eram indicados apenas pelo primeiro nome e por um telefone de contato. Não havia endereço de nenhum deles. Nas duas últimas semanas constavam o dia e a hora das entrevistas que ele, Espinosa, tivera com ela. Na primeira estava escrito “Delegado Espinosa” e entre parênteses “12^a DP, Copacabana”; na segunda, constava apenas “Delegado Espinosa”. Nenhum comentário, nenhuma

anotação complementar. A primeira coisa a fazer era entrar em contato com os pacientes da dra. Camila e com o dr. Aldo Bruno. Não acreditava em coincidências. Dois assassinatos num intervalo de duas semanas e em ambos Aldo Bruno fora o primeiro a chegar à cena do crime. Seria aquele um dos raros casos em que a coincidência era de fato mera coincidência? Havia que considerar também a possibilidade de Camila não estar nua no momento em que fora morta. A nudez seria uma forma de desviar a atenção da polícia para um aspecto que nada tinha a ver com o assassinato.

Espinosa esperou o dia seguinte para procurar Aldo Bruno. No primeiro contato por telefone, Aldo procurou se esquivar a um encontro alegando que já dera um depoimento para o delegado Lajedo e que não tinha mais nada a acrescentar ao que havia dito. Espinosa insistiu, dizendo que se ele preferisse podia comparecer à delegacia na companhia do seu advogado para prestar depoimento, mas que considerava isso um desgaste desnecessário... preferia um encontro informal e em outro local que não a delegacia.

— Delegado Espinosa, eu ainda nem enterrei minha mulher e o senhor está me convocando para depor?

— Não estou convocando, estou convidando, e, por mais que compreenda o seu sofrimento, o senhor não pode esquecer que sua esposa foi assassinada. Amanhã voltamos a nos falar para marcar um encontro.

O pai de Camila providenciara para que o corpo da filha permanecesse o menor tempo possível no IML. O anúncio do enterro ocupara amplo espaço nos principais jornais, com o pai, Armando Moreira da Rocha, comunicando o falecimento de sua filha Camila e convidando para o sepultamento a se realizar na tarde daquele dia. O sobrenome “Bruno” não constava da notícia fúnebre.

Espinosa ainda não estivera com Aldo Bruno depois da morte de Camila. Não tinha esperança de poder falar com ele imediatamente após o enterro nem de fazer uma avaliação aproveitável do modo como estava a relação dele com os parentes e amigos de Camila. Foi com dificuldade que conseguiu chegar à capela onde o corpo estava

sendo velado, apesar de ter chegado bem antes da hora do enterro. Aldo estava dentro da capela, ao lado do corpo, mas não do mesmo lado que os pais dela. Parecia um enterro partido: do lado esquerdo da capela os pais, parentes e amigos; do lado direito, Aldo, os filhos e amigos do casal. Também junto de Aldo estava Mercedes, a bonita arquiteta, e os dois estagiários do escritório, Henrique e Rafaela. Fora da capela caía uma chuva miúda que, em vez de refrescar, tornava o ambiente interno ainda mais quente e abafado. A cada minuto chegava mais gente, e aparentemente ninguém ia embora. Às cinco horas em ponto o caixão foi fechado para ser conduzido ao jazigo da família. Centenas de guarda-chuvas abertos formaram uma cobertura negra sobre o féretro. Em torno da sepultura já havia uma pequena multidão. Repetiu-se junto à sepultura a divisão já observada por Espinosa na capela: pais e parentes de um lado, Aldo, filhos e amigos do outro. Aldo estava visivelmente abatido, ao lado dos filhos, tristes e perplexos, e do grupo de amigos e conhecidos que ainda estavam sem entender o que havia acontecido. Espinosa observava atentamente, sem saber bem o que procurava. Estava interessado nos rostos e nos gestos, pois não havia condição de escutar as falas. As circunstâncias impunham que as pessoas falassem em voz baixa, sendo que a maior parte permanecia em silêncio. Uma coisa era evidente: o olhar de Armando Moreira da Rocha para Aldo Bruno não era de simpatia nem de amizade, era de ódio. Aldo, por sua vez, permanecia longos minutos olhando fixo para um ponto qualquer, um olhar opaco, sem tristeza, sem emoção, como se de repente nada mais tivesse importância. Terminada a cerimônia, as pessoas foram se dispersando; os que ficaram para falar com os pais de Camila ou com Aldo também foram embora, e Aldo saiu levando os filhos, sem olhar para o casal Moreira da Rocha.

* * *

Aldo Bruno passou o fim de semana fora de casa e do escritório, e não deixou com ninguém o endereço de onde estaria, nem mesmo com a cunhada que ficara com as duas crianças. Espinosa pensou em telefonar para alguns hotéis onde ele poderia estar hospedado, mas desistiu antes de fazer a primeira chamada. Não acreditava que Aldo

se ausentasse por longo tempo, certamente estava recuperando forças para enfrentar o que ainda estava por vir. Sobretudo para enfrentar o ódio do sogro.

O poder de Armando Moreira da Rocha podia ser avaliado pela absoluta falta de notícia da morte de Camila nos jornais. Poucas pessoas deviam saber que ela fora assassinada, e tudo indicava que continuariam a ignorar o fato.

Espinosa sentia-se paralisado. A semana passara voando e ali estava ele, em mais uma manhã de sábado, sem ter notícias de Irene e sem ímpeto para empreender alguns dos projetos caseiros listados mas não levados a cabo no sábado anterior. Não conseguia fazer os consertos que programara fazer no apartamento nem ler os jornais de sábado — o que normalmente fazia com gosto. Tampouco sentia-se apto para pensar nos dois casos que haviam ocupado sua atenção nos últimos dias. Tentou imaginar o que Aldo Bruno estaria fazendo naquele momento. Pelo que sabia dele, tinham ambos a mesma idade, cresceram na mesma cidade, provavelmente na mesma Copacabana onde aquela história tivera início. Era muito possível que tivessem estudado na mesma escola em algum período da vida, e certamente deviam ter se cruzado na rua, na fila do cinema, no restaurante, no ônibus. Tinha certeza de que, em nenhum momento nos mais de quarenta anos vividos, Aldo fora percebido por ele. E de repente, no meio do caminho dos quarenta para os cinqüenta, ele saía da sombra e atravessava o seu cotidiano por duas vezes, ligado a fatos tão dramaticamente próximos. Aldo podia não ser culpado de nada do que acontecera desde que estacionara o carro no fim da Mascarenhas de Moraes até a morte de sua mulher quatro dias antes, mas era um bocado intrigante o fato de ter sido ele a descobrir os dois corpos. Espinosa sabia de pessoas que estiveram no lugar errado e na hora errada repetidas vezes sem que tivessem nada a ver com os acontecimentos, embora sempre permanecesse uma dúvida quanto a sua inocência. E agora ninguém sabia onde estava Aldo Bruno. O fato em si não tinha nada de extraordinário, ele estava desaparecido havia apenas vinte e quatro horas, o que nem sequer caracteriza um desaparecimento. O que chamava a atenção era o fato de isso ter

acontecido logo depois do assassinato de sua mulher em condições misteriosas.

Voltou aos jornais. Passou os olhos pela primeira página, pulou para o suplemento literário, verificou os lançamentos, consultou a lista dos mais vendidos e largou o jornal no chão sem passar os olhos pela página policial e pelas notícias internacionais. Continuou sentado na cadeira de balanço, atento ao deslocamento da faixa de sol que caminhava pelo chão da sala e que, segundo seus cálculos, alcançaria seu pé em no máximo quinze minutos — o que era um bom motivo para permanecer sentado: verificar a exatidão do cálculo. Insistiu na faixa de sol. Pensou que, naquele instante, o sol iluminava metade do planeta, abrangendo aritmeticamente metade da população do mundo, algo em torno de três bilhões de pessoas, e ele era o único habitante... mais do que isso, era o único ser atingido por aquela faixa de luz solar... ela era só dele... e não apenas naquele momento, mas para todo o sempre. E pensou ainda que, se aquilo era o que de melhor podia pensar naquele momento de plenitude, era sinal de que a espécie humana realmente não tinha dado certo. Levantou-se e foi lavar a louça do café-da-manhã.

Manhã de segunda-feira. Depois de passar pela delegacia e discutir com a equipe de investigadores os casos em andamento, Espinosa deu instruções a Welber para fazer um levantamento dos pacientes da doutora Camila com um breve perfil de cada um, além de nome, endereço, telefone e ocupação.

— Se não me falha a memória, são dez pacientes. Verifique também os nomes dos que tiveram alta e dos que abandonaram o tratamento durante este ano.

— Continuo trabalhando com as fichas dos casos de amputação?

— Procure entre os detetives recém-admitidos algum que possa te substituir nessa tarefa enquanto você cuida dos pacientes da doutora. Qualquer novidade, ligue para o meu celular.

Espinosa tocou a campainha do escritório de Aldo Bruno sem nenhum aviso prévio e tendo ordenado ao porteiro que não anunciasse pelo interfone que estava subindo. Deu um toque breve e

a porta foi aberta pela jovem estagiária. Quase ao mesmo tempo, ouviu a voz de Mercedes e ela apareceu na sala.

— Quem é, Rafaela?

— É aquele...

— Bom dia, doutora Mercedes.

— Bom dia, delegado.

— Posso falar com doutor Aldo?

— Ele não está se sentindo bem... ainda está chocado...

— Compreendo. É natural que esteja...

— Então...

— Mas não podemos esperar mais do que já esperamos. Concedi a ele o fim de semana; agora preciso falar com ele.

— Posso estar presente? Ele está emocionalmente frágil.

— Não se preocupe, doutora, não sou o lobo mau desta história, não vou fazer nada que possa piorar o seu estado.

Mercedes se afastou para ele passar e o conduziu até a porta da sala de Aldo. Bateu duas vezes antes de abrir e, ainda segurando a maçaneta, com a porta entreaberta, anunciou:

— Aldo... é o delegado Espinosa.

O arquiteto, sentado à sua mesa de trabalho, levantou os olhos para ela e em seguida para o delegado. Fez um movimento de concordância com a cabeça.

Quando Espinosa entrou na sala, ela insistiu:

— Posso?

— Lamento, doutora, é uma conversa privada — e esperou que ela fechasse a porta.

Aldo Bruno obviamente não estava trabalhando. A lapiseira ainda na mão apontava para uma série de desenhos, alguns geométricos, outros de pessoas, e rabiscos dispersos.

— Bom dia, doutor Bruno. Tentei lhe dar os pêsames no dia do enterro, mas não consegui me aproximar do senhor. Lamento

profundamente o que aconteceu. Estive duas vezes com sua esposa e a impressão que ela me deu foi a melhor possível.

— Obrigado, delegado. É exatamente isso que me deixa perplexo e me perturba. Ela era realmente uma pessoa excepcional. Jovem, bonita, inteligente, alegre, simpática... Então, por quê? Por que essa... essa... loucura... essa violência fria e inumana?

— Talvez exatamente por ela ser jovem, bonita, inteligente, simpática...

— Isso não faz sentido para mim. Ninguém mata uma pessoa por isso.

— Lamento, doutor, mas mata-se por todos os motivos... e até mesmo sem motivo.

— O que o senhor quer comigo?

— O modo como ela morreu já está parcialmente respondido. Ela foi dopada com um sonífero poderoso e em seguida sufocada com a almofada que foi encontrada no chão, ao lado do sofá. A morte, nesses casos, é sem sofrimento. Ela não se debateu, a expressão facial era de serenidade. O que para mim ainda não está claro é por que ela estava despida. Não houve relação sexual, não houve luta, ela não tinha marcas, manchas ou arranhões; enfim, nada indicava violência sexual. Por que então a nudez?

— Não penso em outra coisa desde que a encontrei.

— É comum pacientes se apaixonarem pela terapeuta, ela não comentou sobre nenhum que tivesse tentado ir além da fala?

— Não. Ela raramente comentava algo sobre pacientes, e quando o fazia era sempre alguma coisa engraçada ou bonita.

— Quando o senhor chegou ao consultório encontrou a porta aberta?

— A porta dela tem que ser trancada à chave tanto pelo lado de dentro como pelo lado de fora. Quem a matou apenas saiu e bateu a porta, não a trancou.

— A que horas o senhor chegou ao consultório?

— Eram nove horas... cinco minutos mais, cinco minutos menos.

— O senhor tocou em alguma coisa?

— Só toquei nela. Estava fria e obviamente sem vida.

— Não levou nenhum objeto ao sair?

— Não. Não pensei em nada. Quando percebi que ela estava morta, saí, bati a porta e fiquei do lado de fora... chorando. Só quando parei de chorar é que pensei em chamar alguém.

— O senhor conhece algum paciente dela?

— Não. Nunca vi nenhum. Nunca fui ao consultório depois que ele ficou pronto e ela começou a atender.

— Nem costumava passar para pegá-la quando voltava para casa?

— Não. O consultório fica muito perto de casa, ela gostava de fazer o trajeto a pé.

— Uma pergunta delicada, doutor Aldo. Vocês estavam atravessando o que se costuma chamar de “crise no casamento”?

— Não. Sempre nos demos bem. É evidente que em dez anos de casamento aconteceram crises passageiras, que não duraram mais de dois dias.

— Obrigado, doutor Aldo. Talvez precise voltar a falar com o senhor.

Aldo Bruno encolheu os ombros e abriu as mãos. Ao sair da sala, Espinosa deu de cara com Mercedes.

— E então? — perguntou ela, aflita.

— Então o quê?

— Como ele foi?

— A senhora pode verificar com seus próprios olhos, doutora.

Enquanto Mercedes entrava apressada na sala, os dois estagiários olhavam espantados para Espinosa, prontos para se defender do possível atacante alienígena. Ninguém acompanhou o delegado até a saída. Espinosa desceu pelo elevador achando as pessoas daquele escritório cada vez mais estranhas. Os dois estagiários pareciam

figurantes sem fala num filme B, enquanto Aldo e Mercedes eram os atores principais, e não havia ninguém mais no filme, nem diretor, nem roteirista e nem equipe técnica... mas o cenário de fundo era deslumbrante.

Faltavam dez minutos para as onze e ele tinha a intenção de voltar a pé para a delegacia, mas àquela hora batia sol nas duas calçadas da avenida Atlântica e ele não estava com vontade de caminhar pela avenida Copacabana, tomada de gente e de veículos. Voltou de ônibus, pensando nos personagens principais da história. Aldo Bruno fora convincente. Estava realmente sofrido e perturbado com a morte da mulher, não era um ator desempenhando um papel. Mercedes também parecia atingida pela morte de Camila, sendo que no caso dela havia um ganho secundário. Podia assumir o lugar de protetora afetiva e, por que não, de provedora afetiva, já que o campo ficara livre. E tinha beleza bastante para ganhar o papel principal.

Assim que chegou à 12^a DP e entrou no seu gabinete, mandou chamar Ramiro e Welber. Somente Ramiro estava na delegacia, Welber saíra em diligência. Ramiro acudiu imediatamente ao chamado.

— Entre, Ramiro. Sente-se. Mandei Welber fazer um levantamento dos pacientes da doutora Camila. Deve estar cuidando disso. Claro que a 14^a DP e a Homicídios devem estar fazendo o mesmo. Acontece que no nosso caso estamos lidando com uma situação bastante peculiar. Veja bem. Um assassinato é cometido, nós saímos em campo procurando pistas e suspeitos, e nessa busca topamos com um pequeno grupo de pessoas. Duas semanas depois, acontece outro assassinato com características inteiramente diferentes do primeiro, e nós mais uma vez saímos à procura de pistas e suspeitos e topamos com um pequeno número de pessoas. E é aqui que reside a surpresa: as pessoas que visitamos e interrogamos neste segundo caso são as mesmas que visitamos e interrogamos no primeiro caso, e no entanto, aparentemente, os dois crimes nada têm a ver um com o outro...

— É muita coincidência para ser apenas coincidência.

— Exato. Quando a coincidência é muita, desconfie da coincidência. Na verdade, a coincidência maior é o fato de as mesmas

pessoas estarem presentes aos dois locais do crime, sendo que uma delas, no segundo crime, como vítima... E também a coincidência de a mesma pessoa ter sido a primeira a chegar à cena do crime.

— Quais são as ordens?

— Escolha dois detetives novos e passe para eles o trabalho que você e Welber estão fazendo. Vou precisar de vocês para outro trabalho assim que Welber trazer as informações que está colhendo.

Welber voltou só no dia seguinte, com apenas uma parte das informações. Reuniram-se novamente no gabinete do delegado e Welber expôs o pouco que conseguira.

— O trabalho parecia fácil, já que tínhamos os nomes, os dias de consulta e até os pagamentos feitos, mas isso não me levou a quase nada. De fato essas coisas estavam registradas na agenda, mas de quase todos os pacientes constava apenas o primeiro nome; não havia endereço, e de alguns não havia sequer o telefone. Claro que eles não deixam nenhuma foto nem preenchem ficha de inscrição como se aquilo fosse um curso ou uma academia de ginástica. Tampouco havia um fichário com dados clínicos sobre cada um. Conclusão: há uma agenda com uma dúzia de nomes de homens e de mulheres; desses, tenho o telefone de nove. Conversei com os porteiros e eles disseram que aquele é um dos prédios de maior movimento de Ipanema. São mais de cem consultórios, cada um recebendo dezenas de clientes por dia. Impossível saber quem ia para qual consultório. Os porteiros conheciam alguns profissionais que trabalham no prédio, mas não os clientes. Dos doze pacientes atuais, quatro são homens e oito são mulheres, e dos doze, apenas três começaram este ano — um dentista que também tem consultório em Ipanema, uma artista que trabalha com pintura de tecidos e uma mulher que se chama Antonia —, os demais são pacientes antigos. Desses, além do nome, consegui saber alguma coisa. O problema é que quase todos pagam em dinheiro, de modo que não temos nem o cheque que nos permitiria rastrear nome completo, endereço, profissão. Os mais recentes são as duas mulheres — Maria e Antonia —, que começaram quase ao mesmo tempo. Maria é a artista. De Antonia, a única coisa que temos é o prenome e um telefone para contato. Na tarde do

assassinato, doutora Camila fez quatro atendimentos: do dentista e de três mulheres, todos pacientes regulares. A última a ser atendida foi Antonia, que saiu por volta das seis horas. Entre o dentista e a segunda paciente houve um intervalo livre de uma hora. O legista estabeleceu a hora da morte entre cinco e sete. Qualquer pessoa poderia ter entrado durante a última sessão ou mesmo depois de a última paciente ter ido embora. A porta do consultório pode ser aberta pelo lado de fora, caso não esteja trancada à chave.

Em seguida, Welber fez um relato do pouco que conseguira levantar até aquele momento sobre os pacientes da dra. Camila. Não havia falado pessoalmente com nenhum deles.

— Muito bem. O levantamento que vocês estavam fazendo a partir das fichas clínica e policial dos amputados já foi passado para os detetives recém-admitidos; agora vocês dois vão se ocupar dos pacientes da doutora Camila. Quanto a Aldo Bruno e Mercedes, quero que os dois pensem que desistimos deles, que os deixamos definitivamente em paz... e que relaxem... mas quero vocês no rastro deles o tempo todo, com o máximo de cuidado para não serem descobertos. Sei que são bons nisso.

Quando eles já iam saindo, acrescentou:

— Quero também fotos de todos eles.

PARTE III

Cul-de-sac

Chovia torrencialmente quando se despediram dos donos da casa. Vários dos convidados mais jovens se ofereceram para buscar o carro que ficara estacionado no fim da rua, a pouco mais de cinquenta metros de onde estavam. Ele agradeceu a gentileza, disse que chegaria lá em dois pulos e que não tinha importância se molhar porque estavam indo para casa. O casal anfitrião ficou conversando com sua mulher enquanto ele, sem esperar por um guarda-chuva, saiu apressado. A chuva, o vento e a fraca iluminação local atrapalhavam sua visão a ponto de ele precisar se orientar pelo meio-fio para chegar ao ponto onde estava o carro. A água da chuva corria ladeira abaixo pelos paralelepípedos e pela calçada, encharcando seus sapatos e meias. Um guarda-chuva de pouco ou nada adiantaria contra a força da chuva e do vento. Conseguiu chegar ao carro, meio que correndo e aos pulos, e, já com a chave na mão, abriu a porta e se jogou no assento do motorista. Enxugou o rosto com o lenço e ligou o motor para manobrar, pois o carro estava estacionado com a frente voltada para o morro.

Quando acendeu os faróis, percebeu apenas confusamente o cenário à sua frente. A luz que incidia sobre o paredão negro da rocha criava um estranho balé de samambaias e chorões que balançavam ao vento. No meio da cena que se transformava incessantemente, uma forma imóvel se destacava, a menos de três metros da frente do carro. A água que escorria pelo vidro tolhia quase que totalmente sua visão. Ligou o limpador de pára-brisa e concentrou-se na forma que agora se destacava em espectral imobilidade. Era um homem, em pé, voltado para o carro, e que parecia não se incomodar com a chuva e com o vento. Vestia bermuda e camiseta. Mantinha-se de pé com o auxílio de muletas... tinha só uma perna: a outra fora amputada acima do joelho. Parecia

um morador de rua, um pedinte, embora não fizesse sentido um pedinte àquela hora e naquele lugar. O homem estava inteiramente molhado, a roupa colada ao corpo, e permanecia imóvel. Aldo olhava para ele sem saber se também era visto, já que a luz do farol incidia diretamente sobre os olhos dele. Continuou atento ao homem enquanto segurava o volante, pronto para uma manobra rápida. Aproximou mais o rosto do pára-brisa como que a confirmar o que estava vendo; o homem levou a mão ao rosto para retirar a água que escorria sobre os seus olhos. O homem que olhava de dentro do carro afastou bruscamente o rosto do vidro e abaixou instintivamente a cabeça. O homem de muletas na chuva era Nilson. Nenhuma dúvida quanto a isso. O mesmo rosto comprido, o mesmo olhar frio e desafiador o encarava, confrontando-o, mais de trinta anos depois do primeiro encontro.

Apesar da posição de superioridade física em que se encontrava, o homem de dentro do carro não conseguia desviar os olhos daquele fantasma nem conseguia engrenar a marcha e afastar-se dali. Pensou que, se engrenasse uma primeira e acelerasse, Nilson não teria agilidade para sair da frente do carro. Era o momento perfeito que fantasiara durante três décadas e meia. Lembrou-se ainda do revólver no porta-luvas, o que o tornava senhor absoluto da situação. Apesar de tudo isso, estava tomado pelo terror, paralisado diante daquele espectro.

Contrariando a certeza inicial, tentava convencer-se de que estava tendo uma ilusão de ótica, talvez uma alucinação momentânea. Enquanto tentava mentir para si mesmo, o braço direito de Nilson se moveu e apontou uma coisa para ele. O homem dentro do carro jogou-se sobre o banco, abriu o porta-luvas e empunhou o revólver, mas em lugar de sentar-se novamente abriu a porta e pulou para a chuva com a arma na mão. Quando se voltou para onde Nilson devia estar, este se deslocara em relação ao foco do farol. A chuva continuava a cair com a mesma intensidade, acompanhada do barulho constante das trovoadas. Não perdera Nilson inteiramente de vista, mas sua imagem não estava mais tão nítida como antes. Dava para perceber o vulto, mas não se discerniam os gestos com clareza, nem

mesmo se ele estava se movendo ou se permanecia imóvel. Não havia dúvida de que estava de pé. O motor do carro continuava ligado e o farol permanecia aceso. Não entendia como Nilson não ficara ofuscado com a luz incidindo diretamente sobre seus olhos... e não tinha a menor dúvida de que o antigo agressor mantivera, o tempo todo, o olhar firme sobre ele... e o reconhecera. Talvez ele já estivesse ali havia muito tempo, desde que estacionara o carro, e depois tivesse esperado que ele voltasse ao beco. Talvez tivesse esperado, tal como ele próprio, desde o primeiro confronto, quase quatro décadas antes, por um confronto final e definitivo.

Ambos estavam, agora, inteiramente molhados, com a chuva escorrendo pelos cabelos, sobre os olhos, borrando a visão. Quando uma seqüência de raios iluminou o beco com flashes sucessivos, o homem com a arma na mão ficou momentaneamente cego e perdeu Nilson de vista. A luz do farol voltou a servir de referência, com a diferença de que Nilson não estava mais lá. Imaginou que ele pudesse ter se escondido do outro lado do carro, ou mesmo que tivesse se afastado ladeira abaixo. Impossível. Um homem com a determinação dele não fugiria ao confronto depois de esperar tantos anos na chuva.

Quando uma nova seqüência de raios iluminou a área, viu Nilson a poucos metros de distância. Sem hesitar, apontou o revólver e apertou o gatilho. O som do tiro diluiu-se em meio ao barulho das trovoadas. Olhou rapidamente para trás, para o prédio de apartamentos e para as casas vizinhas, à procura de algum rosto numa janela ou de alguma pessoa na calçada, mas a rua estava deserta e não havia nenhuma janela iluminada. Contornou o carro por trás, entrou, jogou a arma sobre o banco do passageiro, manobrou bruscamente e desceu a ladeira para pegar a mulher, que o esperava no portão da casa. Ainda olhou pelo retrovisor para ver se Nilson continuava de pé no meio da rua, mas não conseguiu ver nada, a escuridão era completa. Não tinha certeza quanto a ter feito pontaria ao atirar e tampouco se lembrava de Nilson ter também atirado. O certo é que não se ferira. Não se lembrava de ter visto Nilson cair ferido. Só se lembrava de ter apertado o gatilho e do tranco da arma. Quando parou o carro para a mulher entrar, assustou-se com a

possibilidade de ela se sentar em cima da arma. Passou os olhos pelo chão do carro e pelo banco de trás, mas não viu a arma. Talvez a tivesse jogado de volta dentro do porta-luvas.

Embora conduzisse o carro cuidadosamente na descida da ladeira, sua cabeça era um turbilhão de imagens que passavam em velocidade assustadora. A impressão que tinha era de que fantasmas acumulados desde o primeiro encontro com Nilson, na infância, ressurgiam numa negação completa do tempo. A mulher fez algum comentário sobre o quanto ele estava molhado e sobre o jantar, mas ele mal conseguiu produzir alguns sons inarticulados. Dirigiu até em casa sem falar.

Antes mesmo de se enxugar e trocar de roupa, foi tomado pela dúvida quanto à veracidade do que supunha ter acontecido. Sabia com certeza que fora até o retorno para pegar o carro e que chovia muito. Também sabia com certeza que a luz do farol incidira sobre o muro de pedra coberto de samambaias que, com o vento, lembravam figuras em movimento. Tinha tomado vinho durante o jantar, e o assunto principal à mesa fora a onda de assaltos e a violência urbana. Isso, acrescido de um pouco de sono e de uma noite de tempestade, podia despertar fantasmas adormecidos e idéias delirantes. Não era a primeira vez que esse tipo de alucinação acontecia. Em situações traumáticas e sob emoção intensa, já acontecera de ele ter visto coisas que não eram verdadeiras. Acontecera algumas vezes na infância e se repetira na adolescência. Na idade adulta, porém, aquela era a primeira vez. Só que agora havia um fator extra: a arma do porta-luvas.

A mulher não estranhara seu silêncio e sua atitude esquiva, não era um comportamento incomum nele. Alegando estar se sentindo tonto e com sono, conseguiu deitar-se e fingir que dormia sem precisar tecer comentários a respeito do jantar e dos convidados. A primeira tarefa, assim que saísse para o trabalho na manhã seguinte, seria dar sumiço na arma... fosse qual fosse a verdade do que acontecera no cul-de-sac.

1

Não podia deixar as crianças mais tempo com a irmã de Camila, ficariam com o sentimento de terem perdido não somente a mãe como também o pai. Por outro lado, não se sentia em condições de cuidar adequadamente dos dois, estava difícil cuidar de si próprio. De tudo o que acontecera naquela noite, inclusive o jantar, ficara intensamente claro nele, como uma marca corporal, o registro tátil do dedo pressionando o gatilho da arma e o tranco provocado pelo tiro, além do barulho ensurdecedor dos trovões ecoando no morro de pedra e do som do vento agitando as árvores. Pensou em voltar no dia seguinte para verificar se o tiro ferira alguém, mas teve medo do que iria encontrar. Logo em seguida a polícia se encarregara de esclarecer o que acontecera, embora não tivesse esclarecido como acontecera nem quem ferira quem. Aldo não tinha a menor dúvida quanto ao seu desejo antigo de matar Nilson, mas tinha todas as dúvidas quanto a efetivamente ter realizado esse desejo. Supondo que tivesse errado o tiro, Nilson podia ter permanecido por mais uma hora no retorno, no estado semi-hipnótico em que se encontrava ao ser atingido pela luz do farol, até o momento em que Rogério Antunes fora pegar o carro... Nesse momento Nilson teria surgido da escuridão, e Rogério, pensando tratar-se de um assalto, teria atirado e matado o suposto assaltante. Depois dissera à polícia que o corpo já estava caído no chão quando chegara; não contara nada para não ser envolvido num aborrecido e em geral extenso inquérito policial. Por que não poderia ter sido assim? Por que teria que ser ele, Aldo, o autor da morte de Nilson?

Agora, bem menos de um mês depois, acontecera a morte de Camila, uma morte que ele certamente não desejara. Amava a mulher

como nunca amara ninguém, e sabia a falta que ela lhe fazia, além da irremediável falta que faria aos filhos. E a mesma coisa que acontecera em relação à morte de Nilson estava acontecendo em relação ao assassinato de Camila. A única imagem que ficara registrada em sua mente depois de abrir a porta do consultório era a do corpo nu deitado placidamente como se estivesse dormindo. Não se lembrava de nada do que acontecera depois. Lembrava-se do dia seguinte, mas não se lembrava da noite depois de ter descoberto o corpo. Mas, sobretudo, e isso é que o perturbava, não se lembrava de nada anterior à descoberta do corpo. Não se lembrava sequer de abrir a porta do consultório... não sabia se estava trancada... se tinha a chave... se mexera em alguma coisa ou no próprio corpo. Nada. Não se recordava de absolutamente nada. Acontecera o mesmo que em relação à morte de Nilson. Uma falha de memória que era mais do que um simples esquecimento, que era como que uma fenda impossível de ser interpretada ou mesmo tamponada. Pelo menos era assim que se sentia nos dois casos. Era como se pudesse ter matado Camila sem ter a menor consciência disso. E era isso que o aterrorizava. Não que acreditasse minimamente na hipótese de ter matado Camila — isso, para ele, seria o absurdo dos absurdos —, mas a falha na memória o remetia a uma região próxima à loucura.

O que podia fazer para evitar cair num infundável redemoinho reflexivo era dedicar-se com afinco ao trabalho. Estava com projetos novos a serem desenvolvidos, e a parte de concepção, prévia ao desenvolvimento e ao detalhamento, dependia inteiramente dele. Mercedes era boa nas fases seguintes, mas ainda não tinha autonomia para a arrancada inicial. Quanto mais tempo passasse no escritório, menos tempo ficaria em casa cercado de Camila por todos os lados. Quando as crianças voltassem para casa teria de contratar uma governanta ou uma acompanhante em tempo integral. Não era uma idéia agradável, mas não lhe ocorria outra melhor.

Uma semana depois da morte de Camila, vivia com esse acúmulo de imagens e pensamentos. Todas as manhãs, eram aquelas as primeiras idéias que lhe afloravam à consciência, e o acordar era

abrupto e total, assim como os últimos pensamentos, à noite, antes de adormecer de cansaço.

Chegou cedo ao escritório. A praia ainda estava vazia de banhistas e o tráfego de veículos em direção ao Centro ainda não atingira o ponto de maior intensidade. A temperatura amena e o mar quase sem ondas haviam tido um efeito calmante... que durou pouco. Debruçou-se sobre a prancheta, junto à janela, e começou uma série de rabiscos que se transformaram em linhas preliminares de esboços. Quando Mercedes e os estagiários chegaram, encontraram várias folhas repletas de esboços, indicações e anotações referentes aos novos projetos. Mercedes, a primeira a chegar, beijou-o amorosamente, o que agradou seus sentidos mas incomodou seus sentimentos. Mercedes notou a reação ambígua... e ele notou que ela notara. Trabalhou o dia todo sem interrupção. Parou apenas na hora do almoço para comer o sanduíche que encomendara por telefone. No fim da tarde, Mercedes sugeriu que fossem para o apartamento que Luíza deixara à disposição dos dois. Aldo deu a desculpa de que ia apanhar os filhos na casa da cunhada e levar para casa, e disse que no dia seguinte chegaria um pouco mais tarde porque marcara encontro com uma candidata a governanta.

Foi extremamente difícil estar novamente em casa na companhia dos filhos e sem a presença de Camila. Nenhum dos três falava nela, mas os três pensavam nela o tempo todo. Quando Aldo percebeu a impossibilidade de eludir a presença-ausência de Camila, aproveitou um momento em que os filhos brincavam no quarto, sentou-se no chão com eles e propôs que conversassem sobre a mãe. Falaram nela até tarde da noite quando, exaustos, dormiram os três sobre o tapete do quarto. Na manhã seguinte tomaram café juntos e ficaram esperando a governanta. Cíntia e Fernando queriam saber por que a governanta não podia ser Ana, a baby-sitter que costumava tomar conta deles.

— Porque Ana estuda na universidade e não pode cuidar de vocês o tempo todo, mas prometo que nas folgas da governanta chamo Ana para ficar com vocês.

O porteiro interfonou avisando que a srta. Isabela havia chegado.

O trabalho de localização dos pacientes de Camila Bruno foi facilitado pelo fato de equipes de duas delegacias estarem empenhadas nas investigações e de os delegados dessas delegacias estarem cooperando um com o outro. Mesmo assim, duas pacientes e um paciente não haviam sido localizados. Deles, os policiais dispunham apenas dos prenomes. Nenhuma descrição, nenhuma anotação de cheque ou de conta bancária, nada que possibilitasse uma identificação. Camila tinha o hábito de anotar na agenda, no final de cada mês, ao lado do nome dos pacientes, a quantia paga e um sinal indicando se o pagamento fora feito em cheque ou em dinheiro. Os três não localizados pagavam sempre em dinheiro. Pelo jeito, eles só seriam localizados caso se apresentassem espontaneamente à polícia. Mas por que fariam isso? Quanto ao viúvo, Aldo Bruno, e sua sócia, Mercedes, não exibiram nenhum comportamento suspeito no primeiro dia de campanha. Enquanto isso, o cruzamento da ficha hospitalar dos amputados com a ficha policial das ocorrências já passara por várias peneiras, e os detetives encarregados da tarefa haviam chegado a um número viável de casos a serem examinados.

Duas coisas ocupavam especialmente o foco da atenção de Espinosa. A primeira era a convicção de que as duas mortes estavam relacionadas; a segunda era por que razão Camila Bruno fora encontrada inteiramente nua no seu consultório.

Claro que a segunda questão apresentava um grau de objetividade muito maior do que a primeira. Ela de fato fora encontrada nua no divã do consultório, a dúvida era se ela própria se desnudara ou se fora desnudada por alguém. Uma segunda pergunta decorrente dessa era: ela fora desnudada antes ou depois de morta? Se fora desnudada depois de morta, qual a intenção do criminoso? Seria um tipo de exibicionismo post-mortem? Não há limite para a perversão sexual, pensou Espinosa.

Era de noite, e Espinosa deixava a imaginação correr livremente. De vez em quando estancava o fluxo e se detinha em um aspecto. Naquele momento não estava preocupado com o rigor lógico das suas idéias, até mesmo porque tinha sérias dúvidas se alguma vez na vida suas idéias haviam obedecido a algum rigor lógico; o que estava

fazendo era destampar o poço que dava acesso à loucura e deixar os monstros virem à tona. Alguns desses monstros ele mandava de volta para o poço, eram monstros já conhecidos, em geral já supostamente domados, outros examinava com mais cuidado. E aquela era uma situação na qual o recurso à loucura poderia ser tão eficaz quanto o recurso à razão.

Era evidente que o assassino tivera a intenção de exibir o corpo nu de Camila. Uma exibição arrumada com o intuito de mostrar o corpo em serena beleza, sem marcas de violência, sem mesmo ter sido usado sexualmente. O assassino montara uma cena perversa da Bela Adormecida. A questão era: para quem a cena fora montada? Para a polícia? Para o marido? Para os pacientes da doutora? O indício de que se tratava de uma cena a ser exibida e vista era a ausência de ato sexual (ou pelo menos de penetração sexual). E agora? Qual o efeito esperado pelo assassino? Que um príncipe ao beijá-la traria a bela Camila de volta à vida? Ou a solução do enigma teria que esperar cem anos, como na história da Bela Adormecida?

A cena poderia sugerir, pensou ainda Espinosa, que a nudez de Camila estaria disponível sem o emprego de violência física. A idéia não era inteiramente boa, a droga ministrada para ela dormir era uma forma de violência física. A não ser que o assassino estivesse interessado apenas no aspecto estético da cena, deixando de lado o aspecto ético. Mas que diabo de sugestão seria essa? Que a dra. Camila se desnudava para qualquer um? Idéia maluca. Ele próprio, Espinosa, estivera duas vezes com a doutora naquele consultório sem que houvesse a mais longínqua insinuação de qualquer comportamento estranho à sua condição de terapeuta e mulher do dr. Aldo Bruno. Então qual o objetivo da cena? Conspurar a imagem de Camila? Ou não teria nenhum outro objetivo além de mostrar que a dra. Camila deitava nua no divã? Sozinha? Não, é claro, continuou divagando Espinosa, não se trata de suicídio. Pelo menos com uma pessoa ela ficara nua naquele consultório. Provavelmente essa mesma pessoa a matara.

Ultimamente vinha acontecendo repetidamente de Espinosa sentar-se à cadeira de balanço para ler, à noite, e ser tomado por

devaneios intermináveis. Olhou para a mesinha ao lado e lá estavam os três livros comprados quando da primeira visita ao consultório de Camila. Pegou os três, leu a orelha de cada um e pegou o que estava em primeiro lugar na pilha.

Os três dias que se seguiram foram dedicados à identificação e localização dos pacientes de Camila Bruno. Espinosa achava difícil que um ex-paciente de dois ou três anos antes esperasse tanto tempo para reaparecer e matar a dra. Camila. Não havia nenhuma marcação extra na agenda, o que sugeria que o assassino aparecera de surpresa. Ramiro e Welber concentraram-se, então, nos pacientes atuais. Ficaram também atentos a Aldo e Mercedes devido à proximidade que Espinosa percebera haver entre eles. Isso perfazia um total de dez pessoas.

Quanto ao cruzamento das fichas, na tentativa de estabelecer a identidade do sem-teto, estava próximo do fim. O número de casos fora bastante reduzido, agora era uma questão de passar o pente-fino nos restantes.

Esse era o estado geral das duas investigações na tarde de sexta-feira, que Espinosa considerou tranquilo o bastante para telefonar para Irene chamando-a para um fim de semana juntos... “no meu apartamento ou no seu, como você preferir”.

— Você sabe que eu sempre prefiro o seu — disse ela —, podemos fazer mais bagunça.

Quando estavam tomando café no sábado de manhã, Espinosa expôs a ela seus mais importantes planos referentes ao apartamento, o que incluía desde a construção de uma estante de madeira para os livros até o conserto da torradeira e a fixação dos tacos soltos.

— Você não incluiu a caça às formiguinhas.

— Já foram dizimadas... ou expulsas, não estou bem certo.

— Você acha possível levar a sério isso que você está chamando de problemas?

— Mas são problemas!

— Claro, amor, mas se você aceitar um objeto alienígena aqui dentro, eu lhe darei de presente a melhor torradeira que encontrar nas lojas.

— Contanto que você deixe a torradeira velha ficar aqui também. Você sabe... posso sentir falta dela...

— Você ama essa torradeira velha e quebrada mais do que me ama.

— Mas é claro!

Irene passou a mão na torradeira e levantou-se da mesa. Espinosa sentiu um frio na barriga imaginando aonde ela ia atirar a máquina.

— Irene, o que você vai...

Irene entrou no quarto... Espinosa foi atrás... A torradeira estava em cima da cama.

— Agora vamos fazer o seguinte. Você trepa com a torradeira e me diz se foi melhor do que comigo. Se quiser, eu ligo ela na tomada.

Isso foi dito por uma Irene inteiramente nua, de pé ao lado da cama, apontando para a torradeira. Espinosa entrou no quarto, pegou Irene no colo e saiu em direção à sala.

— Espinosa! O que você vai fazer?

— Já que você botou a torradeira na cama, vou botar você em cima da mesa... E nem precisa ligar na tomada.

Eram duas horas da tarde e estavam escolhendo um lugar agradável para almoçar quando tocou o telefone. Espinosa atendeu com displicência, sem pensar em quem estaria ligando àquela hora, num sábado.

— Delegado, é Welber.

— O que aconteceu?

— Aldo e Mercedes entraram ontem às dez e quinze da noite num apartamento em Copacabana e saíram agora, abraçados; desfizeram o abraço assim que chegaram à rua. É um prédio residencial, pequeno, numa rua interna de Copacabana. Não é o endereço dela. Tirei uma foto dos dois saindo do prédio. Ficou boa.

— Bom trabalho. Podem ir para casa.

Aldo não se sentia bem andando por Copacabana em uma tarde de sábado na companhia de uma mulher como Mercedes, que chamava a atenção de homens e mulheres. Preferia não ter saído com ela naquela noite. Achava cedo. Menos de duas semanas. E agora ali estava, caminhando de braço dado com aquela mulher linda e jovem... vinte anos mais nova que ele... em plena luz do dia, na avenida mais movimentada de Copacabana. Podia pelo menos fazer a coisa de uma forma menos ostensiva. A questão era que Mercedes acabava sempre por convencê-lo de que não havia nada de mais, que ele não estava ofendendo a memória da ex-mulher, que não era um ato contra Camila (mesmo porque ela havia morrido) ou contra a memória de Camila, mas um ato a favor dela, Mercedes, que nada tinha a ver com Camila, que nem a conhecia pessoalmente... E a verdade era que a noite tinha sido maravilhosa, Mercedes era jovem, muito bonita, decidida, e sem dúvida o estava ajudando a sair do buraco da depressão. Claro que tinha de pensar nos filhos. Cíntia e Fernando nunca tinham visto Mercedes, não sabiam como ela era. Mas Aldo achava que era uma questão de tempo para algum merda ressentido fazer chegar a eles a história de que o pai estava namorando outra mulher. Algum amigo ou mesmo algum parente de Camila podia surpreendê-los àquela hora da tarde em Copacabana. Isso não seria bom. E pegaria muito mal se chegasse aos ouvidos do delegado Espinosa, cujo grande prazer nas últimas semanas consistira em procurá-lo para pequenas conversas aparentemente inocentes. Aparentemente. Na verdade devia ser um fracassado na vida, que se satisfazia com o pequeno exercício de poder que o cargo lhe conferia, e que sempre que havia oportunidade invadia a privacidade das pessoas e as ameaçava. Não seria nada bom que o delegado Espinosa viesse a saber do seu caso com Mercedes. Aliás, nem estava certo de se tratar de um caso. Ela certamente pensava diferente. Por mais de uma vez dissera que quando Luíza voltasse da viagem eles teriam de providenciar um lugar que fosse deles, e não algo emprestado, provisório. Mercedes queria uma coisa definitiva... Se não era provisório, era definitivo... O que ela estava pretendendo? Que eles se

casassem? Insinuação apressada, sem dúvida. Apressada e pretensiosa. Afinal de contas, em nenhum momento ele sugerira que isso pudesse acontecer. Claro que se sentia prestigiado e orgulhoso, afinal Mercedes era uma mulher como poucas, mas isso não significava que podia tudo.

— Em que você tanto pensa? — perguntou Mercedes segurando seu braço.

— Nada de importante.

— Mas a ruga no meio da sua testa mostra o contrário. Não se esqueça de que você tem todo o direito de ter prazer e de ser feliz.

— Eu sei que tenho.

— Então? O que está te impedindo? O passado?

— O passado ainda é presente, Mercedes.

— É a presença das crianças que te preocupa?

— Claro que elas me preocupam. Perder a mãe aos dez anos de idade é algo terrível.

— Se você quiser, posso sair com elas para distraí-las.

— Obrigado, mas não é necessário. Consegui uma espécie de governanta para elas. Chama-se Isabela. Parece uma boa moça e competente. Estão passando o primeiro fim de semana juntos. Tomara que dê certo.

— Ela é bonita?

— Ora, Mercedes, que pergunta. Ela é uma menina.

— Que idade ela tem?

— ...

— Vinte? Vinte e cinco?

— Desculpe, Mercedes, me esqueço que você também tem menos de trinta. Sim, ela é bonita. Mas está longe de poder ser comparada a você. Ela é apenas bonita, você é muito mais do que isso.

— O que mais eu sou?

— Sensual, charmosa, inteligente, compreensiva, decidida, eficiente.

— Parece que você está descrevendo uma executiva, só falta dizer que eu falo inglês, francês e espanhol.

— O que você queria que eu dissesse?

— Não é o que eu gostaria que você dissesse. É o que você gostaria de dizer.

— Eu gostaria de dizer que você é um tesão.

— Podia ter começado por aí: tesuda, bonita, sensual etc. etc.

O prédio ficava na Leopoldo Miguez, uma pequena rua paralela à avenida Copacabana, discreta e pouco movimentada, mas a apenas uma quadra das duas ruas de maior movimento do bairro. Mercedes estava claramente orgulhosa da primeira noite que os dois haviam passado juntos. Conseguira produzir uma metamorfose em Aldo, fazendo-o passar da melancolia à mania... pelo menos no plano sexual. Havendo tempo, tudo é possível. Uma coisa eram aqueles encontros rápidos no final da tarde, pequenas trepadas com um toque de aventura, outra coisa era uma noite inteira, sem hora de voltar correndo para casa, noite que poderia entrar pelo dia seguinte sem limite físico ou temporal. Estava contente pelo êxito do arranjo que conseguira fazer. Dependia exclusivamente dela a transformação do arranjo em algo permanente.

Aldo caminhava preocupado com as pessoas em volta. Mais alguns passos e desembocariam na avenida Copacabana, e lá seria impossível andar uma ou duas quadras sem encontrar algum conhecido, seu ou de Camila ou mesmo dos dois. Mercedes não parecia dar a mínima importância a isso, tinha a liberdade e a ousadia dos jovens, de quem ainda não estabelecera laços definitivos, coisa surpreendente em se tratando de mulher tão bonita. Quando chegaram à esquina, Aldo deu um jeito de desfazer os braços dados e passaram a caminhar um ao lado do outro como dois colegas de trabalho. Mercedes absorveu o golpe. A partir daquele ponto, os caminhos eram opostos: Mercedes iria para a esquerda, e Aldo para a direita, na direção de Ipanema... A menos que continuassem juntos em qualquer direção que fosse, como

ela esperava que acontecesse. Mas não aconteceu. Aldo alegou a necessidade de estar com os filhos naquele primeiro fim de semana sem a mãe. Fez sinal para um táxi e se ofereceu para deixar Mercedes em casa, mas ela não aceitou.

Aldo pensou que poderia almoçar com os filhos e, agora, também com Isabela. A governanta era filha de pais italianos, do norte da Itália, e com seu cabelo louro e os olhos azuis mais parecia alemã que italiana. Aldo ficou feliz quando entrou em casa e ouviu os filhos rindo de algo que ela havia dito. Isabela era suave e alegre, combinação de temperamento perfeita para o que ele achava que os filhos precisavam no momento. Não sabia dizer como ficaria a situação com o passar do tempo. A governanta lhe parecera a solução mais adequada para os primeiros meses após a morte de Camila, mas não sabia se era a melhor solução a longo prazo. Admitia a possibilidade de vir a casar-se novamente, não se imaginava vivendo sozinho até o fim da vida, e admitia também a possibilidade de sua futura mulher ter uma relação boa com as crianças a ponto de poderem prescindir da governanta, fosse Isabela ou qualquer outra. A idéia de essa futura mulher vir a ser Mercedes era sedutora mas inquietante, sobretudo por ser uma relação que sofrera uma transformação — de profissional para amorosa —, mas também por essa transformação ter-se dado antes da morte de Camila. Uma coisa era a amante ocasional, outra coisa a mulher que ocuparia o lugar antes ocupado por Camila. O lugar era simbolicamente o mesmo, mas as pessoas eram muito diferentes, não havia substituição possível.

Isabela passou a ocupar o quarto ao lado do das crianças, cujo destino original era funcionar como escritório e quarto de hóspedes e que nunca chegara a ser nem uma coisa nem outra. Pela primeira vez teria uma ocupação efetiva. Quanto a ele próprio, continuaria no quarto do casal, dormindo na cama em que durante dez anos dormira com Camila.

A manhã de segunda-feira começou com calor e chuva, mas com notícias animadoras. Espinosa foi recebido no seu gabinete da 12^a DP com uma fotografia, em cima de sua mesa, de Aldo e Mercedes saindo abraçados de um prédio. A foto, tirada com teleobjetiva de

dentro de um carro estacionado na calçada oposta, mostrava com nitidez o rosto de ambos. A outra notícia era a de que um dos informantes encarregados de localizar Joca, o ex-empregado do clube e amigo de Magro, descobrira seu paradeiro. Joca estava trabalhando como faxineiro em um prédio em Ipanema e dormia no emprego, razão pela qual não era mais visto na favela do Pavão-Pavãozinho.

— Que medida vamos tomar com relação a Aldo e Mercedes? — perguntou Welber. — Nem ela nem ele infringiram o código penal ao passar a noite juntos. Eu diria que eles no máximo foram precipitados. Moralmente falando, é claro.

— A questão é: foram precipitados ou antecipados?

— O senhor acha que eles já estavam transando antes da morte da doutora?

— Penso que sim.

— E o senhor pensa também que eles seriam capazes de...

— Penso que seria um ato absurdo e inteiramente desnecessário.

— Mas não impossível — acrescentou Ramiro. — Então, o que vamos fazer?

— Investigar os passos do casal no dia do crime, apesar de eu achar que, se eles já eram amantes antes da morte de Camila, não havia por que matá-la. Vamos refazer cada passo dado por ele naquela tarde. Mas antes quero que vocês dois vão até o prédio onde Joca é faxineiro e mostrem a ele a foto de Magro que fizemos no computador. Se a identificação for positiva, colham o máximo de informação possível sobre a vítima. Isso vocês podem fazer agora de manhã. Na parte da tarde, pretendo conversar com Aldo Bruno.

2

Eram dez e quinze quando Espinosa chegou ao escritório de Aldo Bruno. Soube pelo porteiro que os quatro haviam chegado antes das dez, com poucos minutos de intervalo entre si. Espinosa não avisou que ia subir, assim como não telefonara avisando que viria. Como da vez anterior, foi Mercedes quem o recebeu à porta.

— Delegado!

— Sei que não é a melhor das surpresas numa manhã de segunda-feira, doutora Mercedes, mas é o meu trabalho. Quase sempre desagrado.

— O que o senhor deseja, delegado?

— Entrar, se a senhora me convidar... Em seguida, falar com doutor Aldo... Se ele puder me receber.

— Entre, por favor. Vou avisar que o senhor está aqui.

A porta da sala de Aldo estava fechada e Espinosa não viu os dois estagiários, o que o levou a supor que estavam todos em reunião quando ele tocara a campainha. Saíram Mercedes e os estagiários e Aldo surgiu na porta da sala convidando Espinosa a entrar.

— Bom dia, delegado. O que temos desta vez?

— O de sempre, doutor Aldo, detalhes. Vivemos à cata de detalhes. Já lhe disse que o nosso trabalho não consiste apenas em descobrir criminosos, mas também em evitar que inocentes sejam injustamente acusados.

— É bom ouvir isso, delegado.

— Acontece que essa parte pode ser tão desagradável e cansativa quanto a de procurar culpados. Principalmente quando o investigado

tem o nome ligado a dois homicídios. Peço, portanto, que o senhor tenha paciência comigo.

— Na verdade, não tenho o nome ligado a dois homicídios. Apenas encontrei as vítimas, uma delas minha própria mulher.

— Por isso digo que seu nome está ligado a essas mortes. Não falei de que maneira ele está ligado.

— Muito bem, delegado, como posso ajudá-lo?

— Me dizendo detalhadamente o que fez na tarde em que sua esposa foi morta.

Aldo mudou de postura. O corpo enrijeceu, o maxilar se contraiu, a voz baixou um tom e o ritmo da fala tornou-se mais lento, mais cuidadoso.

— Detalhadamente?

— Se possível. Podemos começar, por exemplo, com a saída para o almoço.

— Muito bem. Saí por volta de uma hora da tarde e almocei no restaurante japonês que fica nesta mesma quadra.

— Sozinho?

— Sim. Meus colegas haviam ido mais cedo. Raramente saímos todos de uma vez. Retornei antes das duas, e só voltei a sair às cinco e meia, mais ou menos.

— Essa é a hora que o senhor costuma voltar para casa?

— Geralmente volto um pouco mais tarde, mas naquele dia eu queria passar numa loja em Ipanema para comprar roupa.

— Que tipo de roupa?

— Camisetas e camisas de manga curta... para o verão.

— O senhor sabe o nome da loja e guardou as notas de compra?

— O nome da loja certamente, é onde sempre compro roupa, mas as notas de compra eu joguei fora, não tenho o hábito de guardá-las. Saí da loja por volta das sete e fui para casa. Fiz tudo isso a pé. Sempre que possível, vou para o escritório e volto para casa a pé. São três quilômetros para ir e três para voltar, é meu jeito de fazer

exercício. E também, sempre que possível, procuro chegar bem antes do jantar para poder ficar um pouco com as crianças.

— Da loja o senhor foi direto para casa?

— Fui. É muito perto.

— E não saiu mais?

— Não até ir ao consultório de Camila, preocupado com o atraso e a ausência de notícias.

— A que horas foi isso?

— Nove horas, como já disse da outra vez. Eu sabia que a porta do consultório abre pelo lado de fora. Se não estiver trancada à chave, é claro. Experimentei a maçaneta e a porta se abriu. Antes da sala de atendimento há uma saleta que serve de vestíbulo. A porta que dava para a sala dela estava fechada. Quando abri, tive a visão completa da cena... E tive a certeza imediata de que Camila estava morta.

— Por que essa certeza? O senhor verificou se ela estava respirando, se tinha pulso?

— Delegado, quando a toquei, o corpo estava frio. Não havia nenhum sinal de vida. A morte é evidente.

— Obrigado, doutor Aldo. Gostaria de falar com a doutora Mercedes.

— Mercedes? Sim... claro... Ela está na sala ao lado.

Mercedes ocupava uma mesa na sala maior, onde trabalhavam também os dois estagiários. Quando Espinosa se aproximou, ela se ergueu como se esperasse ser convocada para uma conversa.

— Há algum outro lugar onde possamos conversar sem que nos ouçam? — perguntou Espinosa.

— Sim. Temos uma outra sala, utilizada quando precisamos de mais arquitetos ou estagiários.

A sala, na verdade um quarto, dava para a área interna do prédio, mas era ampla e agradável. Havia uma mesa redonda com várias

cadeiras, onde os dois se sentaram. Mercedes assumira uma atitude defensiva, visível na economia de gestos e no seu silêncio.

— Antes de começarmos, uma pergunta: a senhora conhecia a doutora Camila?

— Não. Desde que comecei a trabalhar aqui, acho que ela nunca esteve no escritório.

— Creio que para todos vocês, e não apenas para doutor Aldo, o dia da morte da doutora Camila ficou fortemente marcado. Aconteceu no final da tarde, na terça-feira retrasada. Gostaria que a senhora me relatasse o mais detalhadamente possível todos os seus passos naquela mesma tarde.

— Posso saber por quê?

— Porque eu preciso saber.

— Está bem. A partir de que horas?

— A partir da hora do almoço.

— Saímos para almoçar ao meio-dia...

— Desculpe. Saímos quem?

— Eu, Rafaela e Henrique.

Espinosa assentiu com um movimento de cabeça e fez um gesto para ela prosseguir.

— Fomos a um restaurante self-service perto daqui. Antes da uma hora já estávamos de volta. Aldo esperava a nossa volta para poder sair.

— Por que ele não foi com vocês?

— Para não deixar o escritório vazio. Estamos com duas obras em andamento e recebemos telefonemas de lojas de material de construção, firmas contratadas, mestres-de-obra... E não temos secretária... Foi uma opção nossa.

— Continue, por favor.

— Saí às quatro e meia para ir à análise.

— A senhora tem como confirmar isso?

— Claro.

— Em que bairro fica o consultório do seu analista?

— Aqui mesmo, em Copacabana.

— Depois da análise, a senhora foi para onde?

— Fui para casa. Moro em Copacabana. Quase toda a minha vida se passa no bairro.

— Não saiu mais de casa?

— Não.

— Alguém pode atestar isso?

— Creio que não... Talvez o porteiro do prédio onde moro.

— Quando a senhora soube da morte da doutora Camila?

— No dia seguinte, quando cheguei ao escritório, Rafaela e Henrique me contaram, mas não sabiam que ela tinha sido assassinada. Só soubemos à tarde, quando falamos com Aldo por telefone.

— Obrigado, doutora. Talvez ainda precisemos falar com a senhora.

— Posso fazer uma pergunta, delegado?

— Pois não.

— Por que eu?

— Como assim?

— Somos três pessoas no escritório, além de Aldo. Por que somente eu sou interrogada?

— Porque os outros dois não dormem com doutor Aldo.

Assim que Espinosa entrou no elevador, Mercedes correu para contar a Aldo o comentário final do delegado. Estava um pouco nervosa e assustada. Aldo fez com que ela reproduzisse toda a conversa, o que ela fez quase que sem esquecer nada.

— Eu disse que estávamos sendo precipitados — falou Aldo, assim que acabou de ouvir o relato de Mercedes.

— Precipitados em relação a quê? Por acaso já não estávamos transando antes da morte de Camila? E, mesmo que não estivéssemos, o fato de um homem ficar viúvo implica nunca mais trepar? Mas, acima de tudo, o que tem a polícia a ver com o fato de termos passado a noite juntos? Isso agora é proibido?

Mercedes passara do nervosismo e do susto para a indignação furiosa.

— Que país é este, em que um homem e uma mulher não podem passar uma noite juntos? Trata-se de uma proibição legal ou religiosa?

— Nem legal nem religiosa, Mercedes, é uma questão moral.

— Moral?! Que merda de moral é essa que permite que o marido traia a mulher quando ela está viva, mas não permite que ele traia depois de ela estar morta? Inventaram uma traição in memoriam? Você por acaso deu uma bacanal em comemoração à morte de sua mulher?! Estávamos numa orgia dez dias depois de ela morrer?

— Foi cedo demais, Mercedes.

— Cedo? Me diga qual o período de abstinência que a moral estipula.

— É uma questão de sentimento... e bom senso...

— Sentimento e bom senso? Quando trepamos aqui mesmo no escritório, dentro desta sala, e quando trepamos alegremente no apartamento da minha amiga, não havia sentimento nem bom senso? Não foi cedo nem tarde, Aldo, foi na hora em que decidimos que deveria ser... Foi quando nosso desejo estabeleceu que era a hora. Essa é a lei. Essa é a moral.

A chuva do início da manhã cessara e o tempo estava suavemente nublado, com temperatura elevada. Espinosa pensou que teria de esperar ainda alguns meses até o clima ficar um pouco menos amazônico. Vinte graus é uma temperatura civilizada. Não precisa ser menos do que isso: apenas o suficiente para não se ficar suando pelo simples fato de subir alguns degraus ou de andar até a esquina. E agora, saindo do prédio do escritório de Aldo, pensava se voltava a pé para a delegacia ou se pegava um ônibus com ar condicionado.

Como não estava fazendo sol, decidiu andar pela avenida Atlântica. A paisagem é bonita com sol ou com chuva. Enquanto caminhava pelo calçadão, imaginava Mercedes e Aldo confabulando sobre seu comentário. Nada como dar uma agitada na água para levantar a lama do fundo, pensou. Em lugar de ir direto para a delegacia, foi para a trattoria onde costumava almoçar. Chegou no momento em que os freqüentadores habituais ocupavam as mesas. Conseguiu pegar uma das últimas disponíveis. Também por hábito, costumava seguir a sugestão do proprietário.

Ramiro e Welber voltaram satisfeitos do encontro com o faxineiro Joca. O reconhecimento com base na foto de Magro fora positivo, e, no momento em que Espinosa voltou do almoço, os dois estavam reunidos com os detetives encarregados das fichas médica e policial dos amputados, comparando os dados obtidos com o faxineiro e os que constavam das fichas.

— Delegado, já encontramos a ficha médica referente à cirurgia e ao acompanhamento do caso. Não há ficha policial. A amputação não foi decorrente de acidente com registro policial, mas de uma gangrena. A vítima não tinha ficha policial. A cirurgia foi feita quando ele tinha trinta anos de idade. Morava em Maricá, na Região dos Lagos, e nunca viera ao Rio antes de ser submetido à cirurgia. Ficou no Rio durante algum tempo, depois que teve alta. Morou temporariamente num barraco da favela Pavão-Pavãozinho, mas não conseguiu pagar o aluguel do quarto e voltou para Maricá, onde moram a mulher e os filhos. Desde que se submeteu à cirurgia de amputação, passou a usar a ficha de inscrição no hospital para outros atendimentos médicos. Nunca foi propriamente um morador de rua, ou melhor, era um morador de rua apenas nos períodos que passava no Rio em busca de trabalho e assistência médico-hospitalar.

— Vocês anotaram o endereço em Maricá?

— Anotamos.

— Mandem um telegrama comunicando a morte dele. Digam que, se algum familiar quiser informações sobre as circunstâncias da morte,

pode nos procurar aqui na delegacia. Comuniquem também à delegacia de Maricá. A propósito, como era o nome dele?

— Elias do Nascimento.

— Mais uma coisa, delegado. Conseguimos fotos de quase todos os pacientes da doutora Camila. Ficaram faltando apenas as duas mulheres, que não localizamos. São fotos digitais, enviamos o conjunto delas para o seu computador, e deixamos em cima de sua mesa cópias impressas, se o senhor quiser usar.

— Muito bom. Vamos mostrar as fotos aos porteiros e ascensoristas do prédio do consultório da doutora Camila. E agora que sabemos a verdadeira identidade de Magro, vamos ver se botamos um ponto final nesse pequeno histórico de sua vida, descobrindo quem o matou.

Espinosa estava convencido de que a nudez de Camila Bruno era a chave da decifração do porquê do seu assassinato e o signo que revelaria a identidade do criminoso, assim como estava convencido de que o assassino de Camila era uma pessoa sua conhecida. Daí a importância das fotos. Pacientes de médicos aparecem uma ou duas vezes por ano para consulta, mas os de psicoterapeutas aparecem regularmente uma, duas ou três vezes por semana, e acabam conhecidos dos porteiros e ascensoristas. Aldo dissera ter estado no consultório não mais de duas vezes nos últimos anos. Certamente era desconhecido dos empregados do prédio e dos consultórios vizinhos.

O restante do dia no escritório foi difícil e desagradável para Aldo. Mercedes recolhera-se à sua mesa, recusando-se a falar com ele até quando o assunto dizia respeito a trabalho. Os dois estagiários, Rafaela e Henrique, perceberam que algo de grave acontecera, mas não faziam idéia do que era. Sabiam apenas que tinha a ver com a visita do delegado. Não queriam perguntar nada a Mercedes porque o estado de ânimo da arquiteta estava insuportável, e não se atreviam a perguntar a Aldo Bruno. Excetuando-se os avisos de que estavam saindo para almoçar, nenhum dos quatro falou praticamente nada até o final da tarde, quando todos foram embora.

Aldo foi o último a sair, e, como vinha fazendo ultimamente, iniciou a caminhada a pé em direção a sua casa. Não tinha andado meia quadra quando sentiu alguém caminhando ao seu lado. Era Mercedes. No início, ela não falou nada, e continuou em silêncio até completarem a quadra. Aldo não estava entendendo. Se ela o esperara para caminhar ao seu lado era porque queria dizer-lhe algo. Estava mais do que claro que seu objetivo não era uma caminhada silenciosa lado a lado por Ipanema. Atravessaram a rua, e quando chegaram à outra quadra Aldo rompeu o silêncio.

— O que você está pretendendo com essa encenação?

— Ouvir você dizer alguma coisa melhor do que essa pergunta que acabou de fazer. Hoje de manhã eu é que falei o tempo todo. Agora é a sua vez.

— E por que você acha que tenho que dizer alguma coisa?

— E não tem? O que você perdeu? A voz ou a inteligência?

— Não tenho que te dar satisfação.

— Ah, não? Era assim que você fazia com sua mulher? Sexo sem conversa? Ou será que era conversa sem sexo?

Aldo virou-se e segurou-a pelo ombro como se fosse agredi-la. Mercedes se desvencilhou e completou:

— Certamente nem sexo nem conversa.

Deu meia-volta, deixando-o sozinho.

— Quando você quiser as duas coisas comigo, e por um tempo mais longo do que o de uma rapidinha, me procure. Estou me desligando neste instante do escritório. Adeus.

Aldo continuou a caminhada, agora mais lentamente, como se aquelas duas quadras tivessem concentrado todo o percurso na sua curta duração. Sentia-se cansado para continuar, e não tinha vontade de pegar um táxi. Entrou num bar para tomar um café enquanto deixava a emoção — que não sabia dizer se era amor ou ódio — abrandar. A causa imediata do que estava acontecendo não era o que ele fizera ou deixara de fazer, mas a ação constante do delegado Espinosa e dos seus assistentes. Obviamente eles haviam vigiado seus

passos e os de Mercedes vinte e quatro horas por dia, para depois aparecer no escritório com perguntas vagas e traiçoeiras. Não havia dúvida de que o delegado Espinosa tinha o poder de perturbar-lhe a paz, e tudo indicava que estava fazendo o mesmo com Mercedes. O delegado parecia não ter pressa, seria capaz de ficar naquele jogo o tempo necessário para levá-lo ao desespero. Mas ele não se desesperaria. Se aquele era o jogo que o delegado queria jogar, ele jogaria. Daquele momento em diante seria o mais econômico possível nas respostas, diria o mínimo, talvez nem dissesse nada. A atividade do delegado Espinosa se extinguiria quando não fosse mais alimentada com palavras.

Demorou quase o dobro do tempo para fazer o percurso do escritório até sua casa. As pernas estavam doloridas, talvez uma mistura de tensão e cansaço, pensou. Falou com os filhos e com Isabela, ficou um pouco no quarto e foi para a sala preparar um uísque. Estava precisando de uma dose para relaxar. Tomou mais uma, e depois mais outra. A empregada anunciou que o jantar estava servido. Mesmo com o jantar, o efeito da bebida foi sentido. Para além do relaxamento, vieram as várias cenas do delegado Espinosa fazendo perguntas sobre as mortes de Nilson e Camila. Tentou mais uma dose, e o efeito foi de cansaço extremo e sono. Dormiu no sofá da sala e só acordou de madrugada, quase com o nascer do sol, sentindo-se mal, enjoado, com vontade de vomitar e uma enorme dor de cabeça. Impossível deitar. Tomou uma aspirina e ficou sentado até amanhecer por completo. Somente então cochilou um pouco, sentado. Foi acordado pelas crianças, assustadas por encontrarem o pai vestido com a roupa da véspera, sentado na sala, visivelmente abatido. Isabela perguntou se ele não estava se sentindo bem e se precisava de ajuda. Respondeu que precisava apenas lavar o rosto e que tomaria o café-da-manhã com eles.

Mesmo depois do café e do banho prolongado, o mal-estar da véspera persistia. Não era apenas um mal-estar físico, era também o sentimento de ser invadido por uma espécie de idéia-virus que se multiplicava e se fortalecia a cada dia e que provocava nele uma enorme sensação de desamparo.

Saiu para trabalhar pensando se Mercedes levaria a sério a decisão de se desligar do escritório... e, naturalmente, dele. Apesar de impulsiva e possessiva como amante, era uma profissional competente. Sentiria falta das duas. Foi de táxi. Tinha pressa. A primeira coisa que fez ao chegar ao escritório foi examinar a mesa de Mercedes para ver se ela retirara seus pertences. Nada havia sobre a mesa que fosse pessoal dela, e as gavetas estavam trancadas. Se tivesse ido embora, não teria trancado as gavetas... a menos que tivesse deixado a chave com Rafaela ou Henrique... Ou na portaria: seria mais impessoal ainda. Procurou na sua sala alguma carta que ela tivesse deixado ou mesmo as chaves, mas nada. O único indício de sua retirada era a ausência de objetos pessoais visíveis, e mesmo assim não era um indício confiável, porque os objetos podiam estar nas gavetas. Teria de esperar para ver. E esperou inutilmente até o anoitecer.

Mercedes tomara a decisão de não aparecer no escritório naquele dia, e dependendo da reação de Aldo — que ela saberia através de Rafaela e Henrique — tampouco apareceria nos próximos dias. Queria que Aldo sentisse sua falta para depois insinuar um possível retorno. Aldo não era homem que suportasse viver sem uma mulher ao lado, uma mulher capaz de segurar suas crises emocionais. Sabia disso pelo contato diário com ele desde que entrara para o escritório, e também pelos comentários sobre sua história pessoal feitos a contagotas nos almoços e nos momentos de maior descontração no escritório e, ultimamente, na cama. Dentre os comentários feitos, boa parte dizia respeito ao período de sua vida imediatamente anterior ao casamento, salientando o quanto Camila o ajudara profissional e emocionalmente, injetando-lhe ânimo e confiança. Agora estava sem Camila, não tinha nenhum amigo próximo capaz de ajudá-lo, não era religioso e estava ameaçado de perder a única fonte de alimento corporal e de suporte emocional de que dispunha — ambos, aliás, de primeiríssima qualidade: Mercedes. Era terça-feira, podia pegar um ônibus à noite para São Paulo e chegar quarta bem cedo à rodoviária, ainda a tempo de tomar o café-da-manhã na Vila Madalena, na casa de uma amiga, ex-colega de faculdade. Já fizera isso outras vezes.

Julia morava sozinha numa casa pequena, mas grande o bastante para abrigá-la até o final da semana.

3

Quarta-feira. Espinosa tomava o café-da-manhã pensando na visita que faria aos arquitetos Aldo e Mercedes. Talvez a última. Estava na hora de passar da fase das visitas para a dos depoimentos colhidos na delegacia. Mudança drástica de cenário e procedimento. Até então, limitara-se ao que chamava de verificações preliminares, mas daquele ponto em diante passaria para a fase dos depoimentos e, se necessário, das acareações. A vantagem das visitas informais era que dispensavam aviso prévio e a presença de advogados; eram uma forma amistosa de colher informações, daí o nome visita para um procedimento que na verdade era uma forma de investigação. Naturalmente a pessoa podia recusar-se a ser entrevistada pela polícia na sua casa ou no seu escritório sem a presença de um advogado, mas em geral todos tendiam a ver esses contatos como uma espécie de visita que o policial fazia com o intuito de colher informações. O interrogatório feito na delegacia policial era mais intimidador para o interrogado, mas em compensação tinha de obedecer a certos limites claramente estabelecidos; a conversa informal durante as visitas, por sua vez, era relaxada, nada intimidadora e permitia ao investigador percorrer caminhos muito próprios e não usuais, a fim de atingir o objetivo desejado, e isso sem nenhuma ilegalidade.

Daí Espinosa ter preferido, ainda daquela vez, fazer uma visita a Aldo e Mercedes em lugar de chamá-los para depor na delegacia. Como sempre, chegou sem avisar. Estranhou não ser Mercedes a abrir a porta. Henrique, um pouco atrapalhado e sem saber se convidava o delegado a entrar ou se primeiro perguntava ao dr. Aldo, acabou afastando-se do caminho para que ele entrasse.

— Bom dia, delegado.

— Bom dia, Henrique. É esse o seu nome, não é?

— É sim... Um momento, por favor, vou avisar ao doutor Aldo que o senhor está aqui.

Espinosa olhou em volta e viu apenas Rafaela, a outra estagiária. A porta da sala de Aldo Bruno estava aberta, e ele escutou apenas as vozes de Henrique e Aldo. Nenhum sinal de Mercedes. Eram dez da manhã. Aldo surgiu, acompanhado do estagiário.

— Bom dia, delegado.

— Bom dia, doutor Aldo. Desculpe não ter telefonado avisando.

— Nenhum problema. Vamos entrar.

Foram para a sala do arquiteto e fecharam a porta ao passar.

— Antes de tudo, doutor, tentei me comunicar com a doutora Mercedes e descobri que não tinha o telefone da residência dela, apenas o daqui do escritório.

— Ela não tem telefone em casa. Usa o celular — anotou o número numa folha e estendeu-a para Espinosa. — Também estou tentando falar com ela desde ontem à noite; ao que parece ela deixou o celular desligado.

— É a vantagem do celular.

— Pode ser, mas o telefone fixo também pode ser desligado.

— E o senhor acha que ela teria alguma razão especial para deixar o telefone desligado esta noite?

— Não sei, delegado. Sei apenas que ela deveria estar aqui agora de manhã.

— Houve alguma coisa? Um desentendimento...

— Delegado Espinosa...

— Doutor Aldo, estamos apenas nós nesta sala. Sei que vocês têm um caso. Não tenho nada a ver com a vida amorosa de quem quer que seja, a menos, é claro, que ela atropela fatos do meu interesse enquanto delegado.

— E eu posso saber que atropelamento foi esse?

— Ainda não estou inteiramente certo, por isso gostaria de falar com a doutora Mercedes, e esse foi um dos motivos para eu vir até aqui.

— Então, delegado, estamos na mesma situação. Também estou à procura dela.

— Só que não estamos na mesma situação, doutor.

— Foi um modo de falar, delegado. É claro que não estamos na mesma situação. O senhor disse que esse foi um dos motivos para o senhor vir ao escritório. Posso saber qual é o outro?

— O outro é fazer uma pergunta que na verdade já foi feita, só que, como a situação se modificou, preciso refazê-la.

Espinosa não enunciou a pergunta imediatamente. Primeiro, olhou durante dois segundos para Aldo Bruno.

— Qual pergunta? — indagou ele, hesitante.

— O senhor já conhecia ou alguma vez já tinha visto Elias do Nascimento?

— Quem?

— Elias do Nascimento.

— Nunca ouvi falar nessa pessoa. Quem é?

— O sem-teto morto na Mascarenhas de Moraes.

— Elias do Nascimento? Mas... Mas...

— Sim?

— O nome dele não era esse.

— Como não? O senhor o conhecia?

— Não, mas alguém tinha dito outro nome.

— Quem disse?

— Não me lembro... algum dos policiais... ou algum empregado... não me lembro.

— O nome dele é Elias do Nascimento. Com toda a certeza. Morava em Maricá e vinha ao Rio para ser atendido no hospital Miguel Couto, onde teve a perna amputada devido a uma gangrena.

— Maricá? Ele não era um sem-teto que vivia em Copacabana? Foi isso que vocês disseram.

— Porque ainda não dispúnhamos da ficha médica dele. Ele só era sem-teto nos dias em que estava no Rio para ser atendido. Logo em seguida voltava para Maricá, onde morava com a família.

— Com a família?

— É. Algum problema?

— Não... Devo ter entendido errado.

— O que o senhor acha que entendeu errado?

— Pensei que a polícia soubesse quem era o homem.

— Na verdade só descobrimos quem ele era depois que rastreamos todas as cirurgias de amputação de perna feitas em hospitais públicos de vinte anos para cá. Foram examinadas centenas de fichas, até que descobrimos a dele.

— E quanto a essa identificação... não resta nenhuma dúvida?

— Nenhuma. Ele foi identificado pela família. Na ficha médica, no lugar da assinatura constava a impressão digital dele. O senhor parece ter conhecido a vítima.

— Certamente não. Talvez a falta da perna tenha me lembrado algum amputado que por acaso eu tivesse visto pela rua.

— Está certo. De qualquer forma, o caso não foi arquivado. Descobrimos a identidade do morto, mas falta descobrir a identidade de quem o matou.

Espinosa pegou o papel com o telefone de Mercedes, despediu-se do arquiteto e encaminhou-se para a porta. Parou no meio da sala, voltou e tornou a sentar-se.

— Há ainda uma pergunta que não me abandona, doutor Aldo. Sei que é uma questão duplamente delicada, mas não posso deixar de abordá-la. Em minha opinião o desnudamento do corpo da doutora Camila nada teve a ver com uma suposta violência sexual do agressor. Isso já está mais do que confirmado. Minha suposição é de que ao agir assim o assassino estava mandando um recado para alguém. E

esta é a minha pergunta: o senhor tem idéia de qual é o recado e para quem ele foi enviado?

— Por que o senhor acha que foi um recado?

— Porque foi muito ostensivo. Não era a nudez de quem está trocando de roupa e é surpreendido pelo agressor; era uma nudez arrumada, uma espécie de cena a ser vista por outro.

— O que aconteceu ainda é para mim um completo absurdo, nada faz sentido. A morte dela não faz sentido, o modo como aconteceu não faz sentido, a nudez dela não faz sentido. Nada faz sentido. E supor que nisso tudo o assassino esteja enviando um recado para alguém... é demais para mim.

— Não acredito que alguém tenha matado a doutora Camila apenas para enviar um recado, mas acredito na possibilidade de a idéia do recado ter surgido após o crime ser cometido. Se considerarmos que o assassino é uma pessoa conhecida dela, o campo dos possíveis se torna relativamente restrito.

— A única possibilidade que me ocorre é de ter sido algum paciente num acesso de loucura... Não consigo imaginar nenhum amigo ou conhecido fazendo isso.

— Estamos investigando os pacientes, mas não conseguimos localizar duas mulheres, Maria e Antonia, o senhor sabe quem são?

— Camila raramente falava do que acontecia na clínica, e quando falava não citava nomes.

— Obrigado, doutor Aldo. Vou deixar o senhor trabalhar em paz.

— Trabalhar, com certeza, mas em paz...

Espinosa, Welber e Ramiro imprimiram cópias de todas as fotografias dos pacientes, amigos e conhecidos de Camila Bruno que conseguiram. Não eram muitas, mas formavam um belo arquivo fotográfico privado, como eles mesmos o denominavam, e o “privado” ficava por conta tanto do fato de dizerem respeito às relações pessoais de Camila como ao de incluir seus pacientes. Começariam pelos porteiros, garagistas e ascensoristas, para depois percorrer os vizinhos de andar do consultório da psicoterapeuta.

Tinham deixado para fazer isso na parte da tarde, porque coincidia com o horário de atendimento da doutora, havendo maior chance de os empregados serem os mesmos. Na portaria ficavam o porteiro e um ajudante e, fora do espaço reservado a eles, havia ainda um homem de terno e óculos escuros, obviamente o segurança do prédio, que se aproximou ao perceber a chegada dos policiais.

Um amplo balcão de mármore separava os porteiros do público. Depois de se identificar e de apresentar seus auxiliares, Espinosa convocou os dois porteiros.

— São vocês dois que ficam na portaria na parte da tarde, durante a semana?

— Sim — respondeu o que parecia ser o chefe da portaria.

— E ambos conheciam a doutora Camila, da sala 1210?

— Conhecíamos.

— Muito bem, vamos mostrar uma série de fotos, umas quinze ao todo, quase todas de pacientes da doutora, e quero que vocês me digam se algum deles esteve aqui no dia em que ela foi morta, entre as cinco da tarde e as oito da noite. Olhem devagar, com cuidado, não temos pressa. É melhor um de cada vez; enquanto um olha, o outro atende à portaria.

O chefe da portaria postou-se atrás do balcão, pronto para iniciar a identificação. Espinosa apresentou inicialmente as fotos dos pacientes, uma a uma. O porteiro lembrou-se imediatamente de três deles como tendo estado lá na tarde daquela quarta-feira, o que foi confirmado pelo ajudante, mas disseram que havia duas outras pacientes cujas fotos não estavam entre as que haviam examinado. Nenhum dos dois se lembrava exatamente da ordem de chegada dos pacientes, mas tinham quase certeza de que nenhum daqueles tinha vindo no final da tarde.

— Nosso turno é de duas às oito. Tem um senhor, grande e gordo, que vem do meio-dia à uma, mas é só ele que vem nesse horário, os outros todos vêm das duas em diante. A doutora atendia até seis, sete horas; nunca passava disso.

— Vamos continuar. Agora, vou misturar as fotos de amigos e conhecidos da doutora com as que vocês já viram. Quero que me digam se alguma pessoa que está nas fotos esteve aqui naquele dia.

Espinosa voltou a distribuir sobre a bancada de mármore as fotos anteriormente mostradas, misturadas a outras que os porteiros não tinham visto. Quando mostrou a foto de Aldo ao lado de Mercedes, saindo do prédio em Copacabana, o porteiro-chefe disse imediatamente:

— Aí está ela. Foi ela que saiu por último.

— Ela quem? — perguntou Espinosa.

— A paciente da doutora que não estava nas outras fotos.

— Mas esta moça não é paciente da doutora.

— Claro que é. Ela vem duas vezes por semana.

— E este homem que está do lado dela, você sabe quem é?

— Sei. É o marido da doutora. Ele nunca vinha aqui. Sei que é o marido porque foi ele que desceu para avisar que ela estava morta.

— Esta moça ao lado dele — continuou Espinosa — trabalha com ele, é arquiteta, não é paciente da doutora Camila.

Ramiro e Welber chegaram mais perto e acompanharam a troca de palavras do delegado com o porteiro. O ajudante do porteiro juntara-se ao colega e confirmava o que o colega dizia.

— É paciente, sim, doutor, vinha sempre no final da tarde, foi a última daquela tarde.

— Vocês têm certeza do que estão dizendo? Têm certeza de que esta moça da foto é, ou era, paciente da doutora Camila?

— Bom, doutor, pelo menos ela vinha duas vezes por semana e ficava uma hora trancada lá dentro, igual aos outros, só podia ser paciente.

Espinosa, Welber e Ramiro olhavam atônitos para a foto e para os porteiros.

— Maria ou Antonia, uma das duas, as que faltavam aparecer. Algum de vocês trouxe uma cópia da agenda da doutora?

— Eu trouxe — disse Welber —, mas deixei no carro. Vou buscar.

Enquanto ele buscava a agenda, Espinosa e Ramiro tentavam obter mais detalhes sobre a vinda da paciente naquela tarde: se ela tinha vindo uma vez só ou se voltara depois de vir em outro horário; se tinha vindo sozinha; se alguma vez viera acompanhada do marido da doutora...

Welber retornou quase correndo, com a agenda aberta nas mãos, falando:

— Antonia! Ela é a Antonia.

— Quer dizer que Antonia e Mercedes são a mesma pessoa...

Os porteiros não sabiam se ficavam contentes por ter contribuído para alguma coisa que não sabiam exatamente o que era, ou se ficavam apreensivos com as conseqüências da contribuição. Espinosa tranqüilizou-os.

— Obrigado. Vocês prestaram uma grande ajuda. O detetive Welber vai pegar os nomes de vocês e o telefone daqui da portaria. Depois vamos precisar anotar o depoimento de vocês. Não se preocupem, não vamos atrapalhar o trabalho dos dois. Até a vista.

Na calçada, os três não sabiam o que fazer com o que acabavam de descobrir. Foram caminhando em silêncio em direção à praça Nossa Senhora da Paz, cada um entregue aos seus pensamentos. Quando chegaram à praça, sentaram-se num dos bancos. Espinosa foi o primeiro a falar.

— Temos dois fatos surpreendentes e ambos perturbadores: o primeiro é a descoberta de que Antonia, paciente da doutora Camila, e Mercedes, arquiteta que trabalha com Aldo, são a mesma pessoa; o segundo é que foi ela a última a sair do consultório de Camila naquela tarde. Mas prestem atenção: nenhum dos dois fatos aponta necessariamente Antonia-Mercedes como assassina de Camila. Alguém podia estar escondido no corredor à espera da saída do último paciente, e entrado em seguida para matar Camila. Não estou dizendo que tenha acontecido assim, estou dizendo que pode ter acontecido assim. Não adianta nada sairmos correndo para prender Mercedes. Temos que provar que foi ela quem matou a psicanalista. Não se

esqueçam de que essa pessoa escondida no corredor pode ter sido Aldo Bruno...

— Os dois podem ter agido juntos — disse Welber.

— Delegado, eles são amantes — acrescentou Ramiro —, fotografamos os dois saindo daquele prédio depois de passar a noite juntos. Podem ser cúmplices...

— Vocês estão empolgados com a descoberta que fizemos. Mas o que sugerem não faz sentido. Seria quase a mesma coisa que matar a mulher e assinar embaixo. E para quê? Para trepar com a colega de escritório? E por que envolver Mercedes? Para criar uma cúmplice e testemunha? Não. Para mim isso não faz sentido. A não ser...

E Espinosa olhou para as crianças que corriam na praça gradeada, protegidas dos carros e das pessoas, sob o olhar atento de mães e babás.

— A não ser...? — fez Ramiro.

— A não ser que fosse o contrário. Mercedes tornando Aldo testemunha e cúmplice. Ela é muito mais poderosa do que ele. Não vejo Aldo Bruno assassinando a própria mulher, mas vejo Mercedes matando Camila... com ou sem a cumplicidade de Aldo. Não vamos nos apressar, podemos esperar até amanhã. Ninguém sabe o que nós sabemos. Se não fosse a foto, jamais saberíamos que Mercedes e Antonia são a mesma pessoa. Vamos pensar com calma nas possibilidades de Mercedes e Aldo terem cometido esse crime juntos ou independentemente um do outro, com o outro sabendo ou não do fato. Depois vamos nos deter no motivo do crime; e também aqui temos que pensar no motivo de cada um dos suspeitos isoladamente, e dos dois agindo em dupla. Quero que hoje um de vocês tenha uma conversa informal com a empregada de Aldo e Camila e obtenha informações sobre a vida afetiva do casal. Quero saber se eles viviam bem um com o outro, se brigavam, se discutiam com freqüência...

Voltaram os três à delegacia, onde buscaram nas memórias da máquina digital e do computador outras fotos do casal em que Mercedes aparecesse de frente e de perfil. Encontraram duas em que ela aparecia especialmente bem. Foram ampliadas e copiadas. Eram

sete horas da noite quando Espinosa deixou a delegacia e foi para casa.

Mudança apenas geográfica. Uma vez em casa continuou a refletir sobre a descoberta da dupla identidade de Mercedes. Na verdade, não havia nenhum mistério; havia surpresa, mas não mistério. Ninguém que faz uma entrevista preliminar para uma terapia apresenta documento de identidade ou atestado de residência. Em geral o terapeuta pergunta apenas o nome e pede um telefone para contato. Nada mais. Se essa pessoa faz os pagamentos sempre em dinheiro e usa telefone celular para contato com o terapeuta, não há nada que comprove sua identidade ou endereço. Espinosa aprendera essas coisas por experiência própria, nos dois anos de análise que fizera logo após seu casamento terminar (embora naquela época não dispusesse de telefone celular). Nunca, porém, tivera conhecimento de situação tão estranha quanto aquela. Mercedes devia ter se valido dos mais ardilosos artifícios para evitar encontrar-se socialmente com Camila. Certamente, a decisão de tornar-se paciente dela só fora tomada depois que se certificara que ela não freqüentava o escritório do marido. Mesmo assim, era de uma ousadia sem limites.

A chance de Mercedes ter matado Camila era maior do que Espinosa admitira na conversa com Ramiro e Welber havia pouco. Ela fora vista pelos porteiros saindo do prédio por volta das sete horas, e Aldo chegara ao prédio às nove. Portanto, o crime fora cometido entre as seis da tarde, hora em que Antonia chegara, e nove da noite, hora em que Aldo encontrara Camila. Deixando provisoriamente de lado a hipótese de Camila ter sido morta por um estranho, restavam Antonia, Aldo e Maria, a cliente ainda desconhecida. Portanto, duas mulheres e um homem, sendo esse homem o marido. Espinosa achava pouco provável Aldo ter matado Camila e em seguida desnudado o corpo, ou ela estar nua ao ser morta e ele deixá-la exposta ao olhar dos policiais e dos curiosos. Por maior que fosse seu ódio pela mulher, não o via fazendo isso. Aliás, não havia indícios de que ele odiasse a mulher. Outra hipótese que começava a ganhar força era a de que Camila tivesse sido morta por uma mulher... E a nudez da vítima seria, nesse caso, um recado para o marido: “Veja

como sua bela esposa costuma atender os pacientes”. Hipótese que se encaixava sob medida em Mercedes, aliás Antonia. Bela, inteligente e ousada, tornara-se amante de Aldo, transformando-o em cúmplice, real ou imaginário, do assassinato. A hipótese ganharia força se Mercedes-Antonia fosse também amante de Camila.

Embora achasse improvável que Aldo tivesse matado Camila ou participado de sua morte, quanto ao sem-teto Elias do Nascimento sua opinião mudava completamente. Para Espinosa, o assassino do Magro era mesmo Aldo. Contudo, algo lhe dizia que nunca conseguiria imputar nenhuma das duas mortes ao arquiteto.

Verificou na geladeira sua provisão de comida congelada. O que de melhor havia era um prato de almôndegas com massa. Sem dúvida, melhor do que massa sem almôndegas, pensou. Vinho, não havia mais nenhum, mas restavam duas latas de cerveja. Para sobremesa, a única coisa disponível era a geléia diet que comia com torradas no café-da-manhã. Naturalmente nada o impedia de sair e comer na rua, mas acabava de chegar em casa, cansado e desejando um bom banho para depois retomar a leitura de seu livro. Dormiu tendo comido mal e sem conseguir concentrar-se na leitura. Já tivera noites bem melhores.

Acordou no meio da noite, olhos arregalados, sem ter consciência do conteúdo do sonho de que emergira assustado. A única coisa que brilhava no escuro como um anúncio luminoso era a palavra “muitas”. Em seguida lembrou-se de “impressões digitais”. Acendeu a luz de cabeceira e sentou-se na cama. Não era um sonho! Aquilo de que estava se lembrando não era um sonho que acabara de sonhar, era o diálogo que tivera com o delegado Lajedo na delegacia do Leblon. Quando ele lhe perguntara se tinham sido encontradas impressões digitais no consultório da doutora Camila, ele respondera “muitas”.

A hipótese que lhe ocorrera antes de dormir — de que Antonia/Mercedes era amante da doutora Camila — deixou de ser apenas uma hipótese e ganhou representação cênica. Imaginou a última sessão de Antonia com Camila passando do campo da fala para o da ação, de início suavemente, com leves toques de mão, em seguida com Antonia pegando a mão de Camila e puxando-a para

junto dela no divã... minutos depois, as duas se despindo e se abraçando... o divã demasiado estreito para conter as duas... Antonia deslizando para o tapete e afastando os móveis — cadeiras e mesinha de centro — para terem mais espaço... E ali estava o ponto... Se a cena tivesse se passado de forma semelhante à que imaginava — e não estava propriamente imaginando, mas se lembrando de cenas análogas vividas por ele e Irene no seu apartamento —, elas teriam deixado impressões digitais nas pernas das cadeiras e da mesa...

Depois de um resto de noite maldormida, acordou e refez o raciocínio da madrugada, com medo de que ele tivesse se perdido na escuridão do sono. Olhou para o relógio. Ainda não eram sete horas. Tomou banho, pegou o jornal na portaria, preparou o café e esperou chegar à delegacia para telefonar para o colega.

— Lajedo, preciso de uma informação sobre o caso da doutora. Quando perguntei se vocês tinham encontrado impressões digitais, você respondeu que “muitas”. Elas foram identificadas?

— Não. Duas delas não sabemos de quem são, é possível que sejam das duas pacientes, Maria e Antonia, que não conseguimos localizar.

— Outra coisa. Foram encontradas impressões nos pés das cadeiras e da mesinha de centro?

— Curioso você perguntar. Foram encontradas várias de uma mesma pessoa: uma das duas não identificadas.

— Você pode me passar pelo computador essa impressão não identificada, juntamente com as demais?

— Em um minuto estará tudo aí.

— Obrigado.

Espinosa não tinha dúvida quanto às “várias” impressões digitais encontradas nos pés das cadeiras e da mesinha do consultório da dra. Camila. O pedido feito a Lajedo era apenas uma confirmação do que já suspeitava. Assim que as imagens das impressões chegaram, telefonou para o escritório de Aldo Bruno procurando por Mercedes, mas não encontrou nenhum dos dois. Chamou Ramiro e Welber.

— Bom dia, delegado.

— Bom dia. Quero que vocês procurem o endereço de todas as farmácias e drogarias de Ipanema no trecho entre a praça Nossa Senhora da Paz e o Jardim de Alá. Em seguida, peguem duas fotos de Aldo Bruno e duas de Mercedes e voltem aqui.

Passados quinze minutos, os dois estavam de volta com uma lista e um mapa impressos.

— Delegado, procuramos pela internet e encontramos vinte e cinco farmácias e drogarias em Ipanema. Achamos que a lista está desatualizada, mas se estiver correta acreditamos que metade delas está localizada no trecho que o senhor indicou.

— Ótimo. Peguem um táxi até a última quadra de Ipanema e desçam, cada um por um lado da Visconde de Pirajá, até a praça. Levem seus celulares... e as fotos.

— O que vamos procurar, delegado?

— Vocês vão procurar todos os nomes de compradores de Flunitrazepan. O nome comercial é Rohypnol. Se os farmacêuticos exigirem uma ordem do juiz, falem comigo, mas digam que não querem apreender a receita, querem apenas tentar localizar um comprador. A receita é nominal, mas o comprador pode ter dado nome e endereço falsos, portanto qualquer nome serve, o importante é que a compra tenha sido feita no dia da morte de Camila Bruno ou na véspera ou ainda na antevéspera. Se alguma receita se encaixar no que estamos procurando, mostrem as fotos de Mercedes e de Aldo Bruno aos vendedores. Qualquer novidade, liguem para mim.

O trabalho foi facilitado porque, para surpresa dos policiais, a venda do medicamento era muito menor do que imaginavam. Algumas das farmácias ficavam quase uma semana sem vender uma única unidade. Nas doze farmácias percorridas encontraram apenas quatro registros de venda nos dias que precederam a morte de Camila. Dos quatro, três nomes e endereços eram verdadeiros, apenas um era falso. Na farmácia que vendera o medicamento ao comprador falso, dois vendedores tinham uma vaga idéia de ter visto o homem mostrado nas fotografias, mas nenhum era capaz de jurar que o

comprador fora de fato ele. Nenhum se lembrava de ter visto Mercedes.

Na tarde do dia seguinte, Espinosa recebeu um telefonema de Aldo, dizendo que falara com Mercedes e que ela estava fora do Rio, mas que a pedido dele voltaria antes do pretendido, devendo chegar no dia seguinte pela manhã.

— Quem ligou, o senhor ou ela?

— Eu liguei.

— Ela disse onde estava?

— Não. Quando perguntei, ela mudou de assunto e não voltei a perguntar.

— O senhor disse que estive no escritório procurando por ela?

— Não. O telefonema foi rápido. Como ela disse que estaria de volta amanhã, não me preocupei...

— Me diga uma coisa, doutor. Sua esposa e a doutora Mercedes se conheciam?

— Só de nome, nunca se encontraram. Coincidentemente, as poucas vezes em que Camila veio ao escritório, Mercedes saía para verificar o andamento de alguma obra.

Espinosa achou melhor não fazer nenhum comentário. Se a promessa de Mercedes de voltar no dia seguinte fosse verdadeira, as dúvidas poderiam ser esclarecidas diretamente com ela.

No dia seguinte pela manhã, Ramiro e Welber relataram a Espinosa a conversa tida na véspera com a empregada de Aldo e Camila. Ela estava sozinha em casa e pudera falar sem medo de estar sendo ouvida por outras pessoas. O resultado da conversa confirmara o que suspeitavam: o casal mantinha uma relação afetuosa e sem maiores atritos. Eram carinhosos um com o outro e carinhosos e atentos com as crianças. Não havia o menor sinal de uma separação, mesmo que temporária.

— Isso sugere que a relação de Aldo com Mercedes foi provocada por ela, e não por ele. E a arquiteta tem poder de fogo para penetrar

em qualquer terreno, por mais fortificado que esteja — comentou Espinosa.

Da delegacia, Ramiro e Welber foram esperar a volta de Mercedes, anunciada por Aldo. Não sabiam ainda tudo o que ela fizera, mas tinham noção do que era capaz de fazer. As duas coisas descobertas já eram suficientemente fortes para desvendar um pouco os desejos que a moviam: mantivera uma relação paciente/terapeuta durante meses com a mulher do patrão, utilizando um nome falso e ocultando o fato de trabalharem juntos. Isso, por si só, já seria suficiente para levantar suspeitas. Não contente, iniciara uma relação amorosa intensa com o patrão, relação essa que prosseguira depois do assassinato da terapeuta. Havia, portanto, motivo mais do que suficiente para uma campana... assim como parecia haver motivo suficiente para ela ter desaparecido durante alguns dias. Se é que fora realmente por alguns dias. O que complicava um pouco a campana era que Mercedes agora poderia ser encontrada em três endereços: o apartamento em que morava, o apartamento emprestado pela amiga e o escritório. Os policiais optaram por começar pelo escritório. Assim podiam vigiar não só Mercedes como também Aldo.

Pouco antes do meio-dia, Mercedes surgiu exuberante, vestido leve e decotado, mais linda que nunca, passando a uma distância segura do botequim do outro lado da rua onde Welber e Ramiro tomavam o segundo ou terceiro cafezinho.

— Veio com toda a força — disse Ramiro.

— Vestida para matar — disse Welber. — Desculpe, é só um jeito de falar.

Sem olhar para os lados ou para trás, pouco se importando se a seguiam ou não, Mercedes entrou no prédio e tomou o elevador.

— E agora, chefe, o que fazemos?

— Voltamos para o carro e esperamos ela descer, com ou sem Aldo... E seguimos os dois. Se tomarem caminhos diferentes, seguimos Mercedes. Ela pode tentar desaparecer novamente.

— E vamos segui-la vinte e quatro horas por dia todos os dias?

— Claro que não.

— Então vamos fazer o quê?

— Não somos nós que vamos fazer... Ela vai fazer.

— Ramiro, você virou adivinho?

— Não, mas é claro que ela vai fazer alguma coisa. Se é culpada, armou tudo isso com o intuito óbvio de conquistar Aldo e ficar com ele. Nesse caso, ou fica mesmo com ele, isto é, os dois passam a viver juntos e um dia se casam, ou então Aldo a repudia e ela, desesperada depois de tudo o que fez por ele, mata-o ou tenta matá-lo. E nós a prendemos.

— Tem apenas um detalhe, companheiro. Você a avisou sobre esse roteiro que você escreveu? E se ela não matou Camila? Toda essa novela televisiva inventada por você terá que ser jogada no lixo. Não se esqueça de que se passaram duas horas entre a hora em que ela saiu e a descoberta do corpo por Aldo. Tempo bastante para outra pessoa cometer o crime. Mercedes é inteligente. Sabe que qualquer paciente ou ex-paciente de Camila, ou mesmo qualquer tarado que trabalhe no prédio pode tê-la assassinado.

— E o fato de ela se tratar com Camila sob falsa identidade?

— Pode ser porque, se contasse quem era, Camila não a aceitaria como paciente.

— E por que essa necessidade tão grande de se tratar precisamente com Camila?

— Porque ela realmente precisava se tratar.

— Welber, você anda conversando demais com o delegado Espinosa.

A última frase ainda ecoava quando os dois policiais viram Aldo e Mercedes sair pela portaria e pegar um táxi. Seguiram o carro até a rua Leopoldo Miguez. Lá, ele parou defronte à portaria do prédio do apartamento da amiga de Mercedes e os dois saltaram de mãos dadas.

— Vamos almoçar. É muito masoquismo ficar horas dentro deste carro pensando no que os dois estão fazendo no apartamento — disse Ramiro.

4

Aldo sentia-se tolhido em seus movimentos até mesmo quando estava no escritório ou em casa. A qualquer momento a campanha podia tocar e ele ver surgir o delegado Espinosa ou um dos seus assistentes. Pela descoberta do seu caso com Mercedes, inferira que estava sendo seguido desde o começo das investigações. A diferença agora é que isso estava sendo feito sem que os detetives tomassem o cuidado de se ocultar.

Na tarde do dia anterior, depois de passar algumas horas com Mercedes no apartamento da rua Leopoldo Miguez, saíra sozinho para voltar ao escritório. No mesmo instante em que saiu pela portaria do prédio, viu um homem saindo do prédio em frente. Vestia jeans e jaqueta de brim, o que não combinava com o calor que fazia. Era evidente que a função da jaqueta era esconder a arma enfiada na cintura. Aldo continuou andando, ele por uma calçada e o homem pela outra, ambos em direção à avenida Copacabana. Quando chegaram à esquina da avenida, o homem cumprimentou uma mulher que olhava uma vitrine e que permaneceu de pé na esquina enquanto o homem atravessava a rua na direção do ponto de ônibus. Um óbvio disfarce. Continuou a caminhada para o escritório sem conferir se a mulher o seguia, até porque a polícia estava fazendo a coisa tão ostensivamente nos últimos dias que não havia mais razão para disfarces e ocultações. No escritório, dispensou os dois estagiários e avisou à portaria que não estava para mais ninguém. Sentou-se na poltrona giratória e virou-a de frente para o mar.

O que estava pretendendo o delegado ao dizer que o homem morto no beco se chamava Elias do Nascimento? Que tipo de jogada era aquela? Por que trocar o nome do homem? Para criar um conflito

e obrigá-lo a se expor? Se era isso que pretendia, fora uma bela armadilha: a surpresa fora tanta que ele quase chegara a dizer que o nome era Nilson, e não Elias. Erro primário. Caíra estupidamente na armadilha do delegado. Teria de tomar muito cuidado com o que falava... O delegado era ágil no ataque, passava rapidamente de uma observação sobre a morte de Camila para uma pergunta sobre o sem-teto...

O cuidado tinha de ser redobrado não apenas porque o delegado estava apertando o cerco, mas também pelo fato de que não contaria mais com a ajuda da família de Camila. O velho Moreira da Rocha nunca tivera muita simpatia por ele, achava que a filha podia ter feito um casamento muito melhor, mas com o nascimento dos filhos e o sucesso profissional do genro passara a suportá-lo. Agora, com a morte da filha, o velho não moveria uma palha para impedir que ele também morresse. Claro que não atentaria contra a vida dele, mas Aldo tinha certeza de que ele nada faria para evitar que isso acontecesse. Ele e a mulher assumiriam a educação dos netos. Era tudo o que queriam.

A tarde estava nublada por um vento sul que deixava o mar encarneirado. O panorama do oceano Atlântico visto daquela janela nunca se repetia. Com sol, chuva, vento, ondas, tranqüilo, luminoso, sombrio, ameaçador, acolhedor... desde que alugara aquele apartamento para ateliê de trabalho, nunca tivera duas visões idênticas. Aldo sempre se surpreendia com a mutação constante e com a beleza daquela paisagem, embora naquela tarde se sentisse tão cinza quanto as nuvens à sua frente.

Procurou na copa uma garrafa de uísque que costumava manter no escritório para o caso de querer oferecer um drinque a alguns clientes. Na verdade, havia várias garrafas. Pegou uma já aberta, copo e gelo e voltou para sua poltrona junto à janela panorâmica. Não tinha intenção de se embriagar, precisava manter-se lúcido para fazer frente ao ataque do delegado. Queria apenas relaxar um pouco. Não a ponto de ficar lento, mas o suficiente para raciocinar com mais calma.

A calma que lhe faltara na noite do cul-de-sac. Entrara em pânico e não conseguira controlar a situação. O mesmo estava acontecendo agora, como se Espinosa tivesse tomado o lugar de Nilson em sua vida, embora a natureza da ameaça fosse inteiramente diferente. A de Espinosa era legal, ascética. Nilson era uma ameaça primeva, quase mítica, impossível de ser eliminada... E no entanto fora extinta: desaparecera com sua morte.

E agora vinha o delegado com aquela história de que o morto não era Nilson, mas um tal Elias. Conhecia Nilson havia quase quarenta anos... Sabia de cada detalhe de sua fisionomia insana, conhecia como ninguém seus gestos, sua ausência de palavras... Quem era o delegado Espinosa para dizer que aquele não era Nilson?

Fosse qual fosse o nome que lhe dessem, Nilson morreria naquele fim de rua. Apesar do escuro, da chuva intensa e do vento, tinha certeza de que era ele. Apenas de uma coisa não conseguia dar conta: do revólver.

O copo de uísque se esvaziara e Aldo se serviu de mais uma dose. Estava cômico do completo domínio de sua capacidade mental, o que não mais estava claro era o dia, que cedera lugar à noite. Telefonou para casa avisando que ficaria trabalhando até mais tarde... Daria um beijo nos filhos quando chegasse. O céu e o mar estavam negros; apenas os refletores da praia iluminavam a areia e a arrebentação, o resto desaparecera na noite. Aldo continuava sentado na poltrona, agora não mais interessado na paisagem. Ele estava interessado era em desvendar o mistério do revólver desaparecido. Era bom que tivesse sumido, mas ficaria mais tranquilo se soubesse onde fora parar. Não era, contudo, um fato grave. A arma não era registrada e tinha o número raspado. Onde quer que estivesse, nada a ligaria a ele. Não enxergava mais o exterior do apartamento, mas a imagem do interior refletida no vidro... o que incluía a imagem dele próprio. Sua imagem refletida no vidro da janela deu margem a uma longa reflexão, acompanhada de mais uma dose. Depois de algum tempo, achou melhor passar para o sofá, mais amplo e confortável.

Acordou na manhã seguinte com o telefone tocando. Era Isabela, a governanta, querendo saber se tinha acontecido alguma coisa, os

filhos perguntavam por ele. A cabeça doía e o estômago estava embrulhado... sentia tontura, vontade de vomitar, e mal conseguia manter-se em pé. Bebera todo o uísque que havia na garrafa, certamente mais da metade dela, e na véspera não almoçara nem jantara. Conseguiu chegar ao banheiro a tempo de vomitar no vaso. Esperou até conseguir se recompor minimamente, lavou o rosto, deixou um bilhete para Rafaela e Henrique, desceu e pegou um táxi para casa.

Espinosa convocou mais dois detetives novatos para se juntarem a Ramiro e Welber e se revezarem em turnos na campana de Mercedes. A ordem era para detê-la caso tentasse sair da cidade. Os dois dias que se seguiram foram cansativos, até porque não aconteceu nada de novo. Mercedes saiu poucas vezes — para ir ao supermercado e para almoçar em um restaurante a quilo perto do prédio onde morava. As conversas com o porteiro, no entanto, revelaram novidades: ficaram sabendo que a residência de Mercedes não era outra senão aquele mesmo apartamento da rua Leopoldo Miguez que ela dizia ter sido emprestado pela amiga. Não era emprestado. As duas dividiam o apartamento. A amiga de fato viajara por três meses, e quando ela ficara sozinha em casa inventara a história do empréstimo para que ela e Aldo tivessem um local para os encontros amorosos. Não havia, portanto, dois apartamentos: era apenas um, aquele que os auxiliares de Espinosa estavam vigiando.

— Delegado, o endereço que ela deu para Aldo como sendo do apartamento dela não existe. Por isso ela só fornecia o número do telefone celular. Ela divide o apartamento com a amiga e ex-colega de faculdade desde que se formaram — disse Welber por telefone.

— Parece que a moça gosta de disfarces e ocultamentos. Acho que seria interessante um de vocês passar amanhã na faculdade de arquitetura à procura de informações. Levem as fotografias. Verifiquem se ela é realmente arquiteta. Se não encontrarem nenhum registro do nome dela, procurem saber se Mercedes não é outro nome fictício, como Antonia.

— Delegado, e se ela desconfiar de alguma coisa e tentar sair da cidade?

— Detenham-na. E, Welber...

— Sim, delegado...

— Ela ainda não sabe que descobrimos sua dupla identidade. É importante que continue sem saber.

— Está certo, delegado.

Assim que chegou em casa, Aldo entrou no chuveiro e deixou a água fria escorrer-lhe demoradamente sobre a cabeça até sentir que recuperava o mínimo equilíbrio necessário para enfrentar o dia. Estava havia vinte e quatro horas sem comer. A empregada preparou-lhe um café-da-manhã reforçado, enquanto comentava a visita dos dois policiais e as perguntas feitas por eles.

Aldo ainda não se recuperara inteiramente da bebedeira, e a notícia dos policiais fazendo perguntas sobre sua vida conjugal fez com que os fantasmas da véspera ressurgissem. O delegado Espinosa apertava cada vez mais o cerco. Sem alarde, sem violência. Mais um pouco e tocaria a campainha munido de um mandado de busca para revistar o apartamento.

Terminou de tomar o café e foi para o quarto. Abriu e revistou todas as gavetas do armário e do closet, as prateleiras, as caixas e bolsas de Camila, os bolsos dos paletós e casacos, o interior das malas e sacolas, debaixo da cama, tudo, até não restar um único espaço onde pudesse caber um revólver. O revólver não estava em lugar nenhum do quarto, e tinha certeza de que nem ele nem Camila guardariam uma arma de fogo em algum outro lugar da casa. O escritório! Se escondesse o revólver em algum lugar, seria no escritório, e não em casa. Voltaria ao escritório no final da tarde, depois que todos tivessem ido embora, e faria uma busca completa. A menos que não tivesse escondido a arma... que simplesmente tivesse se livrado dela jogando-a ao mar, por exemplo. Mas como teria feito isso? Andaria pela beira da água à noite, e quando ninguém estivesse olhando jogaria a arma na rebentação? Seria pueril, ingênuo e perigoso. Alguém passando pelo calçadão poderia ver um homem vestido, na beira do mar, à noite, atirando longe, na água, um objeto suspeito. Poderia ter pegado o carro e lançado o revólver ao mar do

alto da avenida Niemeyer ou da ponte Rio–Niterói. O que o assustava era o fato de não ter a mais remota lembrança de ter feito nenhuma dessas coisas. E, se não conseguisse se lembrar, o delegado Espinosa poderia encontrar a arma antes dele. Tinha de proteger a si mesmo e aos filhos, não podia permitir que sua vida e a deles fossem destruídas por causa de uma morte estúpida. Fora agredido e perseguido sem trégua durante toda a vida por um vagabundo inútil e perverso... Nada mais justo do que, chegada a hora da confrontação final, que tivesse ido à forra. Isso era justo. Aquele revólver, de cuja marca nem se lembrava mais, poderia aniquilar sua vida. Chegara a pensar que aquela arma nunca existira, que nunca tivera arma nenhuma... por isso não conseguia se lembrar de nada... nem de tê-la jogado fora, nem de como ela era, nem de tê-la alguma vez usado contra alguém. A única coisa que contrariava tudo isso era Nilson aparecer morto naquele beco na manhã seguinte à noite da confrontação... E pessoas não aparecem mortas com um tiro no peito sem que alguém tenha apertado o gatilho.

Ramiro requisitou, cedo pela manhã, uma viatura para ir à Ilha do Fundão procurar marcas da passagem de Mercedes pela faculdade de arquitetura. A faculdade funciona no mesmo prédio da reitoria, na Cidade Universitária. Depois de indagar em várias secretarias, obteve a informação de que deveria dirigir-se à seção de ensino da faculdade, onde poderia ter acesso à lista dos alunos matriculados nas diferentes cadeiras do curso desde o ano em que a seção fora informatizada. Daquela data para trás teria de examinar as antigas fichas preenchidas à mão. O nome de que dispunha, fornecido por Aldo, era Mercedes Oliveira. A secretária foi cooperadora e tentou todas as combinações. Encontrou algumas Mercedes e várias Oliveira, mas nenhuma Mercedes Oliveira. Tentou Antonia Oliveira. Após falharem as múltiplas combinações experimentadas, Ramiro mostrou as fotos de Mercedes para os funcionários da seção de ensino, da secretaria e da portaria. Mercedes foi reconhecida por vários deles como sendo Maria Antonia Castanheira. E foram lembradas também algumas de suas histórias. Ramiro telefonou para Espinosa.

— Delegado. Tenho novidades. Nossa arquiteta não se chama Antonia nem Mercedes nem Oliveira, chama-se Maria Antonia Castanheira. Vários funcionários se lembram dela. Não falei com os professores, até porque alguns casos dela envolviam professores. Se o senhor quiser apenas as informações, meu trabalho aqui está terminado, mas se quiser documentos comprobatórios terei que fazer o pedido e voltar outro dia para pegar.

— Esses casos com professores são casos amorosos?

— Bastante amorosos. Um deles foi com um professor trinta anos mais velho, casado e pai de vários filhos... mais velhos que ela. O mínimo que aconteceu com ele foi sair de casa expulso pela mulher. Dois meses depois, Maria Antonia o abandonou. Ele ficou arruinado, afetiva e profissionalmente.

— Você disse que foram vários casos.

— Outro caso também ruidoso foi com uma professora.

— Caso de amor?

— Isso mesmo. A professora também era casada. Quando Maria Antonia ameaçou deixá-la, ela tentou se matar. Não morreu, mas, tal como o professor, teve sua vida profissional definitivamente abalada. O resto eu conto quando voltar.

— Bom trabalho, Ramiro, pode voltar. Se precisarmos de algum documento, mandamos buscar depois.

Examinando o mapa de Ipanema, Espinosa constatou que a farmácia onde fora vendido o sedativo para o comprador de nome e endereço falsos ficava a três quadras do consultório de Camila. Havia outras farmácias mais próximas. As cercanias do prédio de Camila concentravam o maior número de farmácias do bairro, mas o comprador preferira a mais afastada, talvez julgando que se houvesse alguma investigação ela se concentraria nas mais próximas. Espinosa sabia perfeitamente que esse raciocínio era frágil e que seu único suporte era o pressuposto de que o assassino era um amador nervoso. Na verdade, o medicamento poderia ser comprado em outro bairro, não necessariamente às vésperas do crime, ou mesmo poderia ser comprado por outra pessoa que não o criminoso. Portanto, a

busca em questão se assentava em uma das costumeiras construções imaginárias do delegado... que às vezes funcionavam. A favor da suposição de Espinosa havia apenas o fato de a receita encontrada trazer a mesma data do assassinato de Camila Bruno. Apesar de reconhecer que o quadro ainda era um tanto inconsistente, Espinosa não se impedia de prosseguir com suas conjecturas, mesmo que elas parecessem igualmente inconsistentes. Mas era sempre assim. Com o tempo as conjecturas adquiriam consistência e se transformavam em hipóteses verificáveis.

Telefonou marcando uma reunião com Mercedes e Aldo para o fim daquela tarde no escritório deles. Ambos tentaram esquivar-se do encontro, mas o argumento de Espinosa, de que a opção que teriam seria uma convocação para comparecerem à delegacia, fez com que concordassem. A reunião ficou marcada para as cinco da tarde.

Às cinco horas Espinosa tocou a campainha do escritório de arquitetura acompanhado de Ramiro e Welber. A porta foi aberta pela dupla de estagiários, que os convidou a entrar. Espinosa pensou que pareciam treinados para aquela recepção. De qualquer forma, os dois não pareciam contentes nem à vontade, e menos ainda Mercedes e Aldo quando surgiram na porta divisória das duas salas.

Os três policiais cumprimentaram os arquitetos; em seguida, todos entraram na sala onde havia a mesa de reuniões.

— Podemos dispensar os estagiários por hoje? — perguntou Mercedes.

— Sem dúvida — respondeu Espinosa.

Mercedes foi até a outra sala para comunicar a Rafaela e Henrique que podiam ir para casa, o que eles fizeram prontamente.

Os três policiais sentaram-se em um dos lados da mesa e os dois arquitetos do outro. Espinosa falou:

— Devo dizer aos senhores que esta é a última vez que nos encontramos em circunstâncias não oficiais ou semi-oficiais. A partir de hoje, nossos contatos terão lugar na 12^a DP, até a conclusão do inquérito policial. Hoje ainda será admitida a informalidade tanto no que se refere ao local como à condução deste encontro.

— Dentro da informalidade que ainda rege este encontro, o senhor pode nos informar do que somos suspeitos, ou do que estamos prestes a ser acusados? — perguntou Aldo.

— Até o fim da reunião os senhores serão informados.

— E se nos sentirmos pressionados ou intimidados pela presença de três policiais em nosso escritório, podemos pedir que se retirem?

— Podem. Mas vocês dois terão que se retirar também. Iremos todos para a delegacia. Claro que a partir de então vocês devem chamar seus advogados.

Houve um silêncio geral que durou alguns segundos. Aldo voltou a falar:

— Delegado, creia que minha colega e eu compreendemos sua delicadeza, evitando até hoje a abertura de um inquérito policial que certamente nos constrangeria muito mais do que esses encontros que o senhor chama de informais. Acho que podemos aceitar que a partir deste momento o senhor está na condução deste interrogatório informal.

— Obrigado. Isso tornará o procedimento mais simples, embora não menos desagradável em alguns momentos.

Espinosa esperou os segundos necessários para que Aldo e Mercedes absorvessem o que acabara de ser declarado.

— Podemos então iniciar esclarecendo algumas dúvidas referentes à identidade da doutora Mercedes... aliás, Antonia... aliás, Maria Antonia. Minha dúvida é: qual dos três é o verdadeiro? Ou há outros, ainda?

O susto de Mercedes foi tão grande quanto o de Aldo.

— Que história é essa de vários nomes? — exclamou ele.

— Pelo visto, doutor Aldo não sabia da múltipla identidade da doutora Mercedes e das diferentes personalidades que elas representam. A senhora pode esclarecer essa primeira dúvida?

— Não são diferentes identidades, é como se fossem diferentes apelidos para a mesma pessoa. Isso acontece com freqüência.

— E acontece também com freqüência de as pessoas fazerem uso de um outro nome para se tornarem pacientes da terapeuta que é também mulher do patrão?

— O quê?! — exclamou Aldo, levantando-se da cadeira.

— Antonia, aliás, Mercedes, era paciente da doutora Camila havia vários meses, sem jamais ter dito a ela que o conhecia — quanto mais que era sua colega de trabalho, e mais recentemente sua amante. Acho difícil acreditar que o senhor não tivesse conhecimento desse fato, dado o grau de intimidade entre os dois.

— Recuso-me a continuar com essa farsa. Quero a presença do meu advogado.

— Nesse caso podemos voltar à pergunta que o senhor fez no início da reunião: de que são suspeitos. Vocês são suspeitos de assassinato. No seu caso, doutor Aldo, de dois assassinatos.

— Dois assassinatos?

— O senhor provavelmente será indiciado como cúmplice no assassinato de sua esposa e como autor do assassinato de Elias do Nascimento... que, pelo que pude depreender, o senhor matou pensando ser outro sem-teto de nome Nilson.

— Ele não é cúmplice de nada — cortou Mercedes. — Ele matou sozinho, sem a ajuda de ninguém, a doutora Camila, e é suficientemente covarde para matar a tiros um pobre coitado doente, faminto e sem uma perna. Eu não matei a doutora Camila... Eu a amava. Nós nos amávamos. Inventei a falsa identidade para poder ser paciente dela. Naquela tarde, quando saí da minha sessão, ela estava viva e muito bem-disposta. Eu era a última paciente do dia. Sei disso porque quando eu saía não tinha ninguém esperando no corredor, e às vezes acontecia de eu comer um sanduíche no bar da livraria e ver a doutora entrar para comprar um livro. O prédio do consultório tem vários elevadores. Aldo pode ter subido por um, matado a mulher, depois ter descido e subido novamente para descobrir o cadáver. Ainda cometeu a infâmia de tirar a roupa dela para sugerir que ela teria um encontro marcado ou que fora vítima de um perverso sexual... E sem dúvida foi.

A fala de Mercedes foi firme, sem hesitação, e com um indisfarçável tom de repugnância pelo conteúdo do que havia dito.

— Por que então você se tornou amante dele?

— Porque era a única forma de ele me dizer alguma coisa. Ele já havia quase me confessado o assassinato do sem-teto... Com mais tempo e mais intimidade, ele deixaria escapar alguma coisa sobre a morte de Camila.

— A senhora pode descrever a última sessão com a doutora Camila? Não o que foi dito, evidentemente, mas como ela transcorreu, do ponto de vista do comportamento de vocês duas.

— Como assim? O que o senhor quer saber?

— Quero saber onde a doutora Camila se sentou... onde a senhora ficou... se ficou sentada na outra poltrona ou deitada no divã...

— Como das outras vezes, ela ficou sentada na poltrona e eu fiquei no divã.

— E depois?

— Depois o quê?

— Depois de ela se sentar e a senhora se deitar.

— Depois de terminada a sessão nós nos levantamos, nos despedimos e eu fui embora.

— Nenhuma das duas se levantou durante a sessão?

— Claro que não.

— Desculpe, doutora Mercedes, não sei exatamente como se dá uma sessão clínica como essa.

— Bem, delegado, as pessoas não passeiam pela sala nem mudam de lugar a todo instante.

— Entendo. A senhora pode então me explicar como suas impressões digitais foram parar nos pés da mesinha de centro e nos pés de duas outras cadeiras que ficam na sala? A senhora por acaso decidiu arrumar o consultório da doutora Camila durante ou depois da sessão?

— O que o senhor está querendo insinuar?

— Estou querendo insinuar que aconteceu algo mais do que uma simples sessão analítica dentro daquela sala... Talvez até mesmo um assassinato.

5

Aldo e Mercedes prestaram depoimento na delegacia, em dias diferentes. Espinosa interrogava, na presença de Ramiro ou Welber, que intervinham ocasionalmente. O depoimento de Mercedes teve início com a repetição do que fora dito na reunião no escritório de Aldo: ela iniciou afirmando que o único ilícito que cometera, e mesmo assim um ilícito mais de ordem moral que de ordem jurídica, fora a troca de nome.

— E eu gostaria de frisar — disse — que do ponto de vista clínico isso é irrelevante. Não há mentira na prática psicanalítica. Eu dizer que meu nome é Antonia ou Mercedes ou Maria não tem nenhuma relevância clínica. Cedo ou tarde essa questão apareceria em uma das sessões, e seria trabalhada clinicamente. Se os senhores acham que troquei de nome com o intuito deliberado de um dia matar a doutora Camila, sinto muito, mas é um raciocínio pobre. Eu não seria ingênua ou estúpida a ponto de fornecer o nome errado para a analista, coisa fácil de ser descoberta, para no dia e horário marcados comparecer à sessão que certamente estava assinalada na agenda dela e matá-la. Pensem bem. O que eu lucraria matando a doutora Camila? A posse do marido? Os senhores mesmo já constataram que isso não seria necessário. Tornar-me sócia na firma? Casar com Aldo Bruno? Pelo amor de Deus, há homens muito mais interessantes, menos deprimidos, mais jovens, e sem um assassinato nas costas. Quanto a minhas impressões digitais nos móveis, o que aconteceu foi que terminada a sessão eu me levantei e passei a mão no cabelo, num movimento brusco, e arranquei o brinco da orelha. Não vi onde ele caiu. É um brinquinho de ouro que trouxe de Portugal. O tapete da sala é cor de areia. Não consegui ver onde ele tinha caído. Foi então

que me abaixei para olhar debaixo da mesinha e das cadeiras e as afastei do lugar segurando-as pelas pernas.

— A senhora pode descrever o brinco?

— É um brinco de ouro, pequeno, redondo...

— Um brinco de atarraxar?

— Isso mesmo.

— A senhora pode me explicar como conseguiu, com o simples gesto de passar a mão no cabelo, arrancar um brinco atarraxado na orelha?

— A porca devia estar frouxa.

— Claro. E a senhora recuperou o brinco?

— Depois de muito procurar.

— E de deslocar cadeiras e mesa segurando-as pelos pés.

— Era a única maneira.

— Isso aconteceu antes ou depois de vocês tomarem o drinque?

— Drinque?

— Vocês duas não beberam nada durante ou depois da sessão?

— Delegado, eu não fui a uma degustação de vinhos, fui a uma sessão de análise.

— Eu não disse que tinha sido vinho.

— Falei vinho como podia ter falado uísque ou vodca. O que importa é que não bebemos nada.

— Estranho, porque foi detectado álcool no sangue da doutora... álcool e flunitrazepan... ou Rohypnol... também conhecido como Boa-noite, Cinderela.

— Não sei do que o senhor está falando.

O interrogatório de Mercedes se estendeu pelo resto do dia com Espinosa e Ramiro se revezando. Já era noite quando a arquiteta confessou que as sessões com a doutora Camila, a partir de um certo momento, tinham passado a ser acompanhadas de pequenos toques nos cabelos e nos braços; que esses toques haviam evoluído para

carícias leves; que nas sessões seguintes as carícias se tornaram mais ousadas até se transformarem em práticas sexuais ilimitadas e apaixonadas. Isso já durava uns dois meses quando Camila fora morta. Segundo Mercedes, isso fora tudo o que de extraordinário acontecera entre ela e a doutora. Imaginar que tivesse assassinado Camila era um absurdo.

O depoimento de Aldo Bruno foi conduzido quase que exclusivamente por Espinosa; as perguntas de Ramiro e Welber foram no sentido de esclarecer alguma resposta do arquiteto. A sala era pequena e tinha apenas uma mesa e duas cadeiras, uma defronte da outra, e mais duas encostadas à parede, onde ficaram sentados Ramiro e Welber.

— Doutor Aldo, o senhor se sente em condições de levar adiante esta entrevista, que na verdade teve início no seu escritório? — iniciou Espinosa.

— E de concluí-la no mais breve tempo possível — completou Aldo Bruno.

— O senhor pode nos dizer mais uma vez a que horas chegou ao prédio do consultório da doutora Camila no dia em que ela foi morta?

— Às nove horas da noite.

— Quanto tempo o senhor permaneceu dentro do consultório?

— É muito difícil avaliar. A cena com que me deparei me deixou transtornado... Posso ter ficado cinco minutos ou meia hora... Impossível precisar.

— O senhor esteve no consultório uma única vez naquele dia?

— Apenas uma vez. Quando a polícia chegou, eu não quis entrar novamente... Esperei do lado de fora... quando então o delegado... não me lembro do nome dele... me fez uma série de perguntas.

— Lajedo é o nome dele.

— Desculpe, mas não me lembro.

— E antes de encontrar o corpo?

— Como assim?

— O senhor não esteve lá antes da hora em que encontrou o corpo?

— Não. Antes eu estava em casa com meus filhos. Só fui ao consultório depois de ter telefonado para saber por que Camila estava demorando, ela sempre chegava antes das oito. Telefonei para o consultório e para o celular dela. Ninguém atendeu. Fiquei preocupado e fui até lá... Mas tudo isso eu já contei para o senhor mais de uma vez.

— Desculpe, mas é importante eliminar algumas dúvidas que restaram.

— Quais dúvidas?

— Pequenos detalhes... já chegamos lá. Quando o senhor abriu a porta da sala de atendimento da doutora Camila, o que mais o chocou de imediato? O fato de ela estar nua ou a evidência de que estava morta?

— Eu... Difícil falar nisso... Não sei...

— Ou será que não foi nenhuma das duas coisas?

— O que o senhor quer dizer com isso?

— Exatamente o que estou dizendo.

— Com o que eu estaria mais chocado... O que poderia me chocar mais?

— Talvez o senhor não estivesse chocado...

— Como...

— ... pelo simples fato de já ter visto aquela cena duas horas antes.

— O senhor está louco, delegado. O que o levou a pensar uma coisa dessas?

— Ouça a historinha que vou lhe contar. Se for loucura, ficamos por aqui... É a seguinte: o senhor descobriu, não sei como, e essa é uma das dúvidas que ainda tenho, que a doutora Camila tinha algumas excentricidades em sua prática clínica... tais como manter

relações sexuais com algumas pacientes... relações essas marcadas por intensa paixão...

— Não ofenda minha esposa, delegado!

— Não estou ofendendo, doutor. Não estou emitindo nenhum juízo de valor a respeito do comportamento dela, estou apenas tentando delinear um quadro que para mim ainda é obscuro em alguns dos seus pontos. Mas, por favor, deixe que eu vá até ao fim da história. Como estava dizendo, o senhor fez essa descoberta... Não sei se por acaso, em uma visita-surpresa ao consultório, ou se alguém contou para o senhor. No primeiro caso, a evidência da descoberta prescindiria de qualquer outra forma de comprovação. No caso de terem lhe contado, é possível que o senhor tenha procurado apurar a verdade. O fato é que, de uma maneira ou de outra, a verdade se tornou evidente. É provável que tenha tido início nessa data, talvez reativamente, sua relação amorosa com a doutora Mercedes. Não sei até que ponto ela teria contribuído para que o senhor desenvolvesse um ódio mortal pela doutora Camila, sua esposa, mãe dos filhos a quem o senhor amava, e que subitamente aparece transformada numa pessoa sexualmente perversa, com um comportamento degradante que poderia facilmente se tornar público, o que atingiria a honra dos seus filhos... et cetera, et cetera. Foi quando o senhor decidiu colocar um ponto final na história, provavelmente com a contribuição de algum estímulo extra.

Aldo Bruno suava abundantemente. Procurou nos bolsos um lenço para enxugar o rosto, sem encontrar. Welber buscou na sala ao lado uma caixa de lenços de papel e a colocou sobre a mesa, na frente dele.

— Ninguém... ninguém...

— Por estímulo extra não estou pensando na doutora Mercedes, mas no assassinato do sem-teto que o senhor chama de Nilson... O senhor sabe como é, um assassinato puxa outro...

— Não tem nada...

— O senhor já estava emocionalmente fragilizado pelo fato de ter matado o homem, Nilson ou Elias, não importa...

— Eu não o matei! Ele me matou!

— Mas não é desse crime que estamos tratando agora. No momento oportuno falaremos sobre ele. Vamos voltar ao assassinato da doutora Camila. Uma vez tomada a decisão de matá-la, a questão se transformou em *como* matá-la. Concordamos que sua experiência no assunto não era grande, mas as condições objetivas facilitavam o caminho. A opção mais óbvia era matá-la de modo que o crime parecesse obra de algum paciente maníaco sexual... um psicótico... um psicopata... um tipo bem distante da imagem que o senhor passa para as pessoas. Na primeira vez em que ela chegou em casa e deixou a agenda à mostra, o senhor copiou o quadro de horário e o nome das pacientes. E esperou. Naquela terça-feira o senhor saiu do escritório mais cedo, passou pela loja do bairro onde costuma comprar roupas, comprou de fato alguma coisa que estava precisando e chegou ao prédio do consultório da doutora Camila faltando alguns minutos para as sete horas. Entrou pela garagem, subiu pelo elevador de serviço e ficou esperando escondido no corredor, junto à escada, a última paciente sair. Os comprimidos de Rohypnol já estavam esmagados e guardados no bolso, prontos para serem diluídos no drinque que o senhor trazia... talvez uma meia garrafa da bebida preferida da doutora. O nome da última paciente do dia era Antonia. Isso o senhor tinha visto na agenda. O que o senhor nem percebeu, certamente devido ao nervosismo do momento, foi que a Antonia que saía do consultório era Mercedes, sua colega de escritório. Esperou ouvir o barulho da porta do elevador... saiu de onde estava escondido... abriu a porta do consultório e... foi tão fácil que o senhor até se surpreendeu... Um drinque para comemorar alguma coisa, o sedativo misturado ao drinque na copa... e em menos de vinte minutos sua esposa era uma vítima incapaz de reagir e de sentir dor. Dizem que matar uma pessoa é fácil, difícil é sumir com o corpo. O senhor precisou se preocupar com isso... escolheu expor o corpo. Um assassinato limpo, sem sangue, sem luta, sem arma... e covarde. Terminado tudo, saiu novamente pela garagem, foi para casa, ficou uma hora brincando com os filhos e começou a se preocupar com o fato de sua mulher ainda não ter chegado para o jantar... Telefonou

para o consultório e para o celular... e voltou ao consultório para descobrir o cadáver. Pode não ter acontecido exatamente assim, alguns detalhes podem ter me escapado, mas eu diria que no principal minha história está muito próxima da verdade.

Da metade do relato em diante, o arquiteto permanecera em silêncio e imóvel. Quando Espinosa deu por terminada a história, Aldo Bruno olhava para as mãos cruzadas sobre a mesa... pálido... os lábios sem cor... o rosto sem expressão. Virou a cabeça para o lado e vomitou. Teve mais dois espasmos seguidos de vômito, e ainda com a boca e o queixo sujos, sem deixar que limpassem o chão, iniciou em voz baixa uma espécie de monólogo no qual as frases não faziam sentido. O tom de voz foi se tornando mais agudo, passou a gritar palavras, olhando fixo para Espinosa, que por sua vez olhava interrogativamente para Welber e Ramiro, sem que nenhum dos três conseguisse decifrar o sentido. O depoimento foi interrompido por meia hora, o chão foi limpo e, apesar do cheiro azedo que pairava no interior da pequena sala, houve uma tentativa de recomeço... que não chegou a se efetivar. Mesmo do lado de fora da sala, Aldo continuava a gritar ofensas, agora contra Mercedes. De volta à sala, sentou-se na mesma cadeira, defronte a Espinosa, cuspidando no chão e enxugando a boca, ainda com restos de vômito. Levantava-se e voltava a se sentar vezes seguidas sem nenhum propósito. Aos poucos a agitação motora foi diminuindo até ceder lugar a um estado de torpor acompanhado de tempos em tempos por murmúrios que os três policiais, mesmo com esforço, não conseguiam compreender. A partir desse momento deu mostras de extremo cansaço, deitou a cabeça sobre os braços cruzados e não emitiu mais nenhum som. Foi recolhido por uma ambulância para ser atendido num hospital psiquiátrico.

* * *

A opinião dos médicos era de que o quadro apresentado por ele era passageiro, um quadro psicótico decorrente de situações traumáticas extremas. Foi o que resumidamente Espinosa reteve da conversa tida com eles. Eram de opinião de que em pouco tempo ele estaria recuperado, mas um mês se passou sem que Espinosa tivesse

notícias, embora o hospital tivesse ficado incumbido de avisar quando de sua alta.

Sua expectativa não era indiciá-lo pela morte da mulher, mas pela morte do sem-teto. Na verdade, a investigação da morte de Camila em nenhum momento estivera oficialmente sob a alçada de sua delegacia. O crime ocorrera numa jurisdição que não era a sua. O material e os depoimentos colhidos por Espinosa sobre Camila Bruno foram enviados para a equipe do delegado Lajedo, da 14ª DP, em cuja jurisdição ocorrera o crime. Terminado o inquérito, nada ficou provado quanto à participação de Mercedes na morte de Camila. O Ministério Público considerou insuficiente o indiciamento de Mercedes, e mesmo os indícios de sua participação indireta não foram considerados suficientes para que fosse apresentada denúncia contra ela.

Para Espinosa, ficara a dúvida de como Aldo viera a saber das práticas sexuais da mulher. Achava que fora através de denúncia anônima, e suspeitava de Mercedes como autora da denúncia. Suspeitava ainda que Mercedes ou Antonia eram quase duas pessoas distintas. Uma, a paciente sensual e amante de Camila; outra, a arquiteta, colega e amante de Aldo Bruno. Dois mundos separados. Espinosa achava ainda que ela era perversa o bastante para suportar essa dualidade e obter dupla vantagem, além de duplo prazer da situação.

O assassinato do sem-teto Elias do Nascimento era diferente. Não ocorrera em outra jurisdição, mas a poucos metros da 12ª DP de Espinosa, e o delegado tinha certeza de que Aldo Bruno disparara seu revólver debaixo daquela tempestade pensando estar atirando em Nilson... Se é que Nilson algum dia realmente existira.

O assassinato de Camila estava fora de sua alçada, mas o de Elias fora cometido debaixo do seu nariz. Espinosa achava provável que Aldo algum dia viesse a saber o que realmente acontecera naquela rua sem saída. Mas Espinosa não era psiquiatra, seu interesse não era o distúrbio emocional de Aldo Bruno, e sim o fato de ele ter matado duas pessoas.

Uma semana mais tarde telefonaram do hospital avisando que o arquiteto Aldo Bruno teria alta na manhã do dia seguinte.

Às oito horas de uma bela manhã de final de verão, Espinosa e Welber estavam na recepção do hospital para receber Aldo, mas ele se enforcara durante a noite.

SÉRIE POLICIAL

Réquiem caribenho

Brigitte Aubert

Bellini e a esfinge

Bellini e o demônio

Bellini e os espíritos

Tony Bellotto

Os pecados dos pais

O ladrão que estudava Espinosa

Punhalada no escuro

O ladrão que pintava como Mondrian

Uma longa fila de homens mortos

Bilhete para o cemitério

O ladrão que achava que era Bogart

Quando nosso boteco fecha as portas

O ladrão no armário

Na linha de frente

Lawrence Block

O destino bate à sua porta

Indenização em dobro

Serenata

James M. Cain

Post-mortem

Corpo de delito

Restos mortais

Desumano e degradante

Lavoura de corpos

Cemitério de indigentes

Causa mortis

Contágio criminoso

Foco inicial

Alerta negro

A última delegacia

Mosca-varejeira

Vestígio

Predador

Livro dos mortos

Em risco

Patricia Cornwell

Edições perigosas

Impressões e provas

A promessa do livreiro

Assinaturas e assassinatos

O último caso da colecionadora de livros

John Dunning

Máscaras

Passado perfeito

Ventos de Quaresma

Leonardo Padura Fuentes

Tão pura, tão boa

Correntezas

Frances Fyfield

O silêncio da chuva

Achados e perdidos

Vento sudoeste

Uma janela em Copacabana

Perseguido

Berenice procura

Espinosa sem saída

Na multidão

Céu de origamis

Luiz Alfredo Garcia-Roza

Neutralidade suspeita

A noite do professor

Transferência mortal

Um lugar entre os vivos

O manipulador

Jean-Pierre Gattégno

Continental Op

Maldição em família

Dashiell Hammett

O talentoso Ripley

Ripley subterrâneo

O jogo de Ripley

Ripley debaixo d'água

O garoto que seguiu Ripley

A chave de vidro

Patricia Highsmith

Sala dos Homicídios

Morte no seminário

Uma certa justiça

Pecado original

A torre negra

Morte de um perito

O enigma de Sally

O farol

Mente assassina

Paciente particular

Crânio sob a pele

Mortalha para uma enfermeira

P. D. James

Música fúnebre

Morag Joss

Sexta-feira o rabino acordou tarde

Sábado o rabino passou fome

Domingo o rabino ficou em casa

Segunda-feira o rabino viajou

O dia em que o rabino foi embora

Harry Kemelman

Um drink antes da guerra

Apelo às trevas

Sagrado

Gone, baby, gone

Sobre meninos e lobos

Paciente 67

Dança da chuva

Coronado

Dennis Lehane

Morte em terra estrangeira

Morte no Teatro La Fenice

Vestido para morrer

Morte e julgamento

Acqua alta

Enquanto eles dormiam

Donna Leon

A tragédia Blackwell

Ross Macdonald

É sempre noite

Léo Malct

Assassinos sem rosto

Os cães de Riga

A leoa branca

O homem que sorria

O guerreiro solitário

Henning Mankell

Os mares do Sul

O labirinto grego

O quinteto de Buenos Aires

O homem da minha vida

A Rosa de Alexandria

Milênio

O balneário

Manuel Vázquez Montalbán

O diabo vestia azul

Walter Mosley

Informações sobre a vítima

Vida pregressa

Joaquim Nogueira

Revolução difícil

Preto no branco

No inferno

George Pelecanos

Morte nos búzios

Reginaldo Prandi

Questão de sangue

Os ressuscitados

O enigmista

Ian Rankin

A morte também frequenta o Paraíso

Colóquio mortal

Lev Raphael

O clube filosófico dominical

Amigos, amantes, chocolate

Alexander McCall Smith

Serpente

A confraria do medo

A caixa vermelha

Cozinheiros demais

Milionários demais

Mulheres demais

Ser canalha

Aranhas de ouro

Cientes demais

A voz do morto

A segunda confissão

Rex Stout

Fuja logo e demore para voltar

O homem do avesso

O homem dos círculos azuis

Relíquias sagradas

Um lugar incerto

Fred Vargas

A noiva estava de preto

Casei-me com um morto

A dama fantasma

Janela indiscreta

Cornell Woolrich

Copyright © 2006 by Luiz Alfredo Garcia-Roza
Todos os direitos reservados.

Projeto gráfico da capa:
Elisa v. Randow

Foto da capa:
Bel Pedrosa

Preparação:
Mirtes Leal

Revisão:
Otacílio Nunes
Isabel Jorge Cury

ISBN 978-85-8086-383-3

Os personagens e as situações desta obra são reais apenas no universo da ficção; não se referem a pessoas e fatos concretos, e sobre eles não emitem opinião.

Todos os direitos desta edição reservados à

EDITORA SCHWARCZ LTDA.

Rua Bandeira Paulista, 702, cj. 32

04532-002 — São Paulo — SP

Telefone: (11) 3707-3500

Fax: (11) 3707-3501

www.companhiadasletras.com.br

Table of Content

[Capa](#)

[Rosto](#)

[PARTE I](#)

[Confrontação](#)

[1](#)

[2](#)

[3](#)

[4](#)

[5](#)

[PARTE II](#)

[A caminho da escola](#)

[1](#)

[2](#)

[PARTE III](#)

[Cul-de-sac](#)

[1](#)

[2](#)

[3](#)

[4](#)

[5](#)

[Série policial](#)

[Créditos](#)